

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC / SP**

Elizete Conceição Silva

**Sob a lente da subjetividade:
a humanidade em foco**

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

São Paulo
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC / SP

Elizete Conceição Silva

Sob a lente da subjetividade:
a humanidade em foco

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais (Antropologia), sob a orientação do Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho.

São Paulo
2009

Banca Examinadora

Dedicatória

aos meus pais,
João (*in memoriam*) e Carmen, que,
ao transporem as barreiras apresentadas
ao longo da vida, mesmo com suas
limitações, conseguiram manter em mim
acesa a chama da esperança e do amor
tão necessária para a concretização desta
etapa de minha vida.

Agradecimentos

À CAPES pela concessão de bolsa que viabilizou a realização desta produção acadêmica.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Edgard de Assis Carvalho, pelo interesse, estímulo e, principalmente, pela confiança depositada em mim e pela disponibilidade em contribuir com seu conhecimento para a realização deste trabalho.

Às Prof.^{as} Dr.^{as} Márcia Regina de Carvalho (*in memoriam*) e Elizabeth Frohlich Mercadante pelo incentivo e amizade.

Às minhas irmãs e família e meus amigos por sua compreensão, carinho e cumplicidade nas adversidades enfrentadas na elaboração desta tese.

À bondade do Amor infinito.

Elizete Conceição Silva

Sob a lente da subjetividade: a humanidade em foco

RESUMO

Ao investigar o processo da construção identitária do sujeito e ao apoiar-se na questão cultural e em seus desdobramentos, tais como alteridades, simbolizações, bem como ao considerar que a nova ordem social perante o fenômeno da globalização e das transformações que esta, a cada dia, apresenta ao mundo, o indivíduo em sua singularidade tem de se reestruturar e se readequar aos novos tempos, readequação essa que traz junto possibilidades tanto de crescimento, estagnação como de retrocesso. Paralelamente à análise teórica e investigativa, recorre-se a filmes, a histórias de vidas de personagens que possibilitam a visualização de fatos, de alteridades, de singularidades e de unidade entre os seres humanos. Ao se promover um recorte nas relações de trabalho e ao inquirir sobre como é presenciado este momento pelo sujeito, volta-se para a análise do fator cultural e sua construção, bem como se considera a relevância da subjetividade em um pensamento aglutinador na busca do conhecimento e da promoção de uma vida mais consciente e harmoniosa nos âmbitos pessoal e conseqüentemente social.

Palavras-chave: trabalho, subjetividade, cultura, humanidade

Elizete Conceição Silva

Sob a lente da subjetividade: a humanidade em foco

ABSTRACT

When the process of investigation of citizen' identity construction and supporting themselves in the cultural question and its related issues, such as otherness, symbolizing, as well as considering that new social order before the o phenomenon of the globalization and the transformations that this presented to the world every day, the individual, in its singularity, has to reorganize and adjust itself according to the moment, and these actions that carries also possibilities of growth, stagnation, as well as retrocession. Parallel to the theoretical and investigative analysis, someone appeals to films, histories of lives of personages who make possible the visualization of facts, otherness, singularities and unit between human beings. promoting a clipping in the work relations its promoted and when inquiring about the moment witnessed by the citizen, the cultural factor and its construction gets the focus on the analysis, as well as the relevance of subjectivity is considered in an agglutinant thought, focusing the search of the knowledge and the promotion of a life with a higher level of conscientiousness and harmonys in the scopes personal and consequently social.

Words key: work, subjectivity, culture, humanity

Elizete Conceição Silva

Sob a lente da subjetividade: a humanidade em foco

RÉSUMÉ

À l'investigation du processus de la construction de l'identité; à l'appui de la question culturelle et ses enchaînements, tels quels les alterités et les symbolisations; et à la considération de la nouvelle ordre sociale qui se présente au monde, y inclus la mondialisation et ses transformations, l'individu, à sa singularité, doit se réaménager et se réadapter aux nouveaux temps; cette réadaptation apporte des possibilités de croissance autant que stagnation et recul. De façon parallèle à l'analyse théorique et investigative, on fait appeler aux films, aux histoires de vies de personnages qui puissent possibilliter l'égard de faits, d'alterités, de singularités et d'unité parmi les êtres humains. À la promotion d'une rupture des relations de travail et à la demande de la présence de ce moment par le sujet, on revient à l'analyse du facteur culturel et de sa construction, et à considérer l'importance de la subjectivité d'une pensée d'assemblage à la recherche de la connaissance et de la promotion d'une vie plus consciente et harmonieuse personnelle et, par conséquence, socialement.

Mots-clés: travail; subjectivité; culture; humanité.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
------------------	----

CAPÍTULO I – MAL-ESTAR DA MODERNIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

1	Filme “O Corte” de Costa Gavras (2005)	33
1.1	Ficha de apresentação do elenco	33
1.2	Sinopse	34
2	Consequências na organização produtiva	35
2.1	Novos modos de organização	37
3	Consequências para o ser humano	42
3.1	Diversidade comportamental em face do novo	51
3.2	Produção do lixo	55
3.3	A exclusão	57
3.4	Desorganização do tempo e a organização da vida	62
3.5	A liquidez do desejo	65
3.6	A servidão	67
4	Subjetividades	69
4.1	O eu e o outro	71
5	Quadro atual	75

CAPÍTULO II – PENSAR A CULTURA NOS NOVOS TEMPOS

1	Filme “Clube da Luta” de David Fincher (1999)	81
1.1	Ficha de apresentação do elenco	81
1.2	Sinopse	82
2	Cultura	83
3	Crise cultural	91
4	A cultura do lixo	98
5	O lugar do lixo	102
6	Cultura do consumo e identidade	108
7	Relação: objeto de consumo e a identidade pessoal	112
8	Campo da luta	115

9	Cultura x indivíduos	121
10	A fantasia e o real	127

CAPÍTULO III – INDIVIDUALIDADES E SUBJETIVIDADES ATUAIS

1	Filme “Uma Vida Sem Limites” de David Fincher (1999).....	133
1.1	Ficha de apresentação do elenco.....	133
1.2	Sinopse.....	134
2	Individualidades	136
3	Pensamento aglutinador	141
4	Identidade	145
5	O mal-estar de atrelar-se a uma representação	149
6	A identidade genérica humana	158
7	Subjetividades atuais.....	161
8	Sequestro da subjetividade.....	165
9	A subjetividade humana.....	173
10	Ao fechar as cortinas e apagar as luzes... ..	177

CAPÍTULO IV – MOVIMENTO CIRCULATÓRIO: Sujeito / Cultura / Subjetividade

1	Filme “Tudo sobre minha mãe” de Pedro Almodóvar (1999).....	183
1.1	Ficha de apresentação do elenco.....	183
1.2	Sinopse.....	184
2	O ser humano	185
3	A imperfeição da vida	188
4	Humanidade	193
5	Alteridades.....	197
6	O respeito e a responsividade	201
7	A civilização e o amor	212
8	O amor.....	216
9	Características do amor.....	222
10	Amar e ser amado	225
11	Formato e novidade	228
12	Ética do amor?.....	231

CONSIDERAÇÕES FINAIS	234
REFERÊNCIAS	241
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	246
ANEXOS	248

INTRODUÇÃO

“O destino é o que baralha as cartas
mas nós somos os que jogamos”
William Shakespeare

Como em momentos anteriores, a nova apresentação do capitalismo exige dos indivíduos uma remodelagem e uma adaptação da vida aos valores por ele apregoados. O modo produtivo presente na sociedade repercute diretamente na maneira de ser, de se organizar e de se relacionar do homem.

Juntamente com o processo de globalização, a sociedade desde meados da década de 80 do século XX sofre transformações que fazem com que o indivíduo reorganize sua vida, seja no tocante ao modo de viver, seja em relação aos valores sociais e individuais. O atual modo de organização se processa em uma total desconstrução, quer na esfera individual quer na social, dos princípios arraigados ao longo do tempo.

Se na sociedade anterior à globalização, o tempo produtivo esteve diretamente ligado à identidade do sujeito e por ele o indivíduo era identificado, valorizado ou estigmatizado pela forma como, e em que atividade, ocupava o seu tempo produtivo, na presente sociedade, essa relação se torna inviável, ou, por que não dizer, impossível.

Senett (2001) observa que uma das consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo é a corrosão do caráter. Anteriormente, ao sujeito era possível traçar uma narrativa linear de vida; por possuir segurança e estabilidade nas relações produtivas, sociais ou emocionais, ele sentia-se dono de sua vida e podia traçar metas a longo prazo; atualmente isso é impossível; valores relacionados à solidez inexistem. Presencia-se a eterna instabilidade, insegurança; a vida passa a ser a soma de fragmentos.

As consideradas qualidades do bom trabalho não são as mesmas do bom caráter. À medida que as relações de curto prazo predominam e o trabalho em equipe é abolido, transtornos e ausência de autoridade tornam-se frequentes. Não

é mais possível falar de obrigação formal, de confiança, de compromisso mútuo, por se tratar de qualidades de relações de longo prazo.

A exclusão e o fracasso é o destino do indivíduo que busca a solidez, a estabilidade e não aceita correr riscos, tornar-se flexível. Aceitar e correr riscos é um teste de caráter; o que importa é o esforço, o fracasso é apenas mais um incidente.

Como tudo se torna flexível, instável e fluido, as relações interpessoais profundas são impossibilitadas de se estabelecer. O desligamento, o romper laços passa a ser imperativo para o indivíduo que não quer ser excluído. Descomprometimento, superficialidade passam a gerir as relações individuais no cotidiano; falta responsividade, falta partilha, falta, enfim, destino partilhado.

Os valores e as práticas da cultura do novo capitalismo não são mais capazes de manter os indivíduos unidos. A exacerbação do individualismo e o hedonismo passam a ser reações comuns apresentadas pelo sujeito, as quais promovem situações conflitantes externa e interiormente em relação a si mesmos.

Se exteriormente, na esfera social avoluma-se o número de violências, na esfera pessoal, o indivíduo é acometido de diversos distúrbios, como *stress*, depressão e compulsão ao consumo. Devido à relação dialética existente entre sociedade e indivíduo, ambos se encontram em uma situação de fragilidade extremada.

Para Senett (2006, p. 161-162), a cultura atual promove a mudança pessoal, mas não o progresso coletivo e ainda,

[...] A cultura do novo capitalismo está sintonizada com acontecimentos singulares, transações únicas, intervenções; para progredir, uma comunidade organizada precisa contar com relações continuadas e experiências cumuladas [...]

Por não ter onde se apoiar política, econômica e socialmente, e não possuir valores que lhe sirvam de âncora mental e emocional, o indivíduo sente-se à deriva e solitário. Em uma sociedade alicerçada em valores tão contrários aos de outrora, torna-se impossível manter-se o mesmo.

Bauman (2007) define a sociedade atual de sociedade líquida, contraposta à anterior (até meados da década de 80 do século XX) de valores sólidos e duradouros.

Para o autor, a sociedade, que promove valores instáveis, torna a vida um eterno recomeço e propaga o descompromisso, o desligamento, em relação seja a objetos seja a pessoas como prioridade sobre a aquisição ou conservação. Trata-se de uma sociedade líquida. A liquidez da sociedade e a da vida se alimentam e se revigoram mutuamente.

Segundo Bauman (2007, p. 7), na sociedade líquida, *[...] as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em passivos, e as capacidades, em incapacidades [...].*

Não há como compor uma sociedade líquida e sentir-se seguro, estável, ancorado. A vida líquida é uma vida precária, na qual reina a incerteza, a inconstância; a ênfase recai sobre o esquecimento, a substituição. A vida do indivíduo encontra-se em constante *sursis*.

Como consequência dos valores de liquidez e do descarte, promovidos pela sociedade líquida, a indústria da remoção do lixo assume posição de destaque. Se tudo é descartável, se o prazo de vida é curto, os dejetos têm de ser removidos o mais rapidamente possível e com extrema eficiência para que não incomodem ou acarretem situações delicadas.

Ainda de acordo com Bauman (2007, p. 10), essa forma de apresentação da sociedade líquida ignora que *[...] aquilo que essa criação destrói são outros modos de vida e, portanto, de forma indireta, os seres humanos que os praticam [...]*, é a denominada dança das cadeiras. O indivíduo se vê premido a se atualizar, a modernizar-se incessantemente se não quiser ficar do lado de fora. Estar de fora é ser um excluído, é não ser possuidor dos elementos considerados primordiais para estar dentro, ser incluso.

Assim como se produz o lixo de detritos e objetos, o refugo humano também é uma produção da sociedade líquida. O refugo humano são os indivíduos considerados inúteis, desnecessários ao mundo produtivo; eles não

possuem aptidão adequada para concorrer com os demais no mercado por uma vaga de emprego, por suas atividades tornarem-se obsoletas ou por não terem capacitação para as novas formas de produção.

Por outro lado, se a sociedade líquida promove o descarte rápido e indolor, o mercado se diversifica e oferece produtos que atendem as alteridades individuais e os mais diferentes setores, desde gêneros de primeira necessidade, como os alimentícios, até à estética. O mercado de consumo é aquecido e atende a urgência do consumidor e a velocidade com que os mais diferentes produtos são demandados.

Ao indivíduo é oferecido um grande leque de opções, até mesmo de identidade. O mercado está à disposição para que o consumidor possa compor e recompor a identidade que desejar, no momento e por quanto tempo desejar. Em *Vida líquida*, Bauman (2007, p. 45) afirma que, não havendo mais permanente,

[...] a 'identidade' se tornou algo principalmente auto-empregado e auto-atribuído. O resultado dos esforços com que os indivíduos devem-se preocupar é reconhecidamente temporário e com uma expectativa de vida indefinida, mas provavelmente curta.

A transitoriedade, a fluidez, a perecibilidade, a inconstância, os riscos constantes, a insegurança, a insatisfação e a síndrome consumista são algumas das características da sociedade líquida. Nela, nada nasce para viver muito; um dos poucos ramos da produção que cresce é a indústria da remoção do lixo. Solidez tornou-se sinônimo de lixo.

Por algumas especificidades biológicas, psíquicas, físicas e sociais se definem algumas características próprias da natureza humana, a humanidade. Estar e se sentir vivo não é simplesmente realizar o ato de respirar ou sentir o compasso das batidas do coração; viver abrange muito mais. O ser humano constitui-se de razão e emoção. Como portador de sonhos, desejos, necessidades, ele sente medo, tristeza, alegria, abandono, proteção; ele sonha, pensa, sente e age, é um ciclo ininterrupto.

O ser humano vive em busca de sua realização e a cada momento que alcança uma meta, outra se estabelece. É incessante a busca de realização do ser humano, independente da área de sua vida: profissional, material, afetiva. Desde sempre o homem, juntamente com o desenvolvimento da técnica, mantém relações sociais, físicas e amorosas; ele não vive só. Essas relações foram e são estabelecidas por meio de um pacto, escrito ou não, em que se firmam limites, punições, obrigações, direitos e deveres.

A presente tese volta-se para a apresentação da sociedade contemporânea, suas relações produtivas, sua cultura, bem como para o indivíduo em sua subjetividade. O ponto central da investigação é como a subjetividade do indivíduo, um ser bio-físico-psíquico-social-eco-político, que teve por longo tempo sua identidade definida pelo trabalho se sente frente às transformações promovidas pelo novo modo de organização.

Quando se torna impossível ser identificado pelo trabalho exercido, como fica a subjetividade do indivíduo, principalmente daquele que se encontra no mercado de trabalho há 20 (vinte), 30 (trinta) anos e pela ideologia propagada ao longo desses anos, atrelou sua identidade à atividade produtiva. Considerando-se que a experiência e a solidez já não são valores viáveis para se manter incluído na sociedade que tem como palavra de ordem a flexibilidade, bem como as diversas maneiras de vivenciar o quadro atual, isso é o que a tese se propõe.

Busca-se desenvolver um pensamento integrado no tocante ao estudo da sociedade, cultura, indivíduo e atividade produtiva, por considerar que, ao reunir saberes, a visão torna-se mais rica e completa. Para tal intuito recorre-se à filosofia, à psicanálise, à política, à antropologia, à biologia e à sociologia.

Por considerar que o ser humano é dotado tanto de um corpo, como de uma mente e de um espírito, acredita-se que, ao interligar os conhecimentos, seja possível alcançar uma mais ampla compreensão de sua complexidade. A partir de então contribuir para o bem estar individual e conseqüentemente social.

Observa em relação à noção do sujeito, Morin (1996, p. 49) [...] *assim como a auto-organização é de fato auto-eco-organização, de igual modo, a auto-referencia é a auto-eco-referencia, ou seja, para referir-se a si mesmo, é preciso*

referir-se ao mundo externo. Para compreender o indivíduo é necessário considerar sua cultura, mas não desconsiderar sua natureza é essencial.

Propõem-se na presente tese, desenvolver um outro tipo de pensar, não um pensamento fragmentado, mas um pensamento que ao unir os conhecimentos produzidos até então a respeito do indivíduo e da sociedade possibilite a cada indivíduo em particular tomar consciência de suas potencialidades, características e da relevância de seu papel enquanto sujeito e cidadão.

Optou-se, juntamente com a parte teórica, por fazer uso de filmes para que o leitor além de ler, tenha às mãos a possibilidade de utilizar outro recurso que facilite a visualização do que será analisado ao longo de cada capítulo. A opção por filmes ocorre por serem considerados ricos instrumentos de análise da representação humana e por proporcionarem, além da imagem e da visualização, a linguagem.

Em *O cinema ou o homem imaginário*, Morin (1997, p. 16) revela que, ao estudar o cinema, descobre que o imaginário é parte constitutiva da realidade humana e afirma [...] *É enquanto representação de representação viva que o cinema nos convida a refletir sobre o imaginário da realidade e sobre a realidade do imaginário.*

O cinema descentra o sujeito em relação à sua imagem. Olha-se de fora, como quem olha o “outro”. O cinema e a psicanálise nascem praticamente no mesmo momento. Freud, ao conceber o inconsciente, retira o sujeito do palco; Rivera (2008, p. 23), referindo-se a Freud, diz que, ao conceber o inconsciente, ele retira o sujeito do palco e que ao estudar sobre o sonho afirma [...] *‘os sonhos são inteiramente egoístas’ e nota que outro personagem do sonho pode esconder o próprio eu [...].*

As imagens podem apresentar-se em uma dimensão proporcionadora da ilusão de uma organização que propicia tranquilidade, ou, em uma outra dimensão que pode levar à vertigem, devido ao fato de ao telespectador não ser possível sentir-se soberano de sua vida. A imagem impossibilitadora de visão de falhas, que apresenta o mundo como homogêneo e organizado, capaz de tranquilizar o telespectador e de fazê-lo se sentir senhor de sua própria casa é denominada de imagem-muro.

A outra dimensão da imagem é a denominada de imagem-furo. Trata-se da imagem que problematiza a realidade e pode levar o indivíduo a sentir-se mal por não se perceber como senhor de sua vida e por se colocar em questão. Ela o leva a refletir, a considerar a heterogeneidade existente no mundo e lhe possibilita ver os espaços irreconhecíveis, porém existentes. A imagem-furo indaga, leva o telespectador a ver as brechas entre as imagens, incomoda, faz com que se mexa na poltrona enquanto assiste ao filme.

Morin (1996, p. 52) observa [...] *o indivíduo vive num universo onde existe o acaso, a incerteza, o perigo e a morte, o sujeito tem, inevitavelmente, um caráter existencial. Leva em si a fragilidade e a incerteza da existência entre o nascimento e a morte.*

As atividades, as vidas movimentam-se em circularidade, não há apenas ordem ou desordem, alegria ou tristeza, e sim, ciclos. Se está em constante movimento, não se é o mesmo por toda uma vida, nem ao menos por um dia inteiro, mas, a cada momento de existência, o indivíduo movimenta-se e torna-se *outro*. Eu não sou apenas *eu*, mas sou eu à medida que existe o *outro*, caso contrário eu não existiria. Constantemente vivencia-se a unidade e a diversidade, a particularidade e a universalidade, não há como ser diferente. Existe o *nós*.

Ao analisar a realidade imaginária do cinema e a realidade imaginária do ser humano, Morin (1997) considera que entre ambas há um processo em espiral, ininterrupto, de modo que o espírito humano esclarece o cinema que o esclarece. A partir desse raciocínio, observa: [...] *a única realidade de que podemos estar seguros é a representação, quer dizer, a imagem, quer dizer, a não-realidade, já que a imagem nos remete a uma realidade desconhecida [...]* (MORIN, 1997, p. 15).

O autor considera que o filme evidencia o cotidiano do indivíduo. No entanto, ela é tão explícita, que impossibilita o telespectador de a ver. Essa evidência obscura confunde-se com a própria substância também evidente e obscura do ser humano, como as paixões da alma.

Vendo o cinema como uma obra aberta, capaz de possibilitar múltiplas interpretações criadoras e que, a todo momento apresenta brechas que levam o sujeito a se deparar com os paradoxos existentes, Carvalho (2008, p. 35) afirma:

Com o cinema, assumimos de vez que nossa dimensão existencial é simultaneamente rubricada pelo tempo e pelo espaço reais e imaginários, locais e universais [...].

Essas brechas nas imagens são aqueles momentos em que se depara com uma outra possível visualização. Mesmo quando se tenta encobrir o desvelamento da imagem-furo, as brechas estão presentes, elas deslizam entre as imagens. É o despertar o telespectador para o que o torna sujeito em sua essência.

O que perturba o telespectador é a profunda e contraditória sensação da semelhança e da diferença. Para Morin (1997, p. 57), [...] *Surgimos, perante nós próprios, como exteriores e, ao mesmo tempo, idênticos ao que somos, eu e não-eu, ou seja, no fim de contas, ego alter [...].*

O mal-estar que o cinema produz no telespectador ao despertá-lo é que as semelhanças só existem porque as diferenças estão presentes e o faz com que encare o que não se pode negar: não se é eu, sem o não-eu, em outras palavras, o eu só é possível pela existência dos demais eus – os outros. Essa tomada de consciência favorece a própria evolução e crescimento do ser humano.

A estrutura da presente tese consta de quatro capítulos nos quais abordam-se filmes que contribuem para o esclarecimento e análise das argumentações teóricas apresentadas ao longo do trabalho, de modo a promover gradualmente a compreensão do tema investigado e as considerações finais referentes à interlocução dos saberes apresentados.

A relevância da tese é desvelar o ser humano em sua racionalidade, mas também em sua subjetividade: o indivíduo em sua totalidade, natureza e cultura, razão e emoção, material e simbólico. A construção do mundo é compartilhada e não fragmentada; ser humano e mundo se determinam e se reconstroem em constante interação. Volta-se para um conhecimento que rompa o privilegiar a objetividade e o descartar a subjetividade.

No primeiro capítulo, denominado *Mal-estar da modernidade e suas consequências*, primeiro e sucintamente, apresentam-se as transformações ocorridas na sociedade em relação ao modo de organização produtiva e aos

novos valores propagados por ele, a fim de, posteriormente, serem apresentadas as suas consequências para o indivíduo em particular.

Constatar como ele se sente em face das transformações ocorridas e em que circunstâncias tem de modificar o modo de viver, de ser, e de ver a vida, enfim, promover um quadro atual de como o indivíduo se apresenta na sociedade denominada por Bauman (2007) de sociedade líquida é o enfoque para o qual se volta o primeiro capítulo.

Ser um indivíduo, ser único, indiviso, singular é uma batalha constante. Para manter sua individualidade, ao mesmo tempo o sujeito necessita de liberdade e de segurança, como forma de evitar o medo e se sentir amparado. Freud (1996a, p. 102) alerta que *A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização [...] O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições [...]*.

Trata-se do eixo central para a apresentação do porquê do interesse desta tese. É a partir do contexto focado neste momento que se alicerçam e se discutem as demais abordagens consideradas relevantes para a análise das subjetividades nos tempos atuais como um modo de focar a humanidade. Se o trabalho, ao longo da história, ocupou posição de destaque na vida do indivíduo e, conforme o modo de produção presente na sociedade, a mesma se organiza e se definem papéis, prestígio e autoridade, como pensar o novo modo de organização social sem que não seja necessário *eliminar* o outro?

A partir desta questão, organizam-se e selecionam-se as abordagens e as interpretações conceituais presentes até o momento de modo a compreender o que vem a ser, como viver e o que buscar / esperar da vida. Os seres humanos traçam, definem e vivenciam a vida uns com os outros. Analisa-se a cultura propagada e o seu papel na formação da sociedade, bem como na elaboração da identidade social e, conseqüentemente, na subjetividade do sujeito.

Buscar compreender o indivíduo inteiro e não fragmentado é considerá-lo como um sujeito que trabalha, que dorme, que sonha, que ama, que pensa, que sente e que, à medida que determina, também é determinado por condições e acontecimentos que fogem ao seu poder.

O filme selecionado para contemplar este capítulo foi **O Corte**, de direção de Costa Gavras. Ele enfoca a questão da exclusão do mercado de trabalho, de modo a atender os valores pertinentes à reestruturação produtiva. O personagem central (Bruno Davert) representado por José Garcia, confessa seu comportamento, pensamentos e reações durante o período em que esteve desempregado e a estratégia por ele adotada para incluir-se no trabalho.

Além de promover a reflexão e apresentar outras formas de vivenciar a exclusão do mercado de trabalho de modo a ressaltar que a soberania das individualidades reside na escolha de opções do modo de viver em e na sociedade, ele alerta para as implicações sociais e as individuais ocorridas neste momento, como as ocorridas no caráter do indivíduo. O filme, sobretudo proporciona espaço de indagação a respeito da relação entre identidade e trabalho, em que ela se fundamenta e mostra as suas implicações para o sujeito.

(A) – (Dr. Quinlan) Senhor Davert, minha mensagem é: você não é seu trabalho.

(B) – (Bruno Davert) Tirando o meu trabalho me tiraram a vida! Minha vida! Estragaram a vida da minha família inteira, certo, trabalho não é tudo, mas sem ele, o que sou? Como posso ficar?¹

Em meio a tantos avanços tecnológicos e discussão de sua repercussão no modo de vida do indivíduo, torna-se impossível desconsiderar o fator cultural. Discorrer sobre sua concepção e sua relação com a sociedade é a proposta do capítulo II, *Pensar a cultura nos novos tempos*. Considerar a cultura, a partir de uma visão multilinear e ver que ela estabelece um elo entre uma civilização específica e a humanidade universal é o caminho que se propõe a trilhar para a compreensão da cultura do consumo e seus paradoxos, presentes atualmente.

¹ As falas referentes aos filmes serão transcritas com fonte Monotype Corsiva, para diferenciá-las das citações.

Por ser a cultura dinâmica e estar em constante movimento, ao ser humano não se permite ser impermeável; ou se adapta ou morre. O sujeito e todas as suas relações sofrem modificações independentemente do grau; não há como querer, buscar e ser o mesmo por toda a vida.

Paradoxalmente, a cada dia fala-se, vê-se ou se vivencia a exclusão. Refletir em quais e por quais situações o indivíduo é premido a responder e a lutar, bem como a questionar se tem de ser assim ou se a cultura atual tem, de algum modo, promovido a exclusão social do ser humano é o enfoque deste capítulo.

Refletir a concepção, valores e caminhos pelos quais a cultura se apresenta na sociedade humana é de extrema importância para a compreensão da atualidade. Os processos históricos não podem ser desmerecidos e eliminados para os que buscam a compreensão da formação, constituição e organização social. Torna-se imprudente e limitado lançar um único olhar para a sociedade, no caso o da cultura.

O ser humano é portador tanto de uma cultura como de uma natureza. Concebê-lo como um ser puramente cultural, ou puramente natureza é uma maneira equívoca de entendê-lo em sua humanidade. Os valores e atitudes interiorizados pelos indivíduos não devem ser considerados como determinantes para a sua ação e sim como parâmetros que viabilizam a sua compreensão. A cultura, vista como condicionante à ação dos indivíduos, é uma visão equivocada, que desconsidera a intencionalidade constituinte do homem.

Eagleton (2005, p.141) lembra [...] *o que é peculiar a respeito de uma criatura criadora de símbolos é que pertence à sua natureza transcender a si mesma [...]*. Independentemente das normas, regras estabelecidas pela sociedade, o indivíduo tem seu espaço de ação e pode transgredi-lo. A sua adesão às regras e às normas dá-se em nível involuntário e voluntário.

A cultura disciplina, amalgama, modela o “eu”, no mesmo tempo que o celebra. Ela direciona as possibilidades, os limites, as fronteiras do permitido e do proibido, mas não se pode negar a autonomia do espírito e a própria natureza do ser humano enquanto ser social.

A cultura processa-se deste modo porque, enquanto ser humano, ser social, vive-se em sociedade e necessita-se de um eu social, coletivo, que o represente enquanto coletividade, humanidade. Ressalta-se que esse eu social é a representação de um nós e não uma imputação do eu.

O nós só existe à medida que o eu singular torna-se plural e este plural se singulariza em um nós. Para Eagleton (2005, p. 18) [...] *A cultura é uma forma de sujeito universal agindo dentro de cada um de nós, exatamente como o Estado é a presença do universal dentro do âmbito particularista da sociedade civil [...].*

Indagar a cultura é refletir sobre a vida em sociedade. A cultura de uma sociedade expressa-se na forma de viver, nos valores vivenciados no cotidiano pelos indivíduos. Há todo um código social, simbólico estruturado e costurado no modo de vida, assim como no contexto histórico. A cultura não é algo sobre ou além do sujeito; ela se dá a partir dele.

O ser humano é natureza e cultura por inteiro, move-se na conjunção do concreto e do universal, do corpo e do meio simbólico. Não se é um ser apenas natural ou apenas cultural, é-se o resultado, a ação e a interação de ambas, em um constante remodelar-se, de acordo com as necessidades e temporalidades, o que causa no indivíduo um certo mal-estar. De acordo com Freud (1996a, p. 91) [...] *todo homem tem de descobrir por si mesmo de que modo específico ele pode ser salvo [...]. Nisso, sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas.*

Só inserido em uma cultura é que o ser humano se realiza como indivíduo, mas permanece inacabado, por não poder realizar todas as possibilidades por ele desejadas. Por outro lado, o que o forma culturalmente enquanto indivíduo e possibilita sua realização é também capaz de subjugar-lo – a identidade social. O social não é o que o indivíduo almeja particularmente ter, viver ou seguir, mas representa o que é considerado naquela sociedade, dentro das condições materiais, históricas, naturais existentes, o que melhor satisfaz a todos enquanto unidade. Ela é estabelecida a partir dos particularismos, da pluralidade, tornando-se unidade na pluralidade.

A cultura compõe-se de regras, normas, valores, crenças. Para Morin (2005b, p. 166), *A cultura é, no seu princípio, a fonte geradora/regeneradora da*

complexidade das sociedades humanas. Integra os indivíduos à complexidade social e condiciona o desenvolvimento da complexidade individual.

Para compreendê-la há que se religar saberes; não se pode ficar em um único meio de explicação, necessita-se buscar interpretações em outras fontes. Ao invés de dissecar o conhecimento por áreas, precisa-se adentrar no conhecimento da humanidade, e este é complexo e não segmentado. A cultura engloba o biológico, o social, o político, a psique. É chegada a hora de romper com a separação entre o físico e o psíquico, entre a natureza e a cultura, entre o material e o espiritual; o ser humano é o todo: é a unidade das particularidades e, para compreender seu modo de agir, de pensar, de se relacionar na sociedade contemporânea, tem-se de desenvolver este olhar.

Para Carvalho (2003, p. 87), [...] *A mudança de paradigma, só se efetivará se o homem passar a ser entendido como um ser vivente simultaneamente cosmo-psico-bio-antropossocial, inteiramente descentrado de sua arrogância e superioridade.*

Não há como separar conhecimento de como se apresenta a sociedade. Por menor e mais simples que seja, o conhecimento produz uma mudança social. A forma de organização da sociedade, suas regras, valores, crenças se estabelecem, se remodelam e se reorganizam à medida que o conhecimento se amplia. Em decorrência, o sujeito se desenvolve e se modifica mental, física, moral, política e socialmente.

Torna-se imprescindível romper com o determinismo. A todo momento, ocorrem transformações no interior do indivíduo e/ou no espaço exterior por ele vivido. Para quem busca o conhecimento como forma de proporcionar uma vida confortável e mais digna ao ser humano é necessário manter-se eternamente aberto aos desdobramentos, às reconfigurações e às novas conexões a serem estabelecidas.

Do mesmo modo, as transformações nos valores, na moralidade, nos modos de organização social, familiar, profissional, produtivo, ocorreram ao longo do processo civilizatório e continuam presentes, ainda hoje, na contemporaneidade. Eagleton (2005, p. 38-39), afirma [...] *A cultura não é alguma*

vaga fantasia de satisfação, mas um conjunto de potenciais produzidos pela história e que trabalham subversivamente dentro dela.

Há um choque entre a cultura universal e a cultura particularista, assim como entre a cultura específica de um grupo e a cultura nacional, o que na contemporaneidade gera um conflito global.

Essa é a problemática da sociedade contemporânea em relação à cultura e à identidade do sujeito. Eagleton (2005) afirma que as guerras culturais acontecem em pelo menos três fatores: em cultura, como civilidade, em cultura, como identidade, e em cultura, como algo comercial ou pós-moderno. A cultura deixa de ser considerada como uma forma relevante de valor para qualquer modo de vida e passa a se definir como um modo de vida distinto.

O filme que contempla este capítulo é o **Clube da luta**, dirigido por David Fincher. Indagações, reflexões e mensagens borbulham constantemente e nas mais diversas direções ao telespectador, porém o que se propõe neste momento é analisá-lo sob o enfoque da cultura do consumo. Buscar a contribuição da psicanálise para entender as alternativas adotadas pelo personagem central Jack, vivido pelo ator Edward Norton, quando toma consciência de que se torna um escravo do consumismo caseiro, bem como volver o olhar à natureza e à cultura do ser humano na apresentação de sua subjetividade é a contribuição central do filme, neste momento.

Nossa guerra é espiritual, nossa depressão são nossas vidas; seu emprego não é o que você é, você é a merda ambulante do mundo.

(Tyler)

No terceiro capítulo, *Individualidades e subjetividades atuais*, desenvolve-se não só o entendimento do indivíduo enquanto um ser múltiplo, não fragmentado, definido seja por sua natureza seja por sua cultura, mas também a relação com a identidade social e a subjetividade individual do ser humano. O foco é buscar a compreensão do indivíduo enquanto um ser múltiplo e uno. Para isso, recorre-se aos conhecimentos provindos da Psicanálise, Antropologia,

Filosofia, Sociologia, que contribuem para a compreensão desse animal que se diferencia dos demais não apenas por sua natureza, ou apenas por sua cultura, mas por toda uma complexidade inerente à sua natureza humana.

Bauman (2005a, p. 11) considera que a questão da identidade

[...] também está ligada ao colapso do Estado de bem-estar e ao posterior crescimento da sensação de insegurança, com a 'corrossão do caráter' que a insegurança e a flexibilidade no local de trabalho têm provocado na sociedade [...]

Neste momento, abre-se um leque para o subjetivo, o não-mensurável, o imaterial, não menos presente na constituição do ser humano. Não se sobrepõe nenhum saber ao outro, mas estes são interpenetrados na análise do sujeito, na ampliação do domínio cognitivo reflexivo. Volta-se para um conhecimento alicerçado não apenas no visível, no demonstrável, no concreto, até então considerado o real, o objetivo, o racional. Não se nega sua existência e sua relevância, mas permite-se abrir um outro leque, o da subjetividade.

Torna-se necessário religar saberes relativos ao ser humano, para melhor compreendê-lo e auxiliá-lo. Considerar o indivíduo enquanto uno e múltiplo é concebê-lo enquanto portador da totalidade da vida e, ao mesmo tempo, por sofrer determinações exteriores, ele se diversifica.

Morin (2005b, p. 63) esclarece a unidade e a diversidade do indivíduo da seguinte maneira:

[...] cada ser humano dispõe cerebralmente de todas as potencialidades inteligentes, mas predisposições hereditárias, determinações familiares, culturais, históricas, acontecimentos ou acidentes pessoais limitam-nas, inibem o exercício ou, ao contrário, estimulam-nas [...]

A unicidade singular do indivíduo é a coisa mais universalmente partilhada. O indivíduo vive dialogicamente para si e para o outro. Só é possível referir-se a si mesmo, referindo-se ao mundo externo. É a autoecorreferência

apresentada por Morin (1996, p. 51) no texto *A Noção de sujeito*, no qual ele, referindo-se ao princípio de exclusão, diz ser inseparável do princípio de inclusão e é isso que faz [...] *com que possamos integrar em nossa subjetividade outros diferentes de nós, outros sujeitos. Podemos integrar nossa subjetividade pessoal numa subjetividade mais coletiva: 'nós' [...].*

A idéia de identidade nasceu da necessidade de pertencimento, da necessidade de definir quem somos. Para Bauman (2005a), a identidade é uma convenção socialmente necessária, ela esclarece e estabelece limites e definições tanto para o indivíduo em particular quanto para os indivíduos presentes na sociedade, é a vida social.

Ter uma identidade atrelada ao pertencimento é uma luta constante contra a fragmentação. Esta se fragmenta porque, para o indivíduo ser portador de uma identidade, excluem-se outras identidades. Ser identificado por uma determinada profissão, segmento ou qualquer outra variável é manter-se bem próximo da lata de lixo, tema abordado no capítulo anterior.

Nessa situação, com as contingências impostas pela vida, a identidade do indivíduo passa por descontinuidade, por momentos de desconstrução e construção, desordem e ordem. Uma forma de vivenciar esses momentos é o que o filme **Uma vida sem limites** – dirigido por Kevin Spacey, o qual também vive o personagem principal Bobby Darin – proporciona aos telespectadores. Diante dos acontecimentos ao longo de sua vida pessoal e profissional, Bobby Darin se vê em um momento em que não é mais possível querer e continuar a ser o mesmo. Revoltar-se então com o fato ou lutar, para que novas situações possam ser vividas, é o dilema. O caminho é íngreme, desconhecido, mas refletir qual a procedência dos limites da vida é a grande tarefa. O filme instiga o telespectador a refletir o valor da vida bem como a olhar as contingências, os desafios que se apresentam ao longo da caminhada com um olhar de superação, encarar a realidade, afinal *não se pode errar com a verdade!*

No quarto capítulo, *Movimento Circulatório: sujeito / cultura / subjetividade*, desenvolve-se um diálogo a partir das idéias apresentadas nos capítulos anteriores de modo a promover uma proposta de pensamento e, por que não, uma sugestão de resgate da vida humana em sua totalidade em uma

sociedade que se metamorfoseia constantemente. *Só quero me encontrar, só isso* (Bobby Darin).

Caso se considere que a eterna busca do indivíduo é manter a vida e alcançar a felicidade, faz-se necessário estar sempre pronto para renascer constantemente; morte e vida, ambas presentes a todo momento em uma relação cíclica. Impossível evitar o novo, o acontecimento, impossível evitar rupturas e encontros na trajetória da vida.

Todorov (2005, p. 153) reflete a vida humana e diz que ela [...] *se desenrola no tempo; renunciar a procurar sua finalidade fora dela mesma conduz a aceitar viver no presente [...]*. O desafio é compreender, aceitar e agir de modo tal que o viver não seja um simples acontecimento físico-temporal, mas, sim, a responsabilidade com a vida em sua totalidade.

Ao tornar-se presente na vida a consciência da morte, o indivíduo tem possibilidade de indagar sobre o que ele quer, de que modo e em quais situações ele quer viver enquanto tem a vida. Defrontar-se com o real é traumático; há apenas o eu e o real e este momento oferece duas possibilidades, ou o enfrentamento da situação e a ressimbolização ou a estagnação no trauma.

Há uma dificuldade de encarar o real. A realidade apresenta como falso o que é verdadeiro, para poupar o mal-estar, o encarar a nudez, a fantasia fundamental que estrutura o eu do indivíduo. Não há como fugir, a vida é permeada de sofrimento e gozo, e as soluções são sempre temporárias, nunca definitivas. A inconstância é o preço para alcançar a felicidade.

Uma forma de participar do destino humano é pela existência. Se o indivíduo não existe sozinho, a união, a solidariedade, o respeito às alteridades são formas de respeitar e resgatar a humanidade.

Todorov (2005, p. 177) afirma: *O homem descobre o bem e o mal somente no estado de sociedade, e pela sociedade; mas essa descoberta não o determina num sentido ou em outro, ela lhe oferece simplesmente a possibilidade de tornar-se bom ou mal [...]*. Cabe a cada indivíduo, enquanto singular, a responsabilidade de contribuir, constantemente, com suas atitudes e ações para o

desenvolvimento de uma sociedade humana que promova a vida social dos cidadãos.

A vida, como afirma o autor, é um jardim imperfeito e fadado a permanecer assim e, além de imperfeito, é imprevisível tanto para o bem como para o mal. Esta é a grande aventura de estar vivo, de viver, e estar incontestável e interminantemente aberto para o novo, para o desconhecido.

O filme escolhido para enriquecer a reflexão deste capítulo é o **Tudo sobre minha mãe**, sob direção de Pedro Almodóvar. A atriz Cecília Roth interpreta o papel do personagem principal, Manuela. A partir de uma situação até mesmo extravagante, o filme mostra situações e personagens únicos que, sem dúvida, possuem um realismo provocador de risos e lágrimas. Ele aborda questões que se confrontam com os valores sociais conservadores, e sua relevância, neste capítulo, encontra-se no fato de levar o telespectador a descobrir ou a vivenciar algo que está em vias de extinção na sociedade atual – a fraternidade e o amor ao próximo.

Ao mesmo em tempo que leva o telespectador a se colocar frente às pessoas que diferem no convencionalmente determinado correto e, por isso, vítimas de descaso e preconceitos, o filme mostra a possibilidade de conviver com situações e pessoas com pensamentos e atitudes diferentes do protocolar, além de valorizar e aceitar a multiplicidade como exigência de ser uno e, principalmente, enxergar o outro enquanto semelhante, apesar ou a partir dos seus excessos.

Ao considerar que sozinho não se existe e nada se é, acredita-se não ser tão absurdo, infundado recuperar o amor fraterno, o amor solidário. Falar de amor, de fraternidade não é falar de um sentimento por si só, nem considerá-lo como saída para a crise, mas conectá-lo com uma ação – a saída da crise via fraternidade, via amor.

Pode ser piegas para muitos ou até mesmo não significar muito a palavra *amor*, ou falar desse sentimento tão apregoado pelos poetas, por músicos, por casais apaixonados etc., quando se trata de questões ditas sérias, importantes, tais como o desemprego, a fome, as doenças e tantas outras misérias que se presenciam na atualidade, independentemente do país, seja ele de primeiro ou

terceiro mundo, mas será que as dificuldades dependem do estado econômico, ou as depressões, as doenças cardíacas e tantas outras, bem como o desemprego, a morte seriam méritos de alguns em detrimento de outros ou, ainda, serão alguns desses acontecimentos, das contingências sobre que não se tem controle e a que se está vulnerável e propenso, a qualquer momento?

Sim. A vulnerabilidade, a inconstância, a incompletude são vivenciados pelo ser humano, não por um ou por outro, mas por todos independentemente de quaisquer variáveis tais como gênero, cultura, etc., assim como as contingências, desde o momento que nasce até o momento da morte o ser humano não tem o poder de prever e determinar por onde andará, o que o espera no futuro e o que acontecerá no dia de hoje.

O amor a que se refere neste momento é o amor ao semelhante em sua incompletude, em sua vulnerabilidade, em sua inconstância de ser humano. Decidir sobre qual atitude tomar em face dos acontecimentos imprevisíveis faz parte de seu livre arbítrio; cada indivíduo carrega consigo essa responsabilidade e essa liberdade.

A partir do momento que não mais se considera o ser humano como diferente um do outro em sua essência, ele é visto em sua nudez, sem os excessos, compreende-se que as necessidades e desejos também fazem parte de todo e de cada indivíduo. Respeitar as alteridades, desejos, aptidões, diferenças físicas é um modo de contribuir para a existência de todos os seres humanos portadores de sonhos, desejos e que querem sentir-se felizes, realizados. Reportar-se a um sentimento de responsabilidade para com o outro é, em última instância, um responsabilizar-se consigo mesmo.

Freud (1996a, p. 117), ao analisar a natureza do ser humano observa:

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o próximo e força a civilização a um tal elevado dispêndio (de energia). Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração [...]

Na contemporaneidade, a questão identitária, bem como a concepção e a compreensão de como pensá-la faz-se urgente a cada dia. Vivem-se, cada vez com mais frequência, situações conflitantes que fogem ao controle do indivíduo. Diariamente o medo, a insegurança, o tédio e tantos outros males assolam o ser humano. Não se pode mais ignorar a urgência de uma atitude.

Não há como pensar cultura isolada da política, pois elas se entrelaçam. Inquirir sobre a vida social leva a refletir sobre a organização social, familiar e política. A política tem de ser repensada. Atualmente o que se vivencia é a supremacia da política em relação à cultura; os interesses políticos governam os culturais e definem uma versão particular da humanidade.

Diz Eagleton (2005, p. 16-17):

[...] A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política ao liberar o eu ideal ou coletivo escondido dentro de cada um de nós, um eu que encontra sua representação suprema no âmbito universal do Estado. [...] O Estado encarna a cultura, a qual, por sua vez corporifica nossa humanidade comum.

Na concepção de Serres (2008), faz-se necessário dar espaço ao novo, não é mais possível continuar apenas com os formatos, protegendo-se das contingências. Urge tomar as contingências, arriscar, deixar as sandálias e sair em busca do novo, do indeterminado. Enfrentar as dificuldades, os perigos, aceitar que os caminhos são incertos, instáveis e não definitivos. Há sempre algo além para ser visto, conhecido, vivido; nada está pronto, fechado, não há definitivos e tampouco o irrevogável.

Livrar-se dos pertencimentos e empreender um novo caminho é buscar um novo homem. Um homem que exista no formato e na relatividade, no possível e no contingente, no eu e no outro. Transcender do *meu* mundo para o mundo de interações no qual o “eu” se constrói nele e a partir dele e no qual o “outro” pode ser o meu reflexo ou não, mas que sem ele eu não seria “eu”.

Ontem à noite, mamãe me mostrou uma foto. Faltava a metade. Não quis dizer a ela... mas, na minha vida, falta essa mesma metade. Hoje de manhã, mexi em suas gavetas e encontrei algumas fotos. Em todas elas, faltava a metade. Meu pai, eu imagino. Eu quero conhecê-lo. Tenho de fazer mamãe entender que não importa quem ele é... nem como ele é, nem como se comportou com ela. Ela não pode me negar esse direito. (Esteban)

Por fim, nas *Considerações Finais* faz-se uma interlocução entre os conhecimentos e filmes abordados e apresentados. Refletir até que ponto se é ou não definido por fatores externos e até que ponto se define e se decide a própria vida, ou mesmo como alcançar a felicidade tão propagada, é uma tarefa interminável; no entanto, alguns resgates podem ser feitos em primeira instância, interiormente nos pensamentos para, em seguida, adentrar na prática, no campo da ação. Pode ser utopia, mas é impossível que nunca se tenha desconfiado das transformações processadas ao longo dos séculos. O caminho do conhecimento é incerto, indefinido e eterno. Deslize...

CAPÍTULO I

MAL-ESTAR DA MODERNIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS

*Senhor Davert,
minha mensagem é:
você não é o seu trabalho
(Sr. Quinlan)*

1 Filme “O Corte” de Costa Gavras (2005)



1.1 Ficha de apresentação do elenco

Personagem	papel
Bruno Davert (José Garcia)	personagem principal
Marlène Davert (Karin Viard)	esposa
Maxime Davert (Geordy Monfils)	filho
Betty Davert (Christa Theret)	filha
Gerard Hutchinson (Ulrich Tukur)	vítima
Raymond Mâchefer (Olivier Gourmet)	vítima
Etienne Barnet (Yvon Back)	vítima
Inspetor Kesler (Thierry Hancisse)	inspetor
Quinlan Longus (Dieudonné Kabongo)	conselheiro matrimonial

1.2 Sinopse

O filme selecionado para contemplar as questões trabalhadas neste capítulo foi **O Corte**, com direção de Costa Gavras. Trata-se de questões pertinentes ao mundo produtivo, ao mundo do trabalho, em que são apresentadas atitudes e situações possíveis e prováveis de acontecer na vida de qualquer indivíduo que se encontra desempregado.

Dentro de suas especificidades e com enfoque em situações diferenciadas, o filme de Costa Gavras é uma confissão de um pai de família, acima dos 40 (quarenta) anos, alto executivo que fica desempregado. O surpreendente é a frieza com a qual ele planeja “eliminar” os concorrentes em potencial para a vaga que vem a pleitear. Paralelamente o filme retrata as relações familiares que ficam conturbadas, os problemas domésticos e o conflito interior que o personagem enfrenta.

Se o filme retrata, por um lado, o desejo, a ambição, a busca pelo poder tão presente na sociedade atual, tudo não passa de um jogo, todas as armas estão liberadas, desde que o jogo seja ganho. Por outro lado, além da única preocupação ser, em primeiro lugar, consigo mesmo e, posteriormente, com os seus mais próximos e/ou envolvidos, o descaso, o cegamento em relação ao “outro” chegam a ser incômodos. Em nenhum momento vê-se o outro igual a si mesmo e sim como um concorrente, como inimigo. O Corte possui uma riqueza ímpar de abordagem do indivíduo enquanto ser humano na íntegra – físico, financeiro, emocional, social e, principalmente, sujeito de mudanças de valores culturais e pessoais. Até que ponto se conhece, até que ponto se sabe conviver com momentos difíceis e/ou até que ponto se confia nas relações com o outro. Essas são questões que provocam um mal-estar sem medida para os que se preocupam com o caminhar desta sociedade líquida.

2 Consequências na organização produtiva

As transformações no modo produtivo e suas relações, juntamente com os avanços tecnológicos, causaram mudanças e trouxeram consequências à vida social e à vida individual do ser humano.

As transformações no mundo do trabalho, a nova gestão, a política neoliberal, seu discurso e sua ideologia são de fundamental importância e ajudam a refletir sobre a identidade ² do sujeito e suas transformações em decorrência da reorganização deste. A partir da inovação tecnológica, reestruturações são processadas no quadro, demarcando o início da recente ordem estrutural da sociedade e trazendo consigo consequências como uma reavaliação do papel social do ser humano e uma revisão de valores que se julgavam cristalizados.

Presencia-se, juntamente com as inovações no processo produtivo, uma crise da sociedade do trabalho. Historicamente, o trabalho reorganizou-se e se readaptou aos processos e modos de produção implantados pelo capitalismo, favorecendo sua manutenção. As diversas formas de interpretação do trabalho são de cunho cultural. No sistema capitalista de produção, o valor do indivíduo liga-se à função que possui e exerce. A função primeira do sujeito, neste regime econômico, é a sua reprodução, sendo o trabalho sua fonte de sobrevivência e reprodução econômica e social.

Considerando-se que o trabalho, ao longo dos tempos, ocupou um espaço central na vida do sujeito, a reestruturação do modo de produção, com base na flexibilidade e polivalência, causou sérias e graves consequências sociais e pessoais. A subjetividade foi solapada e manipulada pelos novos valores e por uma ideologia que se propaga ininterruptamente a todas as idades, profissões, sexo, religião e, independente de qual era, até então, seu modo de vida, seu

² Identidade – enquanto una e múltipla. O indivíduo, ao mesmo tempo em que é uno, singular, irreduzível, carrega consigo toda a humanidade: é duplo, plural, incontável, diverso. *O indivíduo humano não pode, certo, escapar de sua sorte paradoxal: é uma pequena partícula de vida, um momento efêmero, uma formiga, mas, ao mesmo tempo, carrega a plenitude da realidade viva – a existência, o ser, a atividade – e, assim, contém o todo da vida sem deixar de ser uma unidade elementar da vida. Ao mesmo tempo, carrega a plenitude da realidade humana, com a consciência, o pensamento, o amor, a amizade. Comporta o todo da humanidade sem deixar de ser a unidade elementar da humanidade* (MORIN, 2005b, p. 73).

pensar, seu agir, ela cria e recria valores de acordo com seus interesses. Os indivíduos são compelidos, mesmo inconscientemente, em virtude de um emaranhado de relações que são promovidas, através dos meios de comunicação, da escola ou demais ambientes nos quais atua, a aderir, a assujeitar-se às novas políticas.

Esta é minha confissão. Depois de dois anos e meio, depois desta noite, achei que todos seriam fáceis como o primeiro. Não posso mais suportar o que fiz nesta noite... sempre fui um marido, um pai, um leal funcionário... seis meses depois, fui demitido com mais 600 pessoas. Redução antes da mudança. Minha indenização foi de 15 meses e meio. Me senti um campeão. Passados dois anos eu ainda não tinha arrumado trabalho. Tinha quase quitado as prestações do carro. Tinha uma hipoteca de dez anos da minha casa e uma mulher que amava e ainda amo.

Ante a atual crise econômica, o trabalho perde o caráter enquanto direito adquirido ao longo dos tempos, resultante de vários momentos de lutas e batalhas sociais. À medida que as transformações capitalistas se processam, as relações de produção sofrem alterações. Pode-se refletir sobre o sistema fordista / taylorista de produção implantados na década de 20, do século XX.

Em uma breve retomada histórica das relações de produção, a partir do modo de produção fordista, que se caracteriza pela separação entre concepção e execução, vê-se que o trabalho apresenta-se fragmentado, com ciclos operatórios curtos e requerer-se pouco tempo para formação e treinamento dos trabalhadores. As relações sociais e produtivas que afloram à época do sistema fordista de produção marcam-se por brutalidade, mando e alienação dos trabalhadores.

Para o fordismo, o que importa é a força física; o trabalho é tido como mercadoria que precisa ser vendida para que o trabalhador possa se reproduzir e, para o capitalista, aquele que compra a força de trabalho, o importante é a

produção, pois é esta que dá continuidade à lógica capitalista: a acumulação de capital.

O fordismo pode ser conceituado como um sistema de produção racional, que define um novo modo de vida, um novo tipo de homem, concebido como uma máquina que deve ser mantida permanentemente harmonizada. Ou, nas palavras de Gramsci (2001, p. 267): *[...] o complexo humano (o trabalhador coletivo) de uma empresa é uma máquina que não deve ser excessivamente desmontada com frequência ou ter suas peças individuais renovadas constantemente sem que isso provoque grandes perdas.*

Na década de 80/90, diante das pressões competitivas causadas pela concorrência japonesa, principia o processo de implementação da inovação tecnológica e da competição em nível global. Constata-se o surgimento da era da flexibilização. O mercado passa a exigir maior flexibilidade e as empresas se reorganizam em novos patamares e objetiva a eliminação e a separação entre concepção e execução do trabalho. O trabalho deixa de ser fragmentado. Adota-se uma nova política de ação: o trabalho em equipe, a eliminação da hierarquia, a participação e a responsabilidade (dos trabalhadores) pelo sucesso da empresa. O lema dessa nova política encontra-se na tríade: produtividade, competitividade e rentabilidade.

Eu disse para mim mesmo: “esse cara pegou sua vaga”. Eu tinha de descobrir quantos caras qualificados com fotos sensuais estavam à minha frente.

2.1 Novos modos de organização

Nessa nova era, as palavras de ordem são: qualidade total, reengenharia, nova gestão, competitividade, rentabilidade, produtividade. Para alcançar os últimos três itens, necessita-se dos três primeiros. Surge um novo modo de produção e, com ele, novas relações sociais de produção são implantadas como

forma de suplantar a crise estrutural em meio à qual o fordismo / taylorismo encontra-se, no momento. Toyotismo é a denominação dada a esse novo modo de produção.

O toyotismo é implantado no Japão pós 1945 e apresenta por princípio fundamental: “menor força de trabalho e maior produtividade”. Ao se fundamentar na liofilização organizacional (empresa enxuta), promovem-se novas relações de trabalho, nas quais constata-se a presença ideológica de favorecimento humano, de valorização do trabalhador como ser íntegro: corpo, mente e espírito. Através de apologias do individualismo exacerbado, como forma de se opor ao contra-poder emergido das lutas sociais, o mesmo ocorre no plano ideológico, como forma de reorganização do capital, na busca de sua hegemonia nas diversas formas de sociabilidade.

Em outras palavras, esse individualismo implantado colabora para o enfraquecimento das organizações sociais e das lutas sociais que se instauram. Sua força e, conseqüentemente, sua aceitação desenvolvem-se através da ideologia, de forma a conquistar cada indivíduo. Frigotto (2000, p. 84) observa:

[...] a definição de um novo modelo de acumulação e regulação social, dentro de um novo reordenamento mundial, têm como consequência o aumento da exclusão social. A ideia de custos sociais e humanos materializa-se pelo aumento da miséria absoluta, da fome, da violência, de doenças endêmicas e pelo desemprego e subemprego estrutural [...]

A reestruturação produtiva que vem em resposta à crise capitalista necessita, cada vez mais, limitar os direitos sociais e os gastos estaduais correlatos, de forma a se fortalecer. Promove-se a saída do Estado do campo social, que se transforma em campo mercadológico – privatização.

Em face da crise enfrentada pelo modo de produção capitalista, no final do século XX, a política neoliberal desponta de forma a defender leis estritamente mercadológicas e acena com o fim do Estado de bem-estar social, da estabilidade de emprego, com o nascimento do Estado mínimo, com o corte abrupto das despesas previdenciárias e gastos em geral com políticas sociais. Fundamental,

mas não unívoca, a tese neoliberal funda-se em algumas posturas de ação, tais como a sua saída da economia – a idéia do Estado mínimo, bem como a restrição das garantias e estabilidade de emprego, o aumento das taxas de juros, a diminuição dos gastos e receitas públicas, entre outras.

A política liberal conservadora, implantada nos países de capitalismo mais avançado no final da década de 70 e início da de 80, passa a adentrar impositiva e praticamente no mundo em geral durante as décadas de 80 e 90; é a origem da política neoliberal que favorece o livre mercado e se afasta da promoção do bem-estar da população, de forma a promover o crescimento da situação de injustiça social, de pobreza e de desigualdade. Como resultado, o Estado assume seu papel abstencionista e nega qualquer intervenção nas políticas que o mercado adota ou possa a adotar.

Presencia-se, com a política neoliberal, a redução do papel do Estado, o qual cede espaço para as empresas multinacionais que, por sua vez, usurpam o tradicional papel do Estado e passam a exercer o controle sobre os recursos globais, a mão-de-obra e os mercados. O Estado é solapado, rechaçado. A economia transnacional estabelece seu domínio sobre o mundo; elimina-se o Estado-nação territorial, mesmo em sua função de redistribuição de renda entre sua população, por meio das transferências sociais dos serviços de previdência, educação e saúde.

Por conseguinte, na identidade do indivíduo, promovem-se mutações de acordo com as transformações processadas no âmbito da sociedade em geral. Novamente impulsiona-se a formação e a construção de um novo tipo de homem que se ajuste ao modo de produção vigente.

Tornei-me hostil e anti-social. Marlene tinha dois empregos. Eles pagavam bem pouco.

Com a introdução da tecnologia no mundo do trabalho, várias alterações efetivam-se ao longo do processo, mediante relações de produção, e possibilitam que uma nova ordem social promova-se e adentre na vida da sociedade. O

trabalho humano perde seu espaço e valor e as máquinas passam a requisitar um reduzido número de mão-de-obra humana. A tecnologia favorece a reconfiguração de valores pessoais e estruturais da sociedade.

No meio de todas essas transformações, é no corpo, na ação e no sentimento dos indivíduos que aflora o mal-estar contemporâneo. A situação que o trabalhador vivencia faz com que se veja deslocado e, por não saber mais onde se apoiar, sente-se fragilizado e à deriva; perdido e sem rumo, no desespero suspende o seu pensar, o que empobrece as simbolizações, e se deixa conduzir pelos novos valores promovidos na sociedade.

Se eu matasse mil acionistas, não ganharia nada. Se eu matasse dez diretores... que demitiram mil funcionários, o que ganharia? Nada. Eles são meus inimigos, mas não é problema meu. Aquelles cinco currículos era meu problema. Aquelles cinco mais Machefer. Na ida uma idéia incrível me ocorreu. Se roubasse um posto de gasolina a cada mês poderia pagar a hipoteca da casa e sustentar a família.

Constata-se juntamente a uma concepção de valores ligados à moda, beleza, sociedade, educação, diversão, enfim, a valores que se impõem a ponto de se tornarem senso comum, que o sistema capitalista incute, a fim de atender seus interesses de mercado, uma satisfação e bem-estar de muitos perante esse novo modo de organização e apresentação tecno-sócio-eco. As inovações tecnológicas causam uma certa magia, que os mobiliza a terem acesso a elas seja na busca de um maior conforto e bem-estar, seja por simples prazer.

Sob o paradigma de qualidade total, os indivíduos são levados a uma concepção de vida social (e política) praticamente definida. Definem-se formas ideais de aproveitamento do tempo livre, no qual os “clientes” – os consumidores – têm a ilusão de escolha e participação, quando na realidade há uma indução a consumir o que foi determinado muito antes de sua busca. Por outro lado, a realidade apresenta, como princípios, a negação da durabilidade das

mercadorias, pela redução da vida útil dos produtos e com isso favorece o desperdício e a destrutividade.

A sociedade voltada para o consumo cria uma economia e desenvolve uma psicologia que o atenda. Hoje, as pessoas possuem o desejo de satisfação de suas necessidades, que são criadas pelo mercado de forma a favorecer o crescimento econômico (o qual se encontra interligado ao consumo). As empresas voltam-se para bens não-duráveis, flexíveis e de pequeno ciclo de vida útil, de forma que, em um curto intervalo de tempo, o seu “bem” deixa de ser dito “de ponta” e é lançado no mercado um outro mais completo e com mais recursos, mantendo-se, dessa maneira, vivo o ciclo de consumo/produção.

Se, por um lado, a ciência e a tecnologia avançam muito no sentido de promover uma maior longevidade do ser humano, por outro favorecem o desenvolvimento de mais uma inquietação, a da readaptação do homem à atual sociedade que valoriza sobremaneira a juventude, a oxigenação. Ao buscar a melhoria de qualidade de vida, a ciência e a tecnologia abrem espaços de inquietações e de contradições na identidade do indivíduo e em sua adequação à reorganização do mundo do trabalho na sociedade capitalista.

Sem salário por um mês você entra em pânico... imagine sem salário nenhum.

Cumpramos ressaltar que não há uma homogeneidade em se tratando de bem-estar ou mal-estar do sujeito frente ao desenvolvimento processado; ambos estão presentes em cada um, nos mais diferentes momentos e pelas mais diversas razões.

Com a presente inquietação, ansiedade, e preocupação com o que pode acontecer se não conseguir trabalho, nesse novo modo de organização, já não é mais o medo que domina e sim a ansiedade, já não se sabe o que vai acontecer; o que causa esse temor é o grande drama do sujeito.

*Ele [Henri Birch] devia estar esperando o carteiro assim como eu.
Apagado como na TV. Foi o que me desgraçou.*

Na sociedade atual, alicerçada em valores tão fluidos, Bauman (2005b) afirma que a linha que liga e/ou separa os lugares, do lixo ao poder, da glória à derrota humilhante, do crachá honroso do estigma à desgraça, do abraço caloroso à rejeição fria é muito fina, tênue. Justamente por ser tão frágil essa linha, o que o alerta é: a importância dos dias está na satisfação que se pode tirar na sua curta duração; mantenha-se sempre preparado para partir; assim como os dias duram apenas horas, você também não sabe o que poderá necessitar fazer, nem onde nem como, após esse espaço de tempo – o ritmo é muito rápido.

Eu estava na terra do sorriso obrigatório. Mas eu tinha esquecido como sorrir. Estar no meio dessas pessoas não era bom sinal. Não precisavam de minha competência para fazer rótulos de comida congelada. O Senhor aí em cima, se existe, dê-me este emprego. Não por mim. Por Edouard Ríck e pelos outros, certo?

3 Consequências para o ser humano

O novo capitalismo, de acordo com Sennett (2001), causa um impacto também sobre o caráter pessoal. Ele pode ser constatado por meio de uma comparação dos perfis anterior e atual. No perfil anterior, referente ao existente na sociedade do século XX até final da década de 80, início da de 90, o sujeito tinha uma narrativa de vida e um tempo linear, existia previsibilidade, traçavam-se metas e, passo a passo, alçavam-se os degraus, seja no ambiente de trabalho e no familiar, seja no financeiro, como na aquisição de bens materiais, por exemplo um carro, uma casa; conseguia-se planejar a longo prazo. Esse fato ocorria pela segurança que havia no ambiente de trabalho, como a construção de uma carreira. Havia a importância da responsabilidade, a assiduidade, o compromisso,

bem como a estabilidade e a certeza da aposentadoria, no momento de afastamento do trabalho (por idade). Esse raciocinar e planejar o tempo definia o reino da ação e do poder individual.

*(A) – (Bruno) Reestruturação antes da recolocação. Resultado...
16% de bônus para acionista e... dois anos de desemprego
para mim.*

(B) – (diretora de RH) O que aprendeu com o desemprego?

*(A) – Que os efeitos a longo prazo destroem os benefícios a curto
prazo.*

(B) – E onde está?

(A) – No meio.

Eu disse a mim mesmo: “sorte sua eu não estar com a arma”

No perfil atual, as qualidades de um bom trabalho não mais se relacionam à estabilidade, à constância; pelo contrário, elas estão relacionadas a uma flexibilidade constante tanto de atividade e de local, quanto das diferentes filosofias de cada local de trabalho. Flexibilidade e fluidez passam a ser o segredo de bem viver nesta nova sociedade. A rotina é tida por negatividade. A vida social bem como a narrativa de sua vida desintegram-se no ar, se volatiliza.

*Eu tinha que agilizar as coisas... o corte de funcionários é cíclico.
Logo chegarão novos candidatos. Agora apenas três currículos
estavam entre mim e a Arcádia. Além de Machefer.*

Na vida se presenciam períodos de ordenação e desordenação; organização e desorganização, não há como ser diferente. Para além das características expostas, concernentes às relações sociais do trabalho, há as

consequências na vida pessoal e familiar do indivíduo. À medida que ocorrem mudanças sociais e inovações, elas também são vivenciadas pelo indivíduo.

(A) – (Etienne) *Está procurando trabalho?*

(B) – (Bruno) *Dá para notar?*

(A) – *Eu posso ver que sim. Eu já passei por isso. Ainda estou nessa. Tive sorte de achar esse aqui. Dezesesseis anos de empresa e demissão. São tempos de criminalidade.*

(B) – *Como?*

(A) – *Penso muito agora. É tudo que resta fazer como garçom. A sociedade vive uma era insana. Na antiga China para poupar alimento abandonavam bebês nas montanhas. Os esquimós deixam os idosos para morrer nos icebergs. Mas nós nos livramos das pessoas quando estão no auge da produção. É isso que acontece. É autodestruição.*

(B) – *Tem razão.*

(A) – *Nós pagamos um preço alto para manter os idosos. Se deixarmos alguém morrer no calor do verão, do desânimo do outono... do frio do inverno ou pelo prazer da primavera... salvaríamos a economia. Em vez disso, somos descartados.*

(B) – *Está deixando você maluco também.*

(A) – *Com certeza. Faríamos tudo por um emprego, mas não pode enfrentar o avanço do capitalismo.*

(B) – *O que deveríamos fazer?*

(A) – *Deveríamos... tornar os seres humanos o centro de tudo. Mas é tarde demais. Deveríamos nos unir, não brigar por ninharia. Enquanto os diretores riem... ou, pior, nem sequer veem que existimos.*

Em **O Corte**, se, por um lado, Bruno Davert torna-se ausente, desinteressado em relação aos problemas e à vida familiar; por outro lado, seus filhos e esposa também sentem-se mal, preocupados e apresentam transformações em seu dia-a-dia. Marlene passa a trabalhar em dois empregos e a dividir o uso do automóvel com o esposo, Máxime é privado da Internet e da TV a cabo que até então faziam parte do seu cotidiano.

O momento é de insegurança para a família e não apenas para Bruno. Além da questão financeira, há o fator emocional familiar e a preocupação com o bem-estar do pai/esposo que é retratado a cada dia que Bruno retorna de uma entrevista em busca de emprego. Assim como ele sofre alterações comportamentais e adota sigilosamente um procedimento que, além de inimaginável, é considerado criminoso pela sociedade como modo de solucionar seu problema, Marlene e Máxime também modificam seu comportamento. Marlene, ao sentir-se sozinha, carente, o trai com outro homem. Máxime, revoltado com a situação financeira e com as privações que até então desconhecia, passa a roubar *software* e é preso em flagrante.

Esta é minha confissão. Antes de acabar com minha vida... para evitar o sofrimento da minha mulher e dos meus filhos. Falar naquele aparelho me ajudou. Não, não vou me matar ou me entregar à polícia.

Alterações comportamentais, de caráter e de valores morais são possíveis de se apresentarem e serem vistos nos mais pequenos gestos do dia-a-dia.

(A) – (Marlene) *E qual tópico escolheu?*

(B) – (Maxime) *Os fins justificam os meios.*

(A) – *O que acha?*

(B) – *Nunca justificam os meios.*

(D) – (Betty) Menos para tirar o filho da cadeia.

(A) – Você disse mais alguma coisa?

(B) – Eu disse: Menos em tempos de guerra.

(D) – Na verdade, a escolha dos meios é um luxo de uns poucos privilegiados.

(A) – Mesmo em tempo de guerra.

(B) – De qualquer forma, provas são um lixo.

Comportamentos, atitudes e valores considerados inadequados, incorretos tornam-se permissíveis e aceitáveis em uma situação específica. O problema não se encontra mais nos meios adotados e sim nos fins que se buscam. O que passa a valer é o hoje, o aqui, o agora.

Se o valor está no agora, como ficam os relacionamentos com os demais, como fica a narrativa de vida deste indivíduo que aos poucos emerge? A relação com o tempo cria um conflito entre caráter e experiência. Se tempo e experiência não mais se relacionam, com o que se identificar, como se ver e como ser visto? Se tudo é volátil, fugaz, as relações cotidianas, familiares, carreira profissional, casamentos, planejamentos a longo prazo, filhos, aquisição de bens também passarão por um ajustamento, uma renovação. O caráter altera-se, ele também se flexibiliza.

(A) – (mecânico) Temos que nos unir, eu posso ser o próximo.

(B) – (Bruno) Você é essencial aqui.

(A) – Somos três. Eu sou o mais velho, então vou primeiro.

(B) – Você tem experiência.

(A) – Mas sou o mais caro. Se eu perder o emprego, vou lá para cima... e estouro meus miolos na frente do meu chefe.

(B) – E porque não acabar com os outros dois? Sem que ninguém saiba.

(A) – Sem que ninguém saiba hahahaha você sabe se defender.

(B) – Eu tento

O problema que causa no caráter é que o destino não é mais partilhado. Nesse novo sistema, os vencedores são os que se adaptam à fragmentação; esta estará presente em tudo o que se vier a fazer e ser. Deve-se estar sempre pronto a partir, estar desapegado de tudo e de todos e, principalmente, acreditar que é desse modo, que realmente se exerce a liberdade e o poder de decisão.

A vida passa a ser um grande jogo, no qual quem sairá melhor é quem se propõe a correr riscos frequentes. Sentir-se ancorado, firme, como no primeiro momento é ser deixado de fora. Não jogar é aceitar ser um fracassado. O risco passa a ser um teste de caráter, de inteligência; ganhar ou perder não importa, o importante é arriscar.

Eu me sinto superior lendo os segredos dos meus concorrentes. Descobri que eles eram muito ignorantes e cheios de vaidade. Metade dizia se preocupar com os acionistas. Mas os acionistas são nossos inimigos. Eles fazem milhares serem demitidos de empresas saudáveis... para dar mais aos gananciosos. Todos esses currículos refinados, cheios de conformismo. Mas só cinco tinham carreira e experiência que pareciam se não melhores que eu, tão bons quanto... só cinco.

Termos tais como oxigenação e flexibilidade remetem à juventude, a rigidez, à idade. Para quem adentra, ou adentrou recentemente no mercado de trabalho, existe a probabilidade de se adequar sem grandes problemas nas relações produtivas. Os veteranos, que construíram sua história de vida e sua identidade firmada na segurança, na constância, na previsibilidade, não

conseguem mais encontrar um espaço nessa nova sociedade, torna-se necessário reorganizar-se.

O que antes tinha valor, como a experiência, passa a ser vergonhoso. As convicções que até então se mantinham caem por terra, o senso de valor é conflitante. O tempo, assim como a vida, desorganiza-se. Se flexibilidade é palavra de ordem, fragmentação é sua derivada, o que leva a vida a ser um amontoado de fragmentos, de incertezas, de riscos, em que fracassos e sucessos são apenas contingências.

Estar conectado com os acontecimentos, mas desconectado de compromissos, de laços, de responsabilidade, não se encontrar em redes, mas estar no ar, pronto a entrar em cena a qualquer momento, onde e com quem for, enfraquece o caráter. Não há mais narrativa compartilhada, tampouco destino partilhado. Não se vê o outro como um igual em sua humanidade e sim como um inimigo, como um concorrente. Para o bem viver passa a ser necessário uma nova forma de conceber a vida e de vivenciá-la – ampliar a percepção

No caso de Bruno Davert, sua preocupação centra-se exclusivamente em sua necessidade, em especial. Ele não considera que outras pessoas também se encontram na mesma situação, buscam um novo emprego ou encontram-se em dívidas, e têm, assim como ele, uma família a sustentar. O sentimento é: *ele é meu inimigo* e desenvolve o seguinte pensamento: *esse cara pegou sua vaga*.

Quem busca compreender esses novos valores percebe a ilegibilidade da realidade social moderna. O importante é seguir em frente em detrimento do estabelecer-se, o que faz com que o indivíduo fique à deriva. Torna-se necessário desenvolver aptidões individuais, como poder trabalhar com *qualquer um*. O que para os da primeira história causa angústia, por perderem a importância da lealdade, da confiança, do comprometimento com o empregador, da experiência desenvolvida entre as pessoas, passa a ser fator de negatividade, de desnecessariedade e até mesmo de problema para o indivíduo, pois esses valores foram totalmente descartados. O imperativo é: atue onde você está e valorize o que pensa hoje.

Muitas vezes, por mais prósperos e adaptáveis que os indivíduos possam sentir-se, eles receiam perder o controle de sua vida. A rapidez com que têm de se movimentar e o medo de se tornarem indesejados, desnecessários, é incessante, provoca um mal-estar, devido à intranquilidade e à incerteza; manter-se belo, na moda, possuir determinados bens de ponta (os quais rapidamente se tornam descartáveis e substituíveis), ter qualidades e conhecimentos necessários para os diversos segmentos que surgem e, acima de tudo, estar mais preparado que os demais é também causa de um mal-estar. Os valores já não são duradouros; estes encontram-se em constante transformação e impossibilitam o indivíduo de se definir, seja como profissional, seja como sujeito portador de uma subjetividade.

Eu fiquei na minha área. Tudo o que fiz me torna um dos melhores, antes tínhamos dois carros...

No desespero, a incerteza avoluma-se e se desconhecem os limites para as ações, há apenas uma idéia fixa – obter um emprego. O mal-estar materializa-se no campo da vergonha e não no da culpa, o sujeito não se sente culpado por vivenciar a situação do desempregado. A vergonha é solitária, subjetiva e o leva a voltar-se para si, querer garantir e salvar a própria vida.

(A) – (Dr. Quinlan) O que significa para você “cada um por si”?

(B) – (Bruno) Que tenho que vencer a concorrência e só posso contar comigo mesmo.

(D) – (Marlene) Você não está só. Você tem a mim. Você sabe disso.

(B) – Pode me arrumar um trabalho?

Se para o indivíduo, hoje, o importante é a segurança (trabalhar no ramo), amanhã pode voltar-se para a beleza. Se o desapego aos relacionamentos dá-se pela flexibilidade de estar em constante movimento, mudando-se de cidade, de país, amanhã pode ser necessário ter uma família, residência fixa, devido ao cargo e à posição que se ocupa. Enfim, é impossível realizar o bloqueio dos valores externos que são apregoados e vividos pela sociedade na vida do sujeito. As qualidades do bom trabalho não coincidem com as mesmas do bom caráter. Não há longo prazo, não há comprometimento, não há responsabilidade. Inexiste responsabilidade.

Se, aproximadamente até o final da década de 80 e início da de 90 do século XX, pôde-se vivenciar a presença e o espaço de diferentes, por exemplo de velho, de criança, de profissional mais experiente e de iniciante, de mais velho e de mais novo, na contemporaneidade, presencia-se um paradoxo ao se visar o progresso social. As transformações processadas arrebataram as alteridades e possibilitaram espaço para o estabelecimento do narcisismo e juntamente com ele um aumento da violência e das rivalidades entre os indivíduos.

O fantasma da inutilidade faz-se presente principalmente, quando se considera a automação e o envelhecimento. A experiência passa a ser uma coisa vergonhosa. A passagem dos anos, a idade, faz o sujeito sentir-se vazio e a se questionar sobre os valores pessoais.

(A) – (Raymond) Perdi meu emprego; um ano depois, ela me deixou. Esta não é a minha área. Sou engenheiro, trabalho com papel. Perdi meu emprego há cinco anos. É duro. Não desejo isso para você.

(B) – (Bruno) Não é problema, sou funcionário público.

(A) – Eu tinha uma entrevista no restaurante para voltar à minha área. Depois de ficar desempregado por cinco anos, você é... como se diz?

(B) – Um fracasso.

(A) – *É, um fracasso. Podem dizer só de olhar para você. Mesmo enfeitando meu currículo não adiantou.*

(B) – *Este emprego é bom, porque voltar para sua área?*

(A) – *Não é para mim... olhe... no ramo de papel, como em outros... eles preferem alguém que não esteja fora do mercado há muito tempo, e cinco anos, isso o descarta, vamos encarar.*

(B) – *Você tem razão.*

(A) – *Você vai rir, mas ainda por cima... um policial me procurou. Parece que tem um psicopata atrás de mim.*

(B) – *Vai dar tudo certo.*

Se a preocupação que se presencia é sobre qual o comportamento que se deve adotar, se os de ontem ou os de hoje, acredita-se que não necessariamente um ou outro, mas um comportamento que estabeleça por primordial o bem-estar do ser humano.

3.1 Diversidade comportamental em face do novo

Para os indivíduos que nasceram nas décadas de 60/70 do século XX, por terem vivenciado os valores da primeira narrativa sentem, fortemente, as transformações; em contrapartida para os nascidos na década de 40/50 que, na década de 90, no auge das transformações, exerciam sua profissão e traçavam sua vida com segurança e visibilidade de futuro, nas mudanças ocorridas, naquele momento, o alvo eram eles mesmos; seus valores eram considerados ultrapassados e causavam problemas para a implantação dos novos; suas experiências tornaram-se desnecessárias devido à rapidez e à fluidez que passaram a governar a produção e as relações.

Independente das transformações processadas na organização produtiva, cabe ao indivíduo, no papel de sujeito de sua história, fazer a escolha do que quer para a sua vida. Se por um lado, essas alterações podem fazer com os que se encontram nessa faixa etária se sintam traídos, vítimas, ou pela empresa onde atuavam ou pelas forças externas, por outro lado, alguns conseguem sair desse momento de vitimização, assumem a derrota e buscam adentrar-se, com novas forças, no novo mercado, enquanto os outros se enfraquecem e se deixam vencer pelo fracasso.

Os da primeira alternativa decidem tomar a vida em suas mãos, não deixar que outros decidam se são ou não capazes; eles investem neles próprios, como o faz Etienne Barnet, que passou a trabalhar como garçom ou Hutchson que arrumou emprego de vendedor em um magazine. Eles continuam suas vidas, independentemente de haverem perdido o emprego de anos e apesar de possuírem currículos excelentes; ou mesmo Hutchson, não obstante ter perdido esposa e filhos, que o deixaram algum tempo depois dele ter sido demitido.

Por outro lado, há aqueles que se julgam fracassados, revoltam-se e se fecham em si mesmos, veem os outros como inimigos que precisam ser eliminados e sentem-se sozinhos para lutar.

(A) – (Dr. Quinlan) Quando você foi demitido sentiu raiva, medo, alívio, ressentimento?

(B) – (Bruno) Alívio não, gostava do meu trabalho. O resto, claro. Não na hora, mas depois sim.

(A) – Por quê?

(B) – Por que o quê?

(A) – Por que raiva, medo, ressentimento?

(B) – O que eu devia sentir?

(A) – Só quero descobrir por que raiva, medo, mágoa.

(B) – Todos os desempregados sentem isso.

(A) – Todos? Tem certeza?

(B) – O que poderiam sentir?

(A) – Algumas pessoas não enfrentam melhor? Veem como uma oportunidade, como sua esposa..., de encarar a situação com uma atitude positiva?

(B) – Sr. Quinlan, quando fomos demitidos... eles nos mandaram para especialistas ... para nos incentivarem a ser criativos... e para pensar positivamente no nosso problema. Você parece um deles.

(A) – Porque a mensagem é a mesma.

(B) – Sua mensagem e a deles é besteira.

(A) – Fico feliz que esteja finalmente falando. Senhor Davert, minha mensagem é: você não é seu trabalho.

(B) – Tirando o meu trabalho me tiraram a vida! Minha vida! Estragaram a vida da minha família inteira, certo, trabalho não é tudo, mas sem ele, o que sou? Como posso ficar?

Quando não se reconhece a perda, o psiquismo não conclui o trabalho de luto. A situação, no caso, o emprego perdido, fica estagnada no pensamento, o que inviabiliza transformar a perda em uma invenção simbólica, ou seja, não se liberta do pensamento de retornar à função e ao ramo em que se havia trabalhado.

Meus colegas e eu éramos como uma tribo: trabalhando juntos, ajudando uns aos outros. Ser demitido destruiu aquela tribo. Nos tornamos inimigos, ou, pior que isso, concorrentes. Cada um por si e nada de Deus.

O fator idade é uma questão delicada, histórica e, culturalmente falando, as pessoas mais velhas foram, até há poucas décadas, consideradas pessoas dignas de respeito, de consideração, dotadas de experiências e sábias, e teriam muito para colaborar com as gerações futuras, ou seja, quanto maior a idade, maior o conhecimento e a dignidade social.

Atualmente, essa visão foi banida; idade é sinônimo de exclusão, de ultrapassado, de inutilidade. Experiência não significa conhecimento, significa vício, constância, inflexibilidade. Houve uma permuta de valores entre jovem e idoso. Até as últimas duas décadas do século XX, o jovem não era ouvido, não era considerado portador de conhecimento, era inexperiente e, por isso, não tinha valor, ao passo que o idoso era símbolo de sabedoria, de respeito e de conhecimento. Nos dias atuais, o que garantia a posição social do idoso é o que justamente foi extirpado, desvalorizado; as características, até então consideradas negativas em um indivíduo que quisesse garantir uma posição de respeito, são agora enaltecidas: inexperiência, juventude, ousadia.

O desamparo sentido pelo indivíduo faz com que ele se rebele e isso ocorre das mais diversas formas. O trabalho considerado centro da vida; sem ele, nada mais se tem a fazer, uma das alternativas adotada pode ser descarregar o tal desamparo na violência, na autodestruição. O que está em jogo não são mais as regras sociais, os valores morais, e sim a própria vida.

Se, no momento anterior, ter uma carteira de trabalho com muitas contratações, em curto espaço de tempo, significou descompromisso, não confiabilidade por parte do empregador, instabilidade, características inadmissíveis para que o indivíduo seja considerado bom profissional, hoje, é para indivíduos portadores desse perfil que o mercado se abre. Carteira de trabalho com poucos registros, contratações de 10 (dez) – 15 (quinze) – 20 (vinte) anos não inspiram confiança dentro dos moldes do que é ser um bom profissional atualmente.

3.2 Produção do lixo

O que resulta deste procedimento é a produção continuada de lixo. O lixo torna-se permanente devido à rapidez das substituições, os objetos tornam-se indesejados e inoportunos de um dia para outro. Do mesmo modo que o lixo de entulhos de objetos e bens aumenta assustadoramente, o depósito de lixo humano também aumenta. A produção do *refugo humano* – expressão usada por Bauman (2005b) para aproximar o refogado, o inútil, aquilo que é destinado ao lixo – no caso não objetos, mas o próprio sujeito, é efeito inescapável do progresso econômico e da produção da ordem.

Essa é uma crise global, planetária – produção de restos humanos – removê-los torna-se uma questão pertinente à continuidade da sociedade do consumo. A cada dia, o ser humano precisa lutar contra um destino – o lixo. Ele não tem nada que o assegure a não chegar lá, porque essa possibilidade faz parte do horizonte de qualquer um, a qualquer momento. Esse lixo não é degradável, não se deteriora por si mesmo, ocupa um espaço e causa incômodo e mal-estar.

(A) – (inspetor de polícia) Ele se enforcou.

(B) – (Bruno) Se enforcou?

(A) – Deixou um bilhete dizendo que desistia de tudo. Bastante óbvio... não é?

(B) – Acha que era ele que...?

(A) – Achamos que sim. Eu lhe disse que sempre pegamos os culpados. O senhor e sua família podem dormir sossegados agora.

Apesar de haver uma distinção entre aqueles que perdem o emprego e os excluídos do mercado de trabalho,³ para ambos, é a perda da autoestima, sensação de fracasso, de inutilidade, e fazer parte do lixo que agrava a sensação. Eles se sentem excluídos e privados da vida, e não têm caminhos óbvios para retornarem ao quadro dos incluídos. Não há garantias de que possam retornar.

Em **O Corte**, Bruno Davert, dentro desta distinção era um desempregado. Tudo o que tinha realizado em seu campo profissional fez com que se tornasse um dos melhores, porém, por não conseguir um emprego, sente-se fracassado e chega a pensar que, se roubasse um posto de gasolina a cada mês, poderia pagar a hipoteca da casa e sustentar a família. A falta de perspectiva, o medo, a revolta pela qual passa, o leva a pensar, incessantemente, em eliminar, matar, pessoas como forma de conseguir sua recolocação no mercado de trabalho. Adotar o mesmo modo de ação adotado pela empresa para com ele, ou seja, eliminar o que considera excesso no alcance de seus objetivos pessoais – o concorrente.

Decidi que tinha que contar a Marlene. Contar que o que fiz foi por ela e pelas crianças. Prepará-la para a chegada da polícia, hoje ou amanhã.

Constata-se o quanto a transformação no modo de organização produtivo da sociedade reflete na subjetividade, na vida familiar e social e na visão de mundo dos indivíduos. A luta pela sobrevivência, a necessidade individual é sobreposta ao coletivo.

Esse quadro de incertezas, fluidez, insegurança obviamente não é exclusivo de uma dada faixa etária. Ele retrata as características e consequências pessoais do modo estruturante que a sociedade atual apresenta. O crescente

³ A distinção de terminologia baseia-se no fato de que os primeiros são assim definidos por possuírem características e condições para competir por uma outra vaga, mesmo que seja apenas no setor no qual ficou desempregado. O excluído não é necessariamente um desempregado, ele é aquele que não possui aptidão adequada para concorrer com os demais no mercado por uma vaga de emprego, por suas atividades tornarem-se obsoletas ou por não ter capacitação para as novas formas de produção.

aumento do número de desempregados é algo estruturalmente inscrito e não simplesmente um excedente. Ressalta-se, porém, que as pessoas na faixa etária dos 40 (quarenta) – 59 (cinquenta e nove) anos de idade que tiveram seu modo de pensar e agir traçados de acordo com os valores e modos de vida que foram totalmente aterrados pela sociedade líquida, sentem-se mais fortemente atingidas, mais vulneráveis e inseguras com o presente e, principalmente, com o futuro. Outro ponto relevante de diferenciação é que essa geração preocupa-se com o futuro e necessita sentir-se segura, amparada, algo esquecido e impensado pelos novos indivíduos formados na atual sociedade.

O mundo e o progresso são frutos do projeto humano que juntamente com a ordem promove a desordem, a sujeira juntamente com a pureza, o novo com o velho, o atual com o ultrapassado. As alteridades estão presentes; um não existe sem o outro, só se pode ser considerado ordeiro, limpo, novo, atual em relação a um outro existente: o desordeiro, o sujo, o velho.

As pessoas matam por nada atualmente. São tempos sem moral e sem segurança. Estamos desprotegidos, vivemos com medo [noticiado].

A sobrevivência da vida humana, na sociedade contemporânea, depende da destreza e da habilidade na remoção do lixo, o qual não mais se relaciona exclusivamente ao material considerado inútil, supérfluo, e/ou sem valor, gerado pela atividade humana, e que precisa ser eliminado, mas também ao refugo humano produzido, paradoxalmente, pelo progresso da nova ordem social.

3.3 A exclusão

As leis que representam a construção da ordem não se limitam a impor limites, dentro e fora; o estar fora representa a exclusão e a ausência de uma lei, mas traça um limiar – a exceção. A regra depende da exceção, é nela que se

garante a vida e a sua confirmação. Para Agamben (2007, p. 25), a exceção é um caso singular, excluído da norma geral, o que a caracteriza é que aquilo que é excluído não está [...] *absolutamente fora de relação com a norma; ao contrário, esta se mantém em relação com aquela na forma da suspensão [...]*. Em outras palavras, a exceção é uma espécie de exclusão.

Se a função do soberano é manter a ordem, cabe-lhe também a instituição de normas e leis – o ordenamento jurídico que cria uma situação normal, mas cabe-lhe ainda a decisão final, se este estado de normalidade reina de fato. Quanto à soberania, Agamben (2007, p. 35) observa: *Se a exceção é a estrutura da soberania, a soberania [...] é a estrutura originária na qual o direito se refere à vida e a inclui em si através da própria suspensão.*

O referido autor dá continuidade ao seu pensamento e afirma que a relação de exceção é uma relação de bando

[...] Aquele que foi banido não é, na verdade, simplesmente fora da lei e indiferente a esta, mas é abandonado por ela, ou seja, exposto e colocado em risco no limiar em que vida e direito, externo e interno, se confundem [...] (AGAMBEN, 2007, p. 36).

Essa zona de indiscernibilidade entre lei e vida é o estado de exceção. A vida nua encontra-se nesse espaço aberto entre as situações estabelecidas em lei e entre aquelas para as quais a lei prevê punição, um espaço, enfim, de suspensão indefinida, de negada existência, logo, uma vida isenta de qualquer valor e importância.

Recuperando uma figura do Direito Romano arcaico, Agamben (2007) apresenta a categoria de *homo-sacer*, aquele cuja vida se situa fora tanto do direito divino quanto do direito humano, aquele que se encontra no cruzamento entre a matabilidade e a insacricabilidade. O que define a condição do *homo-sacer* é a dupla exclusão (divina e humana) e a violência à qual está exposto.

Nas palavras de Agamben (2007, p. 92), */... / homo sacer é aquele em relação ao qual todos os homens agem como soberanos*. Sua vida é desprovida de valor, tanto na perspectiva humana, quanto na divina, é considerada inútil e

descartável sem qualquer punição a quem cometê-la. A violência contra sua vida pode ser cometida por qualquer pessoa e a qualquer momento, sem ser classificada como homicídio ou como sacrilégio.

Expõe Agamben (2007, p. 120-121):

[...] A dimensão da vida nua, que constitui o referente da violência soberana, é mais original que a oposição sacrificável/insacrificável e acena na direção de uma idéia de sacralidade que não é mais absolutamente definível através da dupla [...] idoneidade para o sacrifício/imolação nas formas prescritas pelo ritual. Na modernidade, o princípio da sacralidade da vida se viu, assim, completamente emancipado da ideologia sacrificial, e o significado do termo sacro na nossa cultura dá continuidade à história semântica do homo sacer e não à do sacrifício [...] O que temos hoje diante dos olhos é, de fato, uma vida exposta como tal a uma violência sem precedentes, mas precisamente nas formas mais profanas e banais.

A estrutura originária na qual se baseia o poder soberano é de extrema complexidade. Em *Microfísica do poder*, Machado (2007), ao apresentar as idéias de Foucault, reporta-se a dois tipos de poder: o poder disciplinar e o biopoder. O primeiro está presente na teoria clássica de soberania, quando o soberano detinha o poder de vida e de morte, por ter o direito de matar, exercia o direito à vida. Ao súdito era negado o pleno direito de vida ou de morte, que se encontrava totalmente nas mãos do soberano.

O poder disciplinar implantado no período do século XVII ao XVIII refere-se às técnicas de poder centradas no corpo do homem tais como: exercícios físicos e treinamentos que visam à promoção da utilidade e sua docilidade. Em meados do século XVIII, surge uma nova técnica de poder que não exclui a disciplinar – anatomo-política do corpo humano que se volta não mais ao indivíduo, mas ao homem-corpo, ao homem-espécie; os corpos são recolocados nos processos biológicos de conjunto e não como organismos dotados de possibilidades.

No final do mesmo século surge a biopolítica, a qual não lidará mais com o indivíduo-corpo, mas com o corpo-social – população. Sua ação volta-se para

regulamentar mecanismos globais que promovam estados globais de equilíbrio. Se anteriormente o soberano detinha o poder de fazer morrer e deixar viver, no biopoder faz-se viver e deixa-se morrer. Ressalta-se que o biopoder não exclui necessariamente o disciplinar, ambos podem articular-se, ou seja, os mecanismos disciplinares do corpo e os regulamentadores da população são articulados um ao outro.

A biopolítica volta-se para intervir no direito de fazer viver e no como viver. Desenvolve-se a tecnologia de poder contínuo, científico de fazer viver sobre o homem e sobre a população. Por outro lado, se pode “fazer viver”, a morte foge ao poder, não se tem domínio sobre ela.

O saber técnico apreendido na medicina do século XIX, na visão foucaultiana, é um saber-poder que incide sobre o corpo e a população, e possui efeitos disciplinares e regulamentadores simultâneos. Esse entrecruzamento de poderes promove a sociedade da normalização. Desse modo, o poder toma conta da vida em sua totalidade, tanto biológica quanto social.

Vale a pena ressaltar que o matar não é apenas o tirar a vida – assassinato direto, mas, como lembra Foucault (2000, p. 306), é também o assassinio indireto: *o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc.*

O tipo de exclusão refletida neste momento resulta da atual organização da sociedade de produção. Tem-se, juntamente com os termos flexibilidade, fluidez, oxigenação, as demandas de mercado, padrões de produtividade, os quais contribuem para a demarcação do que está dentro e do que está fora, porém sob um caráter de impessoalidade, como se esse limite fosse algo exterior e independente da vontade ou das ações do sujeito – ele se autodetermina, se autorrealiza. O supérfluo, o desnecessário, o indesejado, o refugio tornam-se, assim, consequências impossíveis de coibir; elas independem da vontade pessoal, elas são imperativas e impositivas.

Não podia deixar um homem inocente ir para prisão.

Juntamente com o lixo tradicional da indústria, têm-se os refugos da globalização, tais como: imigrantes, refugiados, deslocados e com o triunfo sucessivo do consumismo, cresce a necessidade de coletadores de lixo. Para Bauman (2005b), um dos piores resultados da modernidade é a crise da indústria da remoção do lixo humano. O volume de refugados cresce e ultrapassa a capacidade gerencial. São os excluídos da sociedade de consumo, mas estão incluídos como membros desta mesma sociedade.

O que se presencia é a materialização do estado de exceção, e com ele o campo denominado por Agamben (2007, p. 182) como [...] *o novo regulador oculto da inscrição da vida no ordenamento – ou, antes, o sinal da impossibilidade do sistema de funcionar sem transformar-se em uma máquina letal* [...]. O estado de exceção deixa de ser uma suspensão temporal de ordenamento e torna-se uma nova e estável disposição espacial.

O autor prossegue na afirmativa:

[...] O sistema político não ordena mais formas de vida e normas jurídicas em um espaço determinado, mas contém em seu interior uma localização deslocante que o excede, na qual toda forma de vida e toda norma podem virtualmente ser capturadas [...]

Aquelas vidas destinadas ao refugio são destituídas de qualquer definição, exceto a de indivíduos refugiados, mas, entre eles, exercem o direito de se autodefinirem. Para Bauman (2005b, p. 99), o ato de destinar-se ao lixo põe fim às diferenças, às individualidades. No refugio, exceto quando marcado para reciclagem, uma situação muito remota de acontecer, não há necessidade de distinções requintadas.

Na modernidade líquida não há nada duradouro, infinito, irrevogável, exceto a transitoriedade e a fluidez. Juntamente com um compromisso estabelece-se uma cláusula e uma penalidade, no caso de rompimento do mesmo. A segurança foi trocada pela experimentação, a busca de superação das dificuldades pela ausência de problemas, a responsabilidade pela indiferença.

Não estou preocupado com você, Bruno. Com sua capacidade logo vai conseguir trabalho.

Marcada pelo excesso da superficialidade, do refugio e do desapego e fundamentada na busca pela satisfação imediata, os indivíduos devem manter-se sempre abertos para novas oportunidades e novos experimentos.

3.4 Desorganização do tempo e a organização da vida

Conhecimento e sociedade encontram-se imbricados. Se o primeiro sofre mudança, há conseqüentemente repercussão e alterações no segundo. A partir do avanço científico, tecnológico, cultural, o modo de produção se transforma, e conclama os indivíduos a adequar-se aos novos valores propagados por ele.

Esse momento é complicado e doloroso para aqueles que, por terem organizado sua vida de acordo com a organização do tempo produtivo presente até então, sentem-se coagidos a alterar o modo de vida, os valores pessoais, morais, culturais. As pessoas que organizaram sua vida sobre pilares de durabilidade e solidez e traçaram uma história de passado, presente e futuro, sentem-se perdidas diante do novo modo de organização. Alterar os valores que durante anos dirigiram suas ações, pensamentos, modo de vida não é uma tarefa fácil, e cada indivíduo tem de tomar sua decisão; é uma atitude solitária, mas não singular, há outros na mesma situação.

(A) – (Machefer) O que quer?

(B) – (Bruno) Conversar. Perdi meu emprego.

(A) – E eu com isso?

(B) – Sou Bruno Davert. Trabalho com papel, como você.

(A) – Onde?

(B) – Papéis Kámer.

(A) – Os da fusão?

(B) – Ok, Relocação pessoal.

(A) – O velho esquema. Desgraçados.

(B) – O senhor é um mestre em sua área. Perdi a fé em mim mesmo. Vim lhe pedir algumas dicas. E se você fosse demitido?

(A) – Entraria na sala da diretoria e acabaria com eles.

(B) – Isso não traria seu emprego de volta.

(A) – Eu me sentiria bem.

O tempo produtivo ao longo das décadas se reorganiza e se readapta aos processos e modos de produção implantados pelo capitalismo; suas diversas formas de interpretação são de cunho cultural. Historicamente, o sujeito passa a ser valorizado de acordo com a função que possui e exerce na sociedade; a mais exaltada e determinante é a que se relaciona ao trabalho.

A mudança de paradigmas dos tempos produtivos da sociedade do século XX até meados da década de 80 para a sociedade atual, quando valores sólidos de outrora, como durabilidade, estabilidade profissional, econômica e mesmo emocional são questionados e suplantados, faz com que os indivíduos que mantêm a identidade ligada a pertencimentos, principalmente aos da vida produtiva, sintam-se desajustados, inúteis e não conseguem mais saber quem são. Bruno Davert vai mais longe, em sua confissão; ao dizer que quando lhe tiraram o trabalho lhe tiraram a vida se questiona: **sem ele o que sou?**

Atualmente o que ocorre é que o reconhecimento e a subjetividade, são em muitos casos, oferecidos pela sociedade de consumo. Os mercados, as lojas, os *shoppings centers* oferecem aquilo que se perdeu – a identidade.

Pode-se escolher o que se quer ser, como e até mesmo quando ser. Só depende de escolha, mas ela está condicionada ao que há nas prateleiras para

aquisição. Dentre elas, escolhem-se e adquirem as que são convenientes. Do mesmo modo que ocorre com a subjetividade, o consumo e a substituição dos objetos também acontecem.

Se o consumidor moderno pode buscar a unicidade, no ato de adquirir bens, os quais produzem nele esse sentimento, por querer o diferencial para se destacar da grande maioria, por recusar e obscurecer a homogeneidade existente, nele também está o poder de decisão: dos valores e produtos propagados o que realmente lhe agrada e/ou se lhe agrada.

Outro fator relevante a destacar é o despreendimento que muitos consumidores passam a adotar como: a compulsividade, a necessidade de buscar, de adquirir, de substituir os produtos de maneira constante e veloz. Renunciar a um objeto, a um produto pode não lhe causar transtornos, seja de ordem emocional seja material, e pode ser visto como uma maneira de buscar novos estímulos.

Se o mercado é vasto e oferece inúmeros e diferentes produtos para os mais diversos consumidores, não se pode negar a existência de indivíduos que consomem não necessariamente na busca de novos estímulos, mas por prazer, satisfação pessoal de poder fazer uso de produtos e demais inovações que são oferecidas e causam maior conforto ou bem-estar.

Do mesmo modo, que nesta nova sociedade, os objetos são renunciados, substituídos por outros rapidamente, também as pessoas, os valores, os sentimentos, as relações interpessoais, podem ser “trocados” sem nenhum constrangimento, sem luto. Simplesmente, coloca-se outro (a) no lugar e inicia-se uma nova história, sem qualquer estabilidade. Esse movimento de renúncia, de despreendimento é sentido por muitos indivíduos como a liberdade em sua magnitude.

Poder sempre trocar, substituir, renovar pode gerar uma eterna insatisfação, impaciência, descompromisso, A vida ao ser considerada como um voo, de tempo totalmente imprevisível, como sensações a serem sentidas, como paisagens a serem vistas, pode tornar desnecessárias as *escalas*, pode-se estar em voo indefinidamente, sem a necessidade de aterrissar.

A cultura que emerge neste novo capitalismo privilegia o cortar laços, o sentir-se livre; assumir compromisso significa perder oportunidades, estar por fora e de fora do que a vida oferece. A cultura do consumo enfatiza o acontecimento momentâneo; as transações únicas; em decorrência de sua relação com o tempo, as relações duradouras e sólidas são desmerecidas.

O tempo rotinizado, o planejamento, a relação com o tempo futuro é abolida, o passado perde seu valor, é esquecido; unicamente no presente é que se concentram os interesses da sociedade. Na ausência de uma constância, uma linearidade de atitudes, comportamentos, valores, relações sociais, a vida torna-se um amontoado de fragmentos, de relações de curto prazo e impossibilita aos indivíduos traçar uma narrativa de vida linear como outrora, mas nem por isso inviabiliza ou torna-se impossível a construção da história de vida de cada sujeito.

3.5 A liquidez do desejo

Se a constituição da modernidade representou o autocentramento do sujeito no eu e na consciência, foi com ela – consciência crítica da modernidade e até mesmo a sua autoconsciência – que nasceu a psicanálise; a descoberta do inconsciente apresenta íntima relação com o descentramento do sujeito.

A tese freudiana do descentramento do sujeito não se restringe à perda de autonomia do eu e da consciência em relação ao inconsciente. Seu discurso indica a existência de uma pluralidade de possibilidades do descentramento no psiquismo. Com o conceito de pulsão de morte, Freud enuncia uma outra figura de descentramento – o desejo.

Birman (2006, p. 45) refere-se ao lugar estratégico do descentramento no modernismo e diz que: *[...] pelo descentramento do eu, o que se inscreve na outra instância que passa a se impor, como aquilo que enuncia o sujeito, é o desejo [...].*

À medida que transformações sociais se processam no corpo social, o desejo também se altera. Novos desejos estão sempre à espreita, prontos para entrar em cena e substituir o anterior. Eles são instigados a virem à tona, independentemente da variável, seja esta etária, de gênero, profissional, de

estado civil ou credo. Hoje, todos são convocados a aderir ao que possa vir a se apresentar como desejável, como primordial e necessário para a vida.

O objeto do desejo distingue-se do objeto-causa do desejo; enquanto o primeiro é simplesmente o objeto desejado, o segundo refere-se àquilo que me faz desejar. É na lacuna, entre o objeto do desejo e seu objeto-causa que se desencadeia e se sustenta o desejo.

O tempo de vida de um desejo pode resumir-se apenas àquele despendido entre o seu nascimento e a sua satisfação. A partir daí, ele pode morrer e um outro substituí-lo rapidamente. Com as facilidades que o mercado apresenta ao consumidor para supri-lo o quanto antes, à medida que um desejo é sanado, imediatamente um outro nasce. Quando se deseja, planeja uma maneira de realizar o desejo, ele passa a fazer parte da vida e, quando realizado, o indivíduo aproveita a sensação de realização, de felicidade e, só depois de um certo tempo, quando esse sentimento de superação passa, outro desejo surge.

O desejo é inerente à natureza humana, é por ele que se pode reconhecer a irresistível atração do sujeito pela novidade. O tempo destinado para a espera não faz parte da sociedade do consumo, o que impossibilita o apego e a satisfação serem mais duradouros. Nessa sociedade, a partir do momento em que se obtém o objeto desejado, ele necessariamente já é colocado em segundo plano, a caminho da lata de lixo, porque um outro passa a ocupar o seu lugar.

A vida é um jogo, no qual quem ganha é quem possui uma maior volatividade e fluidez, quem se mantém em uma situação limite, quem fica nas bordas, transita na fragilidade e na transitoriedade sem se abater.

O movimento desejante possibilita ao sujeito um trabalho de criação sempre recomeçado, é o que se presencia atualmente na sociedade líquida. É como a vida representada em um palco, que pode estar em todo lugar e em nenhum ao mesmo tempo, onde o que reina são valores como beleza, estética, perfeição, valores transitórios e sempre *por virem*, nunca um eterno, um este, mas sempre o *aquela outro* – uma eterna inconstância e um eterno recomeçar.

3.6 A servidão

A psicanálise contribuiu para a reflexão das modalidades de servidão, com o reconhecimento de que a servidão humana se produzia e se reproduzia pela vontade dos homens. Ela possibilitou a condição do desenvolvimento do projeto libertário e constituiu os sonhos e as utopias libertárias que permearam a modernidade.

Birman (2006, p. 48) observa que, para a psicanálise, *o [...] desamparo é imanente à modernidade, sendo a resultante estrutural na subjetividade de um processo histórico que transformou radicalmente a forma de ser do sujeito no mundo [...]*. Esse desamparo não seria apenas consequência da morte de Deus, o qual foi substituído pela razão científica, pela soberania e autonomia, mas também fruto do processo da modernidade.

A modernidade produz o desamparo, inscreve a insegurança no sujeito. Ele se sente como se estivesse no alto de um trapézio, sem qualquer proteção; fazer acrobacias é um arriscar entre aplausos e vaias, sem garantias, é um abandonar-se e um arriscar tudo, em que o tudo é a própria vida.

Cinco dias já se passaram, porque não me ligaram, onde eu errei?

Referindo-se ao pensamento freudiano, o autor observa que: as formas de servidão apresentam a perspectiva do masoquismo. Para ele, o masoquismo é uma forma de subjetivação, diante do sentimento de desamparo, no qual um sujeito submete-se a outro de maneira servil, voluntária ou involuntariamente, como forma de fugir do horror daquele sentimento – o desamparo.

O pacto masoquista para Freud se estabelece da seguinte forma: *goze com o meu corpo como quiser e me submeta, mas não me deixe sozinho com o meu desamparo* (BIRMAN, 2006, p. 48). O sujeito que se assujeita acredita que o outro está acima do bem e do mal e pode retirá-lo do sentimento de desamparo, e aquele que o mantém assujeitado acredita ser autossuficiente e alimenta-se do

terror do outro pelo sentimento de desamparo. Pode-se dizer que consiste em uma relação entre servo e senhor.

Diversas formas de servidão subjetiva apresentam-se do masoquismo à violência, como construções subjetivas de evitar o desamparo que se encontra na base da existência humana, desde a morte de Deus. A busca e a escolha por proteção juntamente a instituições ou pessoas, que supostamente são poderosas e podem proporcioná-la, causam terríveis formas de servidão do sujeito.

Nas concepções freudianas, a modernidade impossibilita o gozo e o erotismo humano, transforma radicalmente as individualidades, causa empobrecimento simbólico e uma violência que ocasiona o mal-estar progressivo das relações sociais. Com a perda do valor simbólico da vida humana, Bruno planeja a morte e assassina a sangue frio aqueles por ele considerados inimigos na obtenção da vaga do emprego que almeja. A violência passa a fazer parte de sua vida sem qualquer sentimento de remorso ou humanidade; essa é a maneira que adota para alcançar seu objetivo – um emprego.

A vida humana perde seu significado, seu valor intrínseco, e passa a ser considerada como um objeto a ser descartado a qualquer momento.

(A) – (policia) Recolocação ou redução?

(B) – (Máxime) Um pouco dos dois.

(A) – Acontece cada vez mais.

(B) – Não em sua área.

(A) – O crime é a única indústria em crescimento.

(B) – Queria saber o porquê.

O crime, como o policial enfatizou, é a única indústria em crescimento; enquanto as demais fecham, reduzem, recolocam seus funcionários, aquela cresce demasiadamente. O crime aumenta, bem como o número de presídios,

que se tornam locais de depósito – depósito de lixo, onde, infelizmente, esses não têm a esperança de serem reciclados.

Se por um lado a modernidade promete ao homem o domínio do mundo, o sentimento de desamparo produz perturbações psíquicas e torna contraditória a promessa da modernidade. Como o indivíduo não quer sentir-se desamparado e, dessa forma, aceita a necessidade do outro, ele se recentra em seu eu. Nesse espaço entre desamparo e onipotência é que a subjetividade oscila.

Com a ruptura da produção identitária, até então existente, as subjetividades são lançadas ao ar; a isso Freud denominou de desamparo. Elas sentem-se abandonadas, à deriva. Com a perda, o sujeito sente-se desamparado, mas com a mesma perda ele passa a desejar e a exercer a sua liberdade. No entanto, o sujeito não quer perder e, para evitar a perda, ele se assujeita. O assujeitamento, a submissão de sua individualidade ao poder é para evitar que seja lançado à vida nua. Se não há perda, não há luto, se não há luto, não há simbolização.

Você não entende. É um desastre. Vou ter que fazer de novo.

Vou ter que continuar...

4 Subjetividades

A psicanálise enuncia que, para existir a identidade, deve-se passar pela perda do outro e pelo processo de identificação. Não há possibilidade de identidade sem a existência do outro, a construção identitária ocorre em relação a um outro diferente.

Por que o sujeito não quer perder? Porque a perda faz com que ele se confronte com a sua limitação, ele não tem o domínio de tudo, algo lhe foge do controle. A experiência da perda realiza-se em três momentos: um violento impacto psíquico da perda do objeto que causa dor; o confronto do sujeito com o objeto perdido e o sentimento de culpa diante do mesmo; e o da resolução dos

impasses psíquicos, ou seja, o momento de simbolização da perda que só será possível quando a perda for reconhecida enquanto tal pelo sujeito, eternizando-se em símbolo, que permanecerá como um traço no sujeito.

É o que acontece quando o sujeito passa pela perda do seu trabalho, no qual fundamentou sua identidade. Ao se negar a reconhecê-la, ele impede a sua simbolização; conseqüentemente, o sujeito se paralisa no primeiro momento – o do impacto psíquico. Quando isso ocorre, pode haver dor, revolta, medo. Dor, muitas vezes, por sentir-se culpado, por não ter corrido atrás de algo que contribuiria para que se mantivesse no emprego, algo que, talvez, nem saiba o que é. Revolta, por sentir-se traído pelo empregador, por companheiros de trabalho ou simplesmente pela vida. E medo de não saber o que fazer e para onde ir e de não conseguir entender o porquê.

Nesse momento, a subjetividade encontra-se abalada. Ele não sabe mais com que se identificar. Amigos, conversas, interesses, lugares frequentados traduzem traços da profissão em comum. O sujeito que fica preso a este momento da perda, como algo que lhe foi tirado, não consegue tomar a vida em suas mãos e reorganizá-la em outros patamares. Apenas no momento em que o sujeito encarar a perda como fato, ele vai reelaborar sua vida.

Birman (2006, p. 60) considera que, para se pensar a subjetividade, deve-se necessariamente considerar fatores históricos; ela é uma [...] *construção eminentemente histórica, perpassada sempre por valores articulados nos registros éticos, estéticos e políticos*. A cada momento histórico, o sujeito, à medida que participa das transformações, também é transformado por elas. Se novos valores, novas relações se apresentam, conseqüentemente ele também passará por mudanças, estas subjetivas. Há uma íntima relação entre subjetividade e estrutura sócio-histórica e ecopolítica, bem como aos valores por ela articulados.

Com a presença do desamparo, as subjetividades produzidas pela modernidade são terrivelmente atingidas. Como forma de resposta e de fuga a esse desamparo, as individualidades voltam-se cada vez mais para o seu eu, tornam-se violentas, cruéis. Na inexistência de um Absoluto, sente-se mal, pois o indivíduo tem de buscar sozinho o gozo próprio, mas o outro, o gozo do outro, tem

de ser reconhecido e essa delimitação entre o próprio gozo e o gozo do outro leva-o à angústia. A subjetividade do sujeito situa-se na indefinição da fronteira entre o seu gozo e o gozo do outro. Não estando ela estabelecida e na inexistência de um mediador, a angústia vem como resposta à decisão solitária a ser tomada.

Se pode afirmar que há um projeto de cultura no cerne da modernidade, pode-se conseqüentemente afirmar que se trata de um projeto identitário. A modernidade caracteriza-se pelo autocentramento do sujeito e, em decorrência, pela existência de indivíduos narcisistas.

Freud (1996a, p. 102), ao refletir sobre a liberdade do indivíduo e a civilização, observa que ela não constitui um dom da civilização, ao contrário, o desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela e por isso grande parte das lutas da humanidade centram-se na tarefa de encontrar uma acomodação conveniente entre ambas. A questão como o autor observa passa por [...] *saber se tal acomodação pode ser alcançada por meio de alguma forma específica de civilização ou se esse conflito é irreconciliável.*

4.1 O eu e o outro

Na inexistência de uma fronteira estabelecida *a priori*, a desigualdade do gozo mantém-se na modernidade. O narcisismo existente no sujeito o leva a querer preservar e expandir cada vez mais seu gozo próprio em detrimento do gozo do outro. A violência e a crueldade vêm apresentar-se como resposta a esse apropriação do gozo do outro, na busca por um gozo sem limites. Cada um passa a pensar em si mesmo, na sua realização, no seu gozo, não se dá conta de que o seu gozo está intimamente relacionado ao gozo do outro. Não há gozo sem o outro.

Não há como desconsiderar o outro; sem o outro não se existe; só se pode definir como branco/negro, inteligente/burro, desempregado/empregado, bonito/feio, capaz/incapaz, flexível/inflexível justamente por haver o outro, o diferente, o que não sou eu. Como não dá para exterminar o outro, e como este

outro é necessário à sua existência, o que é possível fazer é mantê-lo ao longe, conviver com ele o mínimo, manter-se sob a condição do politicamente correto. Mantê-lo afastado e, quando próximo, com reservas e tolerância. Por exemplo, a aceitação da liberdade do outro para fumar, desde que em determinados lugares. Aceita-o, mas restringe o seu espaço.

A castração simbólica acontece com a modernidade e se torna constitutiva da condição humana. Em busca do progresso, da dita civilização, o erotismo foi interditado, impondo à subjetividade limites ao gozo absoluto, até então presente com a existência do Pai – soberano / poder absoluto, o que provocou graves consequências nas relações humanas.

Com esses novos valores centrados no eu, a relação com o outro sofre significantes alterações. Deixa-se de considerar a existência do outro e vê-se o próprio prazer, a satisfação imediata como finalidade da vida. O outro deixa de existir como um outro diferente do eu, mas com as mesmas necessidades, portador de desejo, enfim, um outro sujeito, e passa a ser visto como um objeto de gozo. O outro deixa de ser visto, pois o sujeito se vê como soberano, forte, insensível e pleno, nada lhe falta, logo, o outro é insignificante e sem valor.

O descentramento do eu leva o sujeito ao descortinamento de seu desamparo e à dependência do outro, porém como recusa a se reconhecer e a aceitar sua fragilidade e dependência, recentra-se para se proteger.

Dizer que a subjetividade humana oscila entre o desamparo e a onipotência é afirmar, em outras palavras, que ela oscila entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Ressalta-se que ambas as pulsões não agem de forma isolada, trabalham sim em conjunto. Para a psicanálise, pulsão é representação psíquica de uma fonte endossomática de estimulações que fluem continuamente.

Os conceitos de pulsão de morte e pulsão de vida foram formulados por Freud. Enquanto o primeiro conceito relaciona-se ao descentramento do sujeito, a pulsão de morte é o que leva à segregação de tudo que é vivo, à destruição. Juntamente com o narcisismo, são as duas novas direções assumidas pelo descentramento do sujeito dos registros da consciência e do eu – inconsciente.

Já o segundo conceito, o de pulsão de vida – estruturante das formas de subjetivação, tem como tendência a preservação da vida. Pode-se dizer que na pulsão de vida o conflito está instaurado, não há a aceitação da imposição, mas a busca por um comportamento subjetivo, em que o sujeito retorna a si mesmo na busca incessante por assegurar seu espaço de existência e de pertencimento.

O sujeito descentrado sente-se desamparado e procura proteger-se do inconsciente, do desejo, da pulsão e do outro, recusa-se a reconhecer sua fragilidade; centra-se em si mesmo, conseqüentemente, desencanta-se do mundo, instaura a morte de Deus e promove a racionalização do mundo pela ciência e pela técnica, o que o conduz ao desamparo radical.

Birman (2006, p. 151) recupera o discurso freudiano e afirma que a pulsão de morte [...] *indicaria a presença do excesso e da intensidade na subjetividade, justamente porque existiria uma falha na articulação representacional da pulsão.*

O mal-estar da atualidade fundamenta-se no excesso que se apresenta sob as mais diversas modalidades. Excesso é algo incontrolável, que foge à regulação da vontade e se impõe ao psiquismo. Constata-se, no agir das subjetividades contemporâneas, a existência da explosividade expressa em forma de violência e a compulsão, por exemplo, ao consumo.

Por ser incontrolável, o excesso ultrapassa até mesmo a subjetividade. Quando se estabelece a perda do controle da vontade, as subjetividades tornam-se cada vez mais assujeitadas e à mercê das imposições de excesso, sendo a paralisia psíquica – suspensão do pensamento – uma das conseqüências, que impossibilita as simbolizações.

As subjetividades, que são ultrapassadas pelo excesso, favorecem o narcisismo. À medida que se volta para si e se vê apenas a si mesmo, o outro deixa de existir. Se o outro deixa de existir, o mal-estar do sujeito caracteriza-se não mais pelo sofrimento – que é uma experiência alteritária e se inscreve na interlocução com o outro – e sim na dor, subjetiva, pessoal – experiência narcisista.

A impossibilidade de transformar dor em sofrimento ocorre devido ao fato de não se ter a experiência alteritária. Com a inexistência da interlocução, o outro deixa de existir, e sua ausência impossibilita a produção de sentido. A subjetividade atual perdeu o sentido, não se pode contar com a referência a um polo de poder e alteridade que a organize como no caso do desamparo e então ela é lançada ao desalento.

Dependente apenas de si mesmo, o sujeito sente-se inseguro, ansioso de perder o seu lugar social, o que poderá levá-lo à exclusão do espaço social. Sua individualidade, sua identidade está em jogo. Os campos social e individual estão imbricados e se retroalimentam.

Com a perda do soberano e de sua proteção, o indivíduo sente-se perseguido nos direitos sociais como cidadão e a individualidade retoma a soberania. A problemática do mal-estar atual centra-se no deslocamento do registro da soberania para o das soberanias. Além da intensificação da rivalidade entre as individualidades, quebram-se os laços sociais e a violência se dissemina na sociedade.

Nessa nova forma de subjetivação, o caráter deixa de ser evidenciado pela presença de uma invariante por toda a existência do sujeito, e é substituído por normas funcionais e contextuais. Valores como solidariedade, fraternidade, respeito às alteridades tendem ao desaparecimento. O indivíduo é marcado e exposto à incerteza, à imprevisibilidade e tem de lutar contra a ameaça da morte real ou simbólica, custe o que custar.

Para Freud (1996a, p. 117), [...] *A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas [...].*

Com o empobrecimento da simbolização e a presença do desamparo, Bruno Davert é exemplo de um sujeito que teve seu caráter corroído. Ameaçado de perder seu espaço social e por sentir-se à deriva, toma atitudes totalmente contrárias às adotadas ao longo de sua vida; seu único pensamento volta-se para eliminar seus concorrentes em potencial a fim de solucionar um problema contextual – o desemprego.

Mesmo tendo no comportamento e nas atitudes de Bruno Davert os elementos norteadores do filme, Costa-Gavras tem o cuidado e a perspicácia de apresentar Etienne Barnet, Hutchson, sujeitos que vivenciam a mesma situação de desemprego de Davert, e abordar comportamentos divergentes aos dele. A soberania das individualidades reside na escolha de opções do modo de viver em e na sociedade.

5 Quadro atual

A vida líquida, desprovida de qualquer certeza, segurança e extremamente precária, é um eterno recomeçar e necessita de finais rápidos e indolores para prosseguir seu caminho. Esquecer, desistir ou substituir são as instruções do bem viver. Esta sociedade requer pessoas leves, voláteis, que não se apeguem e, principalmente, saibam conviver com a partida.

Os valores promovidos por esta nova forma de organização social acarretam crise nas subjetividades. O indivíduo que até o presente momento ocupou uma determinada posição social, a qual se relacionava a valores positivos pregados pela mesma sociedade, hoje sente-se excluído e necessita remodelar-se, renovar-se. No entanto, essa modelagem não foi adquirida em um supermercado, mas sim ao longo de toda uma vida por valores que permeiam todas as instâncias e esferas da vida do sujeito.

Torna-se necessário que o indivíduo se desfaça, urgentemente, dessa veste e incorpore outra, pois a partir de agora se adentra na corrida contrária ao depósito de lixo – destinado para aqueles que são excluídos do espaço social e, conseqüentemente, de seu lugar social enquanto indivíduo. Esse movimento é individual, não é realizado juntamente com outros. Se até o momento o seu modo de viver e a sua vida foram traçados em relação ao outro, a partir de agora o outro deixa de existir, é ele consigo mesmo; ele passa a ser seu próprio examinador e crítico.

No entanto, ele é tudo, menos diferente dos demais, todos são estritamente iguais à medida que fazem uso de símbolos e estratégias comuns de

vida, estão inseridos em uma sociedade e são possuidores de uma vida biopolítica. O que caracteriza o jogo das identidades contemporâneas é a desigualdade de oportunidades. A escolha dos meios na concepção de Betty, na verdade, é um luxo de poucos privilegiados.

Bauman (2007, p. 31) afirma que a individualidade é [...] *o produto final de uma transformação societária disfarçada de descoberta pessoal [...]*, realmente o sujeito é continuamente levado a pensar e a sentir que está no comando, quando o que realmente ocorre é a sua servidão voluntária às exigências das transformações promovidas pela sociedade.

A expressão servidão voluntária criada por La Boétie, no século XVI, se faz presente desde então na interpretação da condição humana. Diz respeito a uma servidão marcada pelo querer humano, por sua anuência. Contrária à servidão involuntária – aquela presente no mundo regulado pela religião e pela teologia – a servidão voluntária ocorre a partir do momento em que o homem liberta-se da tutela divina e passa a se centrar na razão e na ciência.

Reportando-se à individualidade, Bauman (2007, p. 37) ainda a caracteriza como um privilégio, com acesso permitido a poucos. [...] *A corrida para individualização tem acesso restrito e concentra os que têm credenciais para participar [...]*.

Quando se altera rapidamente a identidade, há condições de conhecer e compartilhar valores diversos, conhecer e atuar em espaços geográficos diferentes ou, ainda, há possibilidades de se adequar ao que o momento favorece e solicita, como, por exemplo, ao domínio de vários idiomas, ao acesso e ao conhecimento das tecnologias de ponta, à disponibilidade de tempo, à prontidão e à disponibilidade para, a qualquer momento, se necessário, estar em qualquer lugar por tempo indeterminado, em outras palavras, estar em uma condição eterna de *sursi*. Outros, os excluídos como são denominados, encontram-se confusos, perdidos, e sem qualquer opção de escolha de sua identidade que não a que lhes foi imposta pela modernidade.

Ser um indivíduo, ser único, indiviso, singular é uma batalha constante. Para manter sua individualidade, o sujeito necessita de liberdade, mas ao mesmo tempo de segurança, como forma de evitar o medo e se sentir amparado.

Atualmente, a sensação de segurança, que um dia o Estado proporcionou, foi retirada paulatinamente e o sujeito, ao sentir-se só, busca galhos / gravetos em que possa segurar-se, sem qualquer estabilidade ou segurança.

Esses apoios podem ser: a beleza física, objetos de moda, padrões de comportamentos, todos oferecidos pelo mercado sem distinção de pessoas. A individualidade passa a ser fornecida por bens de consumo em que cada um tem a opção de se tornar quem quer que seja. A escolha acontece com relação a peças e bens a que se deseja unir, de modo a atender a individualidade que se deseja ter e o indivíduo que se deseja ser. A identidade torna-se principalmente algo autoempregado e autoatribuído.

A identidade, por instável, temporária e definida temporalmente, compromete-se apenas com o presente. O tempo futuro é algo totalmente desconectado com o presente e o passado já foi esquecido, refugado. Impossível negar o mal-estar que causa nos indivíduos esta inconstância, impossível negar a ansiedade que toma conta de todos e a luta frenética na tentativa de se manter vivo e ativo nessa sociedade de valores tão líquidos e fugidios. É a constante luta, como ocorre com o Sísifo.

O *Mito de Sísifo*, ensaio esboçado por Albert Camus (2004), funda-se no fato de que quando capturado e após ter desafiado os deuses, recebe como punição a tarefa de, por toda a eternidade, empurrar uma pedra montanha acima até o topo, a qual rola para baixo e ele, tem de recomeçar a empurrá-la. Ele está destinado a executar uma tarefa sem sentido e intermitentemente.

A metáfora desse mito pode ser recuperada para compreender a vida na modernidade, um movimento repetitivo com sabor de um eterno recomeçar, sem esperança de se libertar, porque a libertação significa a morte. Vale a pena refletir se essa seria a punição imposta pela sociedade líquida aos indivíduos ou se a sua libertação enquanto indivíduo.

Caso o indivíduo se livre dos conhecimentos absolutos, das verdades permanentes, e adentre em um diferente pensar, o pensamento das verdades relativas dos conhecimentos parciais, ele se verá como um todo em que subjetividade e objetividade são igualmente relevantes em sua formação.

Atualmente, com as transformações que constantemente ocorrem na sociedade, faz-se necessário um reelaborar de ideias. Assim como a cada dia torna-se impossível pensar, dentre outros referenciais, na qualidade de vida, na vida em sociedade, nas relações sociais, no desenvolvimento industrial, sem se voltar para o planeta como um todo; ampliar o olhar do local para o global até então desconsiderado e imprevisto pelo homem. A conceituação de sujeito enquanto essencialmente racional não dá mais conta no contexto de diversas descobertas das mais diversas áreas do conhecimento a respeito da formação e constituição do homem.

O sujeito oscila entre o tudo e o nada, entre o egoísmo e o altruísmo, entre o ser e o não ser. O eu se realiza na unidade: não se é apenas um profissional, uma esposa ou uma criança, é-se um profissional ou uma esposa que foi uma criança, é-se uma criança que não é nem um profissional, nem uma esposa. Em outras palavras, o sujeito é o da inclusão e o da exclusão, ele não é um ou outro, ele se realiza na unidade, apesar das diferenças.

Morin (1996, p. 46) recupera a noção de *autonomia [...] estreitamente ligada à de dependência, e a de dependência é inseparável da noção de auto-organização [...] para demonstrar que o indivíduo tem uma relação de autodependência com o mundo exterior, visto que há um ciclo rotativo da vida, em que o indivíduo é produto e produtor da sociedade.*

O sujeito não pode ser concebido de uma maneira mecanicista e determinada, ele é portador de uma identidade subjetiva constituída de um processo denominado pelo autor de autoexorreferência. Para referir-se a si mesmo, é necessário referir-se ao mundo externo. Opera-se a distinção entre o eu e o não-eu; o eu e os outros eus.

O princípio de inclusão faz com que possa integrar na subjetividade outros diferentes do eu, mas como é inseparável do princípio de exclusão, pode fazer com que o sujeito oscile, de acordo com Morin (1996, p. 51), entre [...] *o egocentrismo absoluto, ou seja, o predomínio do princípio de exclusão, e a abnegação, o sacrifício pessoal, de inclusão.*

A subjetividade, o mundo interno do ser humano composto por emoções, sentimentos e pensamentos integra-se numa subjetividade coletiva; só se é eu se

existe um nós; para o eu existir ocorre uma escolha de valores aos quais se identifica, e essa realidade causa incertezas, dúvidas. O sujeito encontra-se em incessante conflito, justamente pelo fato do risco fazer parte constante de sua vida.

Desconsiderar a existência da subjetividade na constituição do sujeito é reduzi-lo em sua completude. Urge, na contemporaneidade, pensar o sujeito tanto em sua objetividade/razionalidade quanto em sua subjetividade, como forma de promover uma sociedade que consiga abarcar um novo leque de questões não necessariamente palpáveis, materiais, que emergem da organização socioeconômica presente na sociedade e que causa tantos mal-estares, medo, e aniquila aos poucos o ser humano – a cultura dos novos tempos.

Refletir sobre a mensagem que Costa-Gavras transmite ao falar da executiva que escaneia a foto de Bruno, extraída de um CD da empresa Arcádia, para a qual fora contratado, monta uma pasta, assim feito por Bruno para conhecer seus concorrentes, e vai ao restaurante no qual ele se encontra e o fita nos olhos, é um bom exercício para indagar-se sobre a subjetividade humana, sua constituição e a sua relevância para resgatar o sujeito em sua humanidade.

CAPÍTULO II

PENSAR A CULTURA NOS NOVOS TEMPOS

*Nossa guerra é espiritual, nossa
depressão são nossas vidas;
seu emprego não é o que você é,
você é a merda ambulante do mundo*
(Tyler Durden)

1 Filme “Clube da Luta” de David Fincher (1999)



1.1 Ficha de apresentação do elenco

Personagem

Jack (Edward Norton)

Tyler Durden (Brad Pitt)

Bob / Robert Paulson (Meat Loaf)

Angel Face (Jared Leto)

Chefe (Zach Grenier)

Médico (Richmond Arquette)

Marla Singer (Helena B. Carter)

papel

personagem principal / narrador

alterego

membro do projeto destruição

membro do projeto destruição

chefe

médico

namorada

1.2 Sinopse

O filme **Clube da luta**, com direção de David Fincher, apresenta Jack, um sujeito que se encontra em conflito interior, perdido em meio aos valores sociais propagados, os quais não lhe proporcionam prazer nem satisfação. Ele se vê como um escravo do consumismo caseiro e se questiona sobre o próprio modo de vida e, em consequência de seu mal-estar, passa a sofrer de insônia; a partir daí, inicia-se a história de um homem que passa a buscar alternativas para sair dessa crise pessoal.

O filme aborda os grupos constituídos por indivíduos que têm afinidades uns com os outros por seus problemas físicos, emocionais, orgânicos, em razão dos quais buscam apoio e passam a sentir-se libertos e livres para chorar e apresentar seus problemas, seus conflitos, suas fraquezas, na esperança de se fortalecerem. Jack passa a frequentá-los, a sentir-se vivo e deixa de ter insônia. Infelizmente, um acontecimento faz com que perca o sono e não consiga mais se soltar nos grupos – o encontro com Marla Singer – a mentirosa.

A partir daí, David Fincher apresenta, com muita perspicácia e de uma maneira surpreendente, um sujeito cindido em uma sociedade de valores efêmeros que deixa de preenchê-lo e realizá-lo a partir do momento em que ele toma consciência da maneira pela qual vive seu dia-a-dia. É difícil não se sentir incomodado à medida que o filme avança e determinados pensamentos se apresentam – *só depois de perder tudo é que ficamos livres para fazer qualquer coisa; nossa guerra é espiritual, nossa depressão são nossas vidas; seu emprego não é o que você é, você é a merda ambulante do mundo* – é impossível ficar imóvel na cadeira...

É apresentado um outro que não é um outro indivíduo, mas um outro de um mesmo ser, o inconsciente – *alter-ego*. O que acontece quando se depara com o outro de si mesmo é um momento único, apenas um poderá viver. Para esse desenrolar do filme, o Clube da luta é criado, e com ele e suas repercussões, pode-se entender e acompanhar todo o conflito vivenciado por Jack.

Trata-se de um filme que pretende, entre tantas outras interpretações e brechas de imagens, refletir sobre a vida, mostrar que a luta maior está dentro de cada um – *Você não é a sua casa* –, e que o indivíduo é muito mais que um bem material; a cultura do consumo não necessariamente liberta e traz felicidade como tanto se apregoa. Há algo além a ser considerado... o ser humano em sua essência.

2 Cultura

Refletir a noção de cultura, difundida no tempo atual, ocasiona uma série de digressões. A palavra é usada tanto corriqueiramente, com referência a certa tendência estética, como para as Ciências Humanas no sentido antropológico ou, de acordo com Morin (2002, p. 201), num sentido antropológico, o que a torna uma palavra armadilha, que oscila entre um sentido amplo e um restrito, entre o neutro e o valorizado. [...] *Se é preciso encontrar um sentido para a noção de cultura, esse certamente ligaria a obscuridade existencial à forma estruturante.*

A cultura encontra-se imbricada no sistema organizacional da sociedade, histórico-sócio-político-econômico e o desenvolvimento cultural ocorre a partir das diversas descobertas, atividades, retração ou expansão existente em cada momento. O que distingue as noções de cultura desde a mais global (em oposição à natureza) até a mais estrita (erudita) é que ambas apresentam uma relação entre homem e sociedade e entre o mundo. Daí concebê-la como um sistema metabolizante que une o infraestrutural ao hiperestrutural.

É impossível continuar a conceber a cultura como homogênea, pois a sociedade é composta por variados e múltiplos sistemas culturais, que se diferenciam pelas crenças, normas, valores, comportamentos, códigos, sistema de comunicação e distribuição. Justamente pela inexistência dessa homogeneidade e pela relação entre teoria e prática, ou entre saber e experiência, que a cultura deve ser considerada como um sistema dialógico que realiza o diálogo entre a experiência existencial e o saber constituído.

Uma atitude grave é desconsiderar a experiência existencial, relegando-a, em prol de normas, padrões e modelos constituídos na sociedade, a um espaço invisível. Ao indivíduo cabe a codificação dessas normas e padrões e, não, simplesmente sua aceitação.

Como tantos outros me tornei escravo do consumismo instintivo caseiro. Se eu visse qualquer coisa legal como uma mesinha de café no formato de ying-yang, por exemplo, tinha de comprar. O conjunto de escritório Klipsk, A bicicleta ergométrica Honetrekke ou o sofá Ohamshab de listras verdes. Ou até mesmo a cúpula de abajur Ryslampa de papel biodegradável. Eu folheava os catálogos e me perguntava: “Que tipo de porcelana me define como pessoa?” Tinha de tudo, até mesmo os pratos de vidro com pequenas imperfeições, prova de que foram forjados por trabalhadores indígenas simples e honestos... costumávamos ler pornografia. Agora eram catálogos de loja.

Essa realidade torna-se perceptível na relação que se processa quando o sistema cultural adentra-se na esfera do consumo, onde se pode constatar a heterogeneidade dos consumidores “verdadeiros”, os que desfrutam, experienciam o sistema cultural e aqueles que são impulsionados a consumir por considerar o objeto um ornamento ou por seu valor simbólico cultural.

Exatamente neste momento – o do consumo – é que se constata a necessidade de desenvolver uma política cultural diferenciada da até então difundida. A homogeneidade cultural é uma ilusão; pode-se ter a condição de acesso a determinado bem e, no entanto, não ter o saber, não se “ver” nele. Por outro lado, há os que possuem o saber constituído e não o experienciam.

(A) – (Tyler) Que merda cara, agora tudo se foi.

(B) – (Jack) Tudinho.

(A) – *Você sabe o que é um edredom?*

(B) – *Um acolchoado, um cobertor.*

(A) – *Apenas um cobertor, porque caras como nós sabe o que é um edredom? É essencial para nossa sobrevivência? Não, o que somos então?*

(B) – *Não sei. Consumistas?*

É necessário conhecer os processos de projeção-identificação-transferência, ou seja, o indivíduo precisa ocupar o seu espaço de agente; ele não pode colocar-se como um receptor de códigos, valores, padrões. Para o estabelecimento de um diálogo, faz-se necessário: emissor, receptor, mensagem e código. Considerando-se o sujeito como um ser com características pessoais, singulares e ao mesmo tempo com características universais e múltiplas, não seria desmerecimento e desvalorização torná-lo um simples receptor? Ao indivíduo cabe o espaço de comunicador, de participante, e não de mero espectador sentado na platéia assistindo a um espetáculo, ele necessita interagir, projetar-se e se identificar para que realmente a transferência se processe.

Estamos na primeira fila neste teatro de destruição em massa. O Comitê de Demolição do projeto de destruição amarrou as fundações de doze prédios com explosivos. Em dois minutos, uma cadeia de explosões vai se iniciar, e alguns blocos serão reduzidos a uma pilha de entulhos – eu sei disso porque o Tyler sabe.

Como em um filme, o espectador tem à sua frente uma tela em branco, na qual se projetam imagens, vozes, que são decifradas, interpretadas de acordo com o seu conhecimento, com a sua experiência de vida, com o saber apreendido, com suas memórias e com a constituição de normas padrões, possibilitando-lhe identificações ou retrações; ao sujeito, enquanto agente social,

enquanto um ser singular em uma multiplicidade de opções e entre outros singulares, cabe identificar o que realmente o preenche, o substancia.

Urge abrir espaço às experiências pessoais. O resgate da cultura, enquanto algo inacabado, dinâmico faz-se urgente em face de uma sociedade que, em nome da padronização cultural, promove, a cada dia, as mais variadas desigualdades; desvaloriza e estraçalha o ser humano em sua essência, a subjetividade.

Não pude dormir por seis meses. Não conseguia dormir. Com insônia, nada é real. Tudo é longe. É tudo cópia de cópia de cópia. Quando a exploração estelar se concretizar serão as corporações que darão nome a tudo. A Esfera Estelar IBM, a Galáxia Microsoft. O Planta Starbucks.

O ser humano identifica-se simultaneamente como um ser natural e cultural. Natureza e cultura encontram-se intimamente imbricadas. O termo bricolagem, para Levi-Strauss, é utilizado para explicar como se constrói o sistema simbólico de uma cultura; é a montagem de um novo “jogo” que se forma a partir de elementos preexistentes e à disposição naquela cultura, como também por elementos herdados de uma outra cultura. Independentemente de um mesmo símbolo, poder apresentar, em diferentes culturas, significados diferentes representa a capacidade de expressar, simbólica e esteticamente, a visão de mundo e o modo de vida de cada cultura.

Agamben (2005), ao reportar-se a Levi-Strauss, em *O País dos brinquedos*, observa que o objeto da história não é a diacronia, mas a oposição entre diacronia e sincronia que caracteriza toda a sociedade humana. Cada sociedade produz resíduos diferenciais entre significantes diacrônicos e significantes sincrônicos, e isto é a história humana. Ambos são de extrema relevância para a continuidade histórica de uma sociedade.

Por mais que representem perturbação e ameaça, os significantes instáveis não podem ser dispensados totalmente por nenhuma sociedade; ela

deve ficar atenta para que não ocorra interrupção na troca de significantes instáveis com significantes estáveis, para que o funcionamento do sistema seja assegurado.

(A) – (médico) *Não, não pode morrer de insônia.*

(B) – (Jack) *E narcolepsia? Eu cochilo e acordo em lugares diferentes. Sem fazer idéia de como cheguei lá.*

(A) – *Você tem de relaxar.*

(B) – *Me dê alguma coisa, por favor. Trinds, um seconal vermelhinho.*

(A) – *Não, precisa de sono natural e saudável. Masque umas raízes de valerian e faça mais exercício.*

(B) – *Ei, qual é! Estou sofrendo.*

(A) – *Quer ver sofrimento? Apareça na Igreja Metodista, às terças. E veja os caras com câncer testicular. Isso é que é sofrimento.*

Precisa-se dar espaço ao momento presente e as suas necessidades. Ficar preso aos significantes do passado significa desavenças, contradições. Faz-se necessário contribuir para o devir histórico.

[...] A verdadeira continuidade histórica não é aquela que crê poder desvencilhar-se dos significantes da descontinuidade relegando-os a um país dos brinquedos ou a um museu das larvas [...], mas aquela que aceita, 'jogando' com eles, assumi-los para os restituir ao passado e transmitir ao futuro [...] (AGAMBEN, 2005, p. 106).

Requer-se romper com o pensamento de completude, com o pensamento unificador. Existem inúmeras maneiras de pensar, de agir, de viver. O ser humano

carrega em si a vida, a totalidade do ser. Não há como homogeneizar, padronizar o pensamento e as ações sem que isso acarrete distúrbios pessoais e, conseqüentemente, sequelas sociais.

Problemas, como depressão, insônia, compulsão, violência e tantos outros, estão cada vez mais presentes nos indivíduos. O que mais se constata atualmente são indivíduos que ingerem medicamentos para dormir, acordar, comer, deixar de comer. Capacidades e sentimentos naturais do ser humano passam a ser delegado a medicamentos que as tratam como distúrbios, como o dormir, a tristeza, a gula, etc..

Considerar como ideal de cultura a sobreposição de uns aos outros, ou os valores que promovem a desagregação dos integrantes ao invés da congregação e do respeito às alteridades, é desconsiderar o ser humano, é colaborar com a anti-democracia social e cultural. Considerar a produção material como ideário cultural na sociedade é negligenciar as relações humanas.

(A) – (Jack) Estou te sacando. Você é fajuta. Porque faz isso?

(B) – (Marla) É mais barato que cinema e tem café de graça.

(A) – Isto aqui é importante, estes são meus grupo. Eu frequento eles por mais de um ano.

(B) – E por quê?

(A) – Não sei. Eles escutam de verdade...

(B) – Ao invés de apenas esperar sua vez de falar.

(A) – Isso, isso. Escuta, você não quer se meter nisso. Acaba virando vício.

(B) – É mesmo?

(A) – Não estou brincando, não consigo chorar com outro fingido presente. Ache um outro lugar.

(B) – Vá ser voluntário em algum hospital. Não é meu problema.

A cultura dos novos tempos precisa romper com valores e modos de vida que segregam, delimitam, submetem, cerram os olhos ao que o ser humano é em sua essência. Não se pode falar em garantia da paz social em uma sociedade que massacra, exclui, estereotipa o indivíduo em nome de uma cultura que propaga valores efêmeros que não trazem paz, felicidade, realização, que a cada dia o sufoca, o deprime, o entorpece no que tem de especial – sua humanidade.

Ao invés de impor valores, símbolos, uma ética e uma estética que valorizem o indivíduo, a sociedade favorece o atrofiamento do seu pensamento e a todo momento o ignora em todos os lugares por onde ele circula, com propagandas, palavras, músicas, pessoas que falam uma única linguagem – o desapego, o hedonismo.

O desapego se dá em relação a objetos, pessoas e sentimentos.

(A) – (Marla) A camisinha é o sapatinho de cristal da nossa geração. Você veste um quando conhece um estranho. Você dança a noite toda. Daí você joga fora. A camisinha quero dizer, não o estranho.

(B) – (Jack/Rupert) O quê?

(A) – Comprei este vestido por um dólar.

(B) – Valeu cada centavo.

(A) – É um vestido de dama de honra. Alguém o amou intensamente por um dia. E daí jogou fora como uma árvore de natal. Tão especial, então... está na sarjeta, com lantejoulas e tudo. Como uma vítima de crime sexual. A roupa de baixo exposta amarrada com fita isolante.

(B) – Lhe cai muito bem.

(A) – Então falando da camisinha... daí você joga fora.

Inadvertidamente, o sujeito começa a viver sem questionar e a acreditar que os valores, o modo de vida que se difunde e a aquisição dos produtos oferecidos pelo mercado seja a garantia da felicidade, do sucesso. Corre-se, desenfreadamente, passa-se por cima do que for preciso para obtê-los, porém eles não são alcançáveis, são como um poço no deserto, uma miragem – ilusão.

Para Freud (1996a, p. 40), as ilusões,

[...] não precisam ser necessariamente falsas, ou seja, irrealizáveis ou em contradição com a realidade [...] Podemos, portanto, chamar uma crença de ilusão quando uma realização de desejo constitui fator proeminente em sua motivação e, assim procedendo, desprezamos suas relações com a realidade, tal como a própria ilusão não dá valor à verificação.

Torna-se premente para o indivíduo questionar-se sobre o modo como vive e sobre a qualidade de sua vida, recuperar suas faculdades de pensar, sentir e agir; fazer suas próprias escolhas, não se deixar influenciar pelos valores que se propagam e o levam a negar/negligenciar suas necessidades intrínsecas. Faz-se necessário desenvolver o pensamento em termos de complementaridade e não de exclusividade; o homem não se limita a um corpo, a uma cultura, ele é ao mesmo tempo: natureza e cultura, corpo e espírito, razão e emoção.

O futuro não está dado, nem é possível prever os acontecimentos que estão por vir, eles são incertos. Pensar, agir e acreditar em uma linearidade não é conhecer o processo da vida, e sim fugir das contingências, das crises que se instauram de tempos em tempos, do imprevisível e do incontrolável.

(A) – (Tyler) Procedimento de saída de emergência a 10.000 metros de altura. A ilusão de segurança.

(B) – (Jack) É, acho que sim.

(A) – Sabe por que colocam máscaras de oxigênio nos aviões?

(B) – Para que possa respirar.

(A) – O oxigênio te dá barato. Numa emergência catastrófica, você entra em pânico. De repente você fica eufórico, dócil. Você aceita seu destino. Está tudo aqui. Aterrissagem de emergência na água a 900 kph.

3 Crise cultural

A crise atual da cultura alicerça-se no conflito existente entre os interesses do mercado (econômico e político) e os interesses individuais. Isso ocorre devido ao fato de as forças políticas se sobreporem ao sistema cultural as quais enquanto governam impossibilitam a cultura de ter uma visão universal da humanidade. Para Eagleton (2005), a cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política, ou seja, primeiro deve-se considerar a cultura na qual o indivíduo encontra sua representação no âmbito político (Estado), no qual se corporifica a humanidade comum dos cidadãos.

Para que a política seja exercida dentro de uma dimensão ética mais profunda e favoreça a existência de uma cidadania mais responsável e de boa índole, é necessário primeiramente ser homem e depois cidadão.

Tradicionalmente, cultura era uma maneira de sair da mesquinhez, do particularismo, do singularismo para o coletivo, de movimentar os olhos ao redor e não olhar para a própria face. O que a cultura faz é resgatar o universal do singular, a unidade da diversidade e corporificar nossa humanidade comum. No século XX, com o fortalecimento do movimento de globalização, a cultura passa a ser uma força politicamente relevante e ocupa uma posição de destaque, como forma de obter a emancipação política, ou promoção, de acordo com o modo de vida entre potência e nação subjugada.

Se tradicionalmente a noção de cultura se liga à transcendência de particularismos, ela passa a significar a afirmação de uma identidade específica, nacional, ética, regional. A crise da cultura ocorre entre um conceito por demais amplo, universal e um sobremaneira particularista. Tendo por origem histórico-

material o movimento da globalização, a partir do qual se presencia a resistência em nível de diferenças locais às forças globais do mercado, o conflito instaura-se.

A nova economia global não pode ser interpretada em termos de modelos oferecidos por centros ou por periferias; há inúmeras formas de se organizar e atuar no mercado global. Tem-se que considerar as diversidades, a desestabilização, o híbrido, enfim, as especificidades do local, suas combinações e sua produção social. Por meio dos deslocamentos do tempo, do lugar, introduzem-se vários outros elementos e modalidades que influenciam a apresentação.

A localidade cria sua forma de participação e de relação com o fenômeno globalizante no campo cultural e, conseqüentemente, no campo identitário. Os elementos fundamentais de organização das ideias e de concepções sobre o mundo e sobre si mesmo são encontrados na experiência cotidiana e nas opções pessoais. Tanto os valores individuais como os coletivos têm como referencial de forma de ação os valores e a lógica da sociedade vivenciada. A cultura, como Eagleton (2005, p. 38) enfatiza, *[...] é um conjunto de potenciais produzidos pela história e que trabalham subversivamente dentro dela*, movendo-se, simultaneamente, a favor e contra a corrente natural do progresso histórico.

Você acorda no aeroporto. Aeroporto de São Francisco, Los Angeles – acorda em O'hare. Dallas Fort Worth. No aeroporto de Baltimore – Washington. Pacífico, Montanhas Rochosas, Central. Perde uma hora, ganha outra. Esta é a sua vida e se desfaz a cada minuto. Você acorda no Air Harbor Internacional. Se você acorda em horas diferentes, em lugar diferente, será que pode acordar outra pessoa?

As posturas totalizantes e totalizadoras de mercado, os vínculos tradicionais lançados fora e o isolamento e ansiedade, em nível crescente, dos indivíduos fazem com que eles se fechem em si e busquem a identificação, o sentimento de inclusão, como modo de não se sentirem sós e desamparados. Se,

por um lado, a cultura global individualiza o sujeito, por outro ela proporciona, a cada dia, um maior número de construções identitárias.

*A vida em miniatura. Unidades únicas de açúcar e creme.
Unidade única de manteiga, o cordon bleu de miniatura,
shampoo dois em um, amostra de desinfetante bucal, mini sabão.
As pessoas que conheço nos vôos são amizades “porção única”
entre decolagem e aterrissagem temos nosso tempo juntos. É tudo
que temos.*

Busca-se a identificação, o indivíduo vê-se diante da necessidade de não se sentir só e criam-se grupos, nos quais ele sinta-se incluído, compreendido, respeitado e se fortaleça.

*(A) – (coordenador do grupo de câncer de próstata) Nós nos
damos forças uns aos outros. Vamos seguir o exemplo de
Thors e nos abrir.*

*(B) – (Jack/Cornelius) Assim conheci Bob. Meu nome: Cornelius.
Me soltei. Eu encontrei a liberdade na perda da esperança.
Eu fiquei viciado – alcoólicos anônimos, tuberculosos,
câncer de pele, renal crônico. Se não dizia nada, as pessoas
assumiam que era o pior. Eles choravam e eu chorava mais.
Eu não estava morrendo de verdade, não era hospedeiro de
câncer ou parasita algum. O mundo girava à minha volta.
Eu morria todas as noites e todas as noites eu renascia.
Ressuscitado*

A cultura tem seus fundamentos no modo histórico. O conflito relevante instaurado que contribui para a reflexão no tocante às subjetividades produzidas

atualmente é entre cultura como identidade e cultura como mercadoria. Historicamente falando, determinados bens materiais não eram acessíveis a todos e, principalmente, aos indivíduos dos países considerados de terceiro mundo, mas à medida que adentram no mercado global, atingem a todos que até então não tinham acesso a eles.

Em decorrência das consequências históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais, os indivíduos constroem sua identidade. No campo econômico, em países ditos de terceiro mundo, sempre houve uma linha fronteira que delimita o acesso e a aquisição de determinados bens materiais, bem como o acesso a outras áreas. A partir do momento em que essa linha (imaginária) cai por terra com os movimentos globalizantes, abre-se uma porta até então inacessível, que provoca um frenesi naqueles que eram excluídos do acesso ao mercado global.

Os indivíduos são atraídos pela possibilidade e facilidade de acesso, até então elitizado, sentem-se incluídos por poderem usar uma camisa de determinada marca, que até então não tinham nem tinham como adentrar na loja que a vendia. O mercado está aberto a todos, oferece inúmeras prestações de pagamento para aqueles que não podem pagar no ato da compra. As financeiras, os créditos bancários, os cartões de crédito se avolumam e são oferecidos a todos, indistintamente, e aos poucos o sonho torna-se realidade; a liberdade.

Essa liberdade, no entanto, é ilusória. Se por um lado o sujeito passa a sentir-se desorientado, insatisfeito, solitário porque que não consegue usufruir de tudo que é oferecido no mercado e com a rapidez com que são trocados, por outro, o desemprego bate à porta de todos e a qualquer momento. A instabilidade, a insegurança, passa a rondar sua vida, assim como a perda de acesso ou de objetos.

Para Freud (1996a, p. 119), [...] *O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança [...].* No momento de perda, o conflito novamente se instala e as dúvidas tornam-se um pesadelo.

(A) – (Jack) Quando você compra móveis, você pensa, é isso aí. Este é o último sofá que vou comprar, seja lá o que for, o problema do sofá está resolvido. Eu tinha tudo. Tinha um aparelho de som legal. Uma coleção de roupas bem respeitável. Estava próximo de me sentir completo.

(B) – (Tyler) Que merda cara, agora tudo se foi.

(A) – Tudinho.

(B) – É essencial para nossa sobrevivência? Não, o que somos então?

(A) – Não sei. Consumistas?

(B) – Certo, somos consumistas. Somos subprodutos de uma obsessão por um estilo de vida. Assassinato, crime, pobreza. Estas coisas não me interessam. O que me interessa são revistas de celebridades, TV com 500 canais, nome de uns caras na minha cueca, Rogaine. Viagra, olestra.

(A) – Martha Stewart.

(B) – Que Marta Stewart, o quê! Ela já era, está na descendente. Então, foda-se seus sofás e acessórios. Eu digo: não queira ser completo. Para de querer ser perfeito. Vamos nos expandir. Deixe o barco correr. Este é meu jeito e posso estar errado. Talvez seja mesmo uma tragédia terrível.

(A) – É só material, não é tragédia...

(B) – De fato, você perdeu soluções versáteis para a vida moderna.

(A) – Droga, você está certo. Meu seguro cobrirá tudo, então...

(B) – O quê? As coisas que você possui acabam possuindo você. Faça o que quiser cara.

Os contextos sociais divergem-se entre si e não há como desconsiderá-los, do mesmo modo que é impossível fazer com que um indivíduo seja cem por cento idêntico a um outro, devido às diferenças genéticas, físicas, histórias de vida, espiritualidade, valores, crenças; é impossível, é inviável e em última instância, é desumano querer impor um estilo, um modo de vida próprio de uma cultura a outra.

Interferências culturais, sim, essa é a riqueza quando ocorre a comunicação entre diferentes culturas, justamente, por haver essa porosidade no tocante à cultura e ao indivíduo. Não há completos, definitivos; esse é um ponto universal – a incompletude.

Aos poucos descobríamos que não estávamos sós. Antigamente, quando voltava para casa com raiva ou deprimido, eu limpava o apartamento, polia meus móveis escandinavos. Eu deveria estar procurando um novo apartamento ou cuidando do seguro. É, deveria estar perturbado pelas merdas que perdi. Mas não estava.

O desrespeito às singularidades culturais é também o desrespeito às individualidades. Quando uma cultura se julga superior e tenta impor seus próprios valores e crenças, como forma de perpetuação e universalização, ela, além de se colocar em perigo, promove um mal-estar, um desalento profundo no ser humano.

Toda vez que o avião pendia na decolagem ou na aterrissagem eu rezava por uma queda ou colisão, qualquer coisa. O seguro de vida paga três vezes mais se morria em viagem de negócios.

O ser humano necessita de uma cultura, sua natureza física é indefesa e necessita dela para sua sobrevivência. Nesse contexto, Eagleton (2005, p. 143) ressalta que [...] A cultura é o 'suplemento' que tampa um buraco no cerne de

nossa natureza e nossas necessidades materiais são então remodeladas em seus termos.

Atualmente, o que se presencia é, senão o solapamento das culturas, da identidade tradicional, ao menos a tentativa de solapá-las. Valores como família, religião, estabilidade, código moral encontram-se à deriva e, juntamente com eles, o próprio ser humano que não sabe mais para que vive. O que se encontra em crise é a própria humanidade; não é essa ou aquela pessoa que se encontra sem trabalho, sem acesso à cirurgia plástica, não é o desempregado, mas sim a morte objetiva e subjetiva do ser humano – o homem.

O Clube da Luta este era o meu presente e do Tyler, nosso presente para o mundo.

*(A) – (Tyler) Eu olho ao redor e vejo caras novas. Calem-se! Significa que muita gente vem quebrando as duas primeiras regras do clube. Eu vejo aqui os homens mais fortes e inteligentes. Vejo todo esse potencial desperdiçado. Que droga, uma geração inteira de garagistas, garçons, escravos de colarinho branco. A propaganda põe a gente pra correr atrás de carros e roupas. Trabalhar em empregos que odiamos para comprar merdas inúteis. Somos uma geração sem peso na história. Sem propósito ou lugar. Não temos uma guerra mundial. **Não temos a grande depressão. Nossa guerra é a espiritual. Nossa depressão são nossas vidas.** Fomos criados através da TV para acreditar que um dia seríamos milionários e estrelas de cinema, mas não somos. Aos poucos tomamos consciência do fato. E estamos muito, muito putos. Isso!*

Quando se apoia ou se executa uma política de vida, que elimina em seu fundamento tantas outras, banaliza-se a vida e, simultaneamente, banaliza-se o

mal. A relação existente entre poder político e vida humana, bem como os atos políticos precisam ser repensados. O poder de morte, de rejeição, de exclusão de vidas, como apresentado neste contexto, tem de ser banido. Como tão brilhantemente retrata Arendt (1999), em *Eichmann em Jerusalém*, a vida não pode ser simplesmente um relato da banalidade do mal.

4 A cultura do lixo

Para Lipovetsky (2007), o capitalismo de consumo estabelece uma nova fase: a sociedade de hiperconsumo, o hiperconsumismo. Nas décadas de 60/70, do século XX, o consumo encontrava-se ligado ao reconhecimento de prestígio e posição social do indivíduo, mas, na sociedade hiperconsumista (início na década de 90), está intimamente relacionado ao subjetivo, às emoções.

Aquele apartamento era a minha vida. Eu amava cada pedaço daquele lugar. Não foi só um monte de coisas que foi destruído. Fui eu.

Não se vende unicamente um produto, vende-se um estilo de vida, vendem-se sensações. A cada momento, o número de medicamentos voltados para obter e manter a alegria, manter ou tirar o apetite, manter ou retirar o sono, dar a sensação de bem-estar, esquecer os problemas, retirar o *stress* encontram-se presentes nas prateleiras, assim como um amplo leque de tratamentos para manter o bem-estar e o vigor da juventude.

Um novo nicho abre-se à exaltação do físico. Cirurgias plásticas, massagistas, *personal trainer*, tratamentos cada vez mais avançados e produtos das mais diversas marcas, procedências, composições, não há limites nem estagnação pela busca de novidades. Ao mesmo tempo em que o consumo cresce, aumenta a insegurança, a ansiedade, o *stress* com a necessidade de se manter sempre alerta e em constante busca para não ficar de fora. É uma

incessante e interminável busca que contribui para o indivíduo voltar-se, cada dia mais, para si mesmo, preocupando-se apenas com o aqui e o agora e com o seu bem-estar, a sua realização pessoal – hedonismo.

Todos começamos a ver as coisas de maneira diferente. Aonde fôssemos, analisávamos tudo e todos. Tinha pena desses caras trancados nos ginásios, tentando ficar do jeito estipulado por Calvin Klein ou Tommy Hilfigern.

(A) – (Jack) É assim que um homem se parece?

(B) – (Tyler) Auto-aperfeiçoamento é masturbação. Agora, auto-destruição.

Paralelamente a este consumo desenfreado tão fluido e transitório, o que mais se produz nesta sociedade é o lixo. Nem bem um produto chegou à prateleira e começou a ser adquirido, um outro com mais propriedades, com uma coloração ou um frasco diferente já o substitui. A vida útil dos produtos torna-se cada dia menor. Isso ocorre em todos os setores, desde eletrodomésticos, eletroeletrônicos, instrumentos clínicos e maquinários em geral. Também os padrões de beleza alteram-se a cada dia, o belo de hoje não necessariamente será o de amanhã.

Falar de lixo é voltar os olhos para o que é refogado, desnecessário, sem valor, inútil. Na lata do lixo são encontrados produtos, alimentos e demais materiais que não se utilizam, não são mais adequados, não possuem conserto ou simplesmente estão feios, podendo ser trocados por outros mais modernos, mais novos. Vale mais a pena jogá-los, eliminá-los, do que fazer o conserto ou a limpeza – a adaptação.

Um dos principais desafios abordados por Bauman (2007) e presentes na sociedade líquida é a ameaça de ser jogado no lixo. Na contemporaneidade, deixa-se de viver para a morte, para viver para o depósito de lixo. Na sociedade hiperconsumista, nada deixa de ser um objeto de consumo; só se mantém

incluído, só se mantém vivo quem for capaz de demonstrar seu próprio valor de uso.

Recuperar a categoria de *homo sacer* de Agamben contribui para refletir o lixo humano produzido atualmente. Bauman (2005b, p. 44) afirma: *O homo sacer é a principal categoria de refugo humano estabelecida no curso da moderna produção de domínios soberanos ordeiros [...]*, podem-se citar os consumidores falhos – aqueles carentes de dinheiro e os migrantes econômicos. O lixo passa a ser o lugar destinado àquelas pessoas destituídas das qualidades estabelecidas pela organização produtiva e social vigente, sendo empilhadas indiscriminadamente.

Quando a satisfação de um maior número de desejos não for identificada com a obtenção da felicidade, novamente, uma grande mudança se processará. Uma mudança sócio-histórica, que não necessariamente tenha de abolir o bem-estar material, tampouco desaparecer com a organização mercantil dos modos de vida e sim uma mudança que, de acordo com Lipovetsky (2007, p. 368), [...] *supõe um novo pluralismo dos valores, uma nova apreciação da vida devorada pela ordem do consumo volúvel.*

O pensamento precisa ser valorizado, o indivíduo necessita sair do estado de apatia e decidir conscientemente o que quer e o que não quer viver. Urge aprender a pensar, para, assim, realmente exercer a real liberdade e deixar de sentir-se só e vazio. A verdadeira liberdade envolve atenção, consciência, capacidade de escolhas e leva a deparar-se com o outro.

(A) – (Jack) *O que é isto?*

(B) – (Tyler) *Uma queimadura química. Dói mais que qualquer outra queimadura, e vai deixar cicatriz.*

Meditação funciona com câncer, talvez funcione agora.

(B) – *Não afaste a dor.*

(A) – *Oh! Deus! Pare!*

(B) – *Os primeiros sabões foram feitos com cinzas de heróis, sem dor ou sacrifício, não teríamos alcançado nada.*

Tentei não pensar na palavra cauterização.

(B) – *Pare! Esta é a sua dor, esta é a sua mão em brasas.*

Vou à minha caverna encontrar minha força animal.

(B) – *Não, não lide com isso da forma que aquela gente moribunda faz!*

(A) – *Entendi!*

(B) – *Não, aquilo é só iluminação precoce. Este é o maior momento de sua vida e você se manda para outro lugar... cale a boca! Nossos pais foram inspiração para Deus. Se eles nos abandonaram, o que lhe diz sobre Deus? Escute tem que considerar a possibilidade de que Deus não goste de você, nunca lhe quis, e provavelmente te odeia, não é assim tão ruim assim não precisamos dele.*

(A) – *Concordo!*

(B) – *Pare de lutar. Primeiro tem que perder o medo e saber que um dia, você vai morrer. Pra puta que pariu com a perdição. Somos os enjeitados de Deus! Que assim seja!*

(A) – *Quero água!*

(B) – *Se usar água vai piorar. Use vinagre para neutralizar a queimadura.*

(A) – *Me deixe levantar. Não sabe como dói.*

(B) – *Apenas depois de perdermos tudo é que estaremos livres.*

(A) – *Certo.*

(B) – *Parabéns. Você está mais próximo do fundo do poço.*

A inquietação e a preocupação dos indivíduos com a incerteza de seu destino, com a instabilidade, com a não-visibilidade de um futuro, mesmo que a um curto prazo, levam Sennett (2006, p. 168) a observar que [...] *O que mais precisam é de uma âncora mental e emocional; precisam de valores que as ajudem a entender se as mudanças no trabalho, nos privilégios e no poder valem a pena [...]*, em outras palavras, precisam de uma cultura. Não se pode delegar a outro a pulsão de vida e de morte.

5 O lugar do lixo

Ao lugar destinado ao lixo humano, produzido pela sociedade do consumo, não é concebido um olhar, ele é ignorado, ou melhor, ele inexistente aos olhos dos que não estão a ele destinados. Foge-se da lata de lixo, mas nega-se admitir que o que está na lata do lixo será depositado em um lugar. É como se alguém dissesse a uma criança que não tem dinheiro para adquirir um brinquedo ao que ela responde de imediato: dê cheque, passe o cartão.

Se, atualmente, falar em individualidade é falar na obediência às normas vigentes; para os excluídos, os exilados, falar em identidade, em individualidade é usar de crueldade, ela é imediatamente relacionada ao abandono, à fome, à falta de amigos, ao impedimento de circular em determinados lugares, ao não-acesso a tantas e tantas situações. Possuir uma individualidade é hoje um privilégio para poucos.

(A) – (Jack) *O que está acontecendo?*

(B) – (Tyler) *Se o candidato for muito jovem, diga a ele. Velho, gordo.*

(A) – *Candidato?*

(B) – *Se o candidato esperar por três dias sem comida ou abrigo, ele poderá se juntar e começar o treinamento.*

(A) – *Treinamento, para quê?*

Cedo ou tarde acabamos nos transformando no que ele queria.

(B) – *Você tem camisas, calças, sapatos, jaqueta preta e dinheiro para o enterro?*

Feito um macaco, pronto para ser mandado pro espaço. Macaco espacial. Pronto para se sacrificar por uma causa maior.

(B) – *Escutem vermes, vocês não são especiais, vocês não são uma beleza única, vocês são a mesma matéria orgânica podre como todo mundo. Somos a merda ambulante do mundo. Somos todos parte do mesmo adubo.*

A solidez possível na sociedade atual é o lixo; somente ele tende a ser sólido e durável. A história apresenta-se como uma fábrica de rejeitos; ser rejeitado é ser excluído. O que une os excluídos aos *homini sacri* do passado, como afirma Bauman (2007, p. 134), [...] é a 'nudez social' de seus corpos, o estigma indelével de sua exclusão da parte normativamente regulada da humanidade e do direito à bios [...].

Para Birman (2006), em nome do gozo sem limites, difundido na atualidade, a violência e a crueldade e a destruição humana ganham corpo e espaço na subjetividade. A desigualdade do gozo mantém-se atualmente à medida que o narcisismo é incrementado nos registros individuais e coletivos. Importa ao indivíduo e a mais ninguém a garantia de seu próprio gozo.

A moral centrada no narcisismo não admite o reconhecimento do outro, não dá espaço à alteridade, e o outro – que não sou eu – é banido, violentado e excluído da convivência. Em nome da promoção do progresso social e sua suposta moral, as rivalidades narcísicas produzem monstruosidades entre os homens, como, por exemplo, o hedonismo.

Você vai anunciar publicamente que não há esses tais grupos ou esses caras vão cortar as tuas bolas fora. E vão mandar uma para a New York Times e a outra para o LA Times. Veja, você está atrás das pessoas que justamente dependem de você. Nós cozinhamos, limpamos e fazemos suas ligações para vocês. Dirigimos suas ambulâncias e olhamos por você enquanto dorme. Não nos aborreça.

O outro inexistente, não é lembrado, porque a sua existência torna-se uma ameaça. Assim é o que acontece com aqueles que se encontram sem trabalho; para a economia, para a política e mesmo para os próprios trabalhadores é preferível desconsiderá-los, ou melhor, desconsiderar sua existência, porque, se forem vistos, o medo e a insegurança baterão à porta por não haver como fugir daquilo que existe fora de onde se considera seguro.

No lixo não há identificação, todos são iguais, ninguém possui nem ao menos nome. Podem, em algumas situações, receber números, isso é tudo. Esse é o grande paradigma biopolítico moderno – o campo -, o local de destino do lixo, da vida nua. Nele, até mesmo a morte é interdita, os homens não morrem, são considerados cadáveres.

(A) – (integrante) Depressa, livrem-se das provas, temos de nos livrar do corpo! Enterrem-no. Levem-no para o quintal e enterrem-no.

(B) – (Jack) Tire a mão, do que está falando? Isso não é evidência, é uma pessoa. Ele é meu amigo e você não vai enterrá-lo no quintal.

(A) – Ele foi morto servindo o projeto, senhor.

(B) – Este é o Bob.

(A) – Senhor, no projeto não temos nomes.

(B) – *Escutem bem, este aqui é um homem e ele tem nome, Robert Paulsen, certo?*

(A) – *Robert Paulsen?*

(B) – *Ele é um homem e está morto por nossa culpa, entendem?*

(A) – *Eu entendo. Na morte, um membro do projeto destruição tem nome.*

As leis existem para determinar o que é permitido e o que não é, impõe o certo e o errado, o dentro e o fora, em outras palavras, se a lei determina que todos têm direito ao trabalho, define os deveres a serem cumpridos e as penalidades pelo não-cumprimento, ela não aborda a questão daqueles que estão sem trabalho, porque no momento da aprovação daquela lei o quadro estrutural era outro, o estar sem trabalho era uma exceção.

Atualmente uma grande parte da população encontra-se excluída do mercado de trabalho ou mesmo do mercado de consumo tão propagado. O que era exceção torna-se regra, é o denominado estado de exceção – situação que resulta da suspensão da ordem.

À medida que a exceção se encontra excluída em forma de lei, ela não se define nem como situação de fato nem de direito, o que a faz coincidir com o espaço de ordenamento político e a estrutura originária da relação jurídica. O estado de exceção é a zona excluída de direitos e, para Agamben (2007, p. 43), ele [...] *não é tanto uma suspensão espaço-temporal quanto uma figura topológica complexa, em que não só a exceção e a regra, mas até mesmo o estado de natureza e o direito, o fora e o dentro transitam um pelo outro [...].*

Esta zona de indiscernibilidade entre a lei e a vida é onde se encontra a vida nua, a vida isenta de valor, matável e não sacrificável – *homo sacer*. Esse local é o denominado campo – espaço que se abre quando o estado de exceção se torna regra; nele se rompe o nexos entre localização e ordenamento. Definitivamente o indivíduo está excluído, não se identifica, não se reconhece e também não sabe como tomar o caminho de volta nem tem meios de o fazer.

Tive vontade de atirar em todos os pandas que não transassem para salvar a própria espécie. Queria abrir as válvulas dos petroleiros e destruir aquelas praias francesas que jamais conheceria. Queria respirar fumaça.

(A) – (Tyler) Viajando, oh” psicótico?

(B) – (Jack) Tive vontade de destruir algo belo.

(A) – O que é, querido?

(B) – Nada. Não, por que não me contaram sobre o Projeto Destruição?

(D) – (alguns membros) A primeira regra é: você não faz perguntas.

(B) – Por que não me incluiu desde o começo?

(A) – O Clube da luta foi o começo, agora saiu do porão e se tornou Projeto Destruição.

(B) – Nós começamos juntos, lembra-se? É tão meu quanto teu!

(A) – Então isso é um problema entre nós dois?

(B) – É, não estávamos fazendo isso juntos?

(A) – Isso não nos pertence, não somos especiais.

(B) – Foda-se, você. Deveria ter me dito. Hey, Tyler!

(A) – O que quer?! Um ofício? Devo lhe mandar um e-mail? Você decide o quanto quer se envolver.

(B) – E irei. Mas quero saber algumas coisas antes!

(D) – A primeira regra é...

(B) – Calem-se! Quero saber o que está pensando.

(A) – Foda-se você e o que você sabe! Você precisa esquecer o que você pensa que sabe sobre a vida, amizade e especialmente sobre eu e você.

(B) – *O que isso quer dizer?*

(A) – *O que gostaria de ter feito antes de morrer?*

(B) – *Construído um auto-retrato. Construído uma casa.*

(A) – *E você?*

(B) – *Não sei nada.*

(A) – *Mas você tem que saber. Se morresse agora, como sentiria sua vida?*

(B) – *Não sei. Nada bom. É isso o que quer escutar?*

(A) – *Não é suficiente.*

(B) – *Que droga! Pra puta que pariu o Clube da luta, a Marla, estou cansado desta merda.*

(A) – *Ok. Certo. Olhe para você, é tão patético!*

(B) – *Por quê? Do que está falando?*

(A) – *Por que pensa que explodiu seu apartamento?*

(B) – *O quê?*

(A) – *Atingir o fundo do poço não é moleza. Pare de tentar controlar tudo e relaxe. Relaxa! Relaxe.*

(B) – *Certo, tudo bem.*

(A) – *Tudo bem.*

Nunca estive num acidente de carro antes. Acho que é assim que aquela gente se sentia antes de eu anotá-los como estatísticas nos meus relatórios.

(A) – *Que droga. Acabamos de experimentar o limite da vida.*

O campo é o lugar do não-homem, do inumano. Agamben (2008, p. 63) reporta-se ao muçulmano ⁴ abordado por Bettelheim e afirma tratar-se de [...] *alguém que abriu mão da margem irrenunciável de liberdade e que, conseqüentemente, extraviou qualquer traço de vida afetiva e de humanidade [...];* abriu mão de sua dignidade e concentra-se em sobreviver.

O campo não pode tornar-se a nova forma de ordenamento. Na sociedade contemporânea, o lixo é um dos campos atualmente produzidos aos seres humanos e onde se presencia a total anuência e indiferença política.

No mundo que eu vejo, você está à caça do alce, nas florestas do Grand Canyon nas ruínas do Rockefeller Center. Vai usar roupas de couro que vão durar sua vida inteira. Vai escalar pelas eras da Sears Tower. E quando olhar para baixo, vai ver figuras minúsculas, secando charque nas pistas de alguma auto-estrada abandonada. Sare logo, campeão.

A vida humana não pode ser desvalorizada, perder o seu valor em detrimento de um sistema que cria valores fundamentados no egoísmo, no desprezo, no poder, em um sistema que mata aos poucos o ser humano em sua subjetividade, destruindo-o. Não é mais possível ignorar que a crise da humanidade passa pela crise da legitimidade da cultura e do reordenamento do espaço e da ação política. A vida humana não pode continuar a ser banalizada.

6 Cultura do consumo e identidade

Na busca constante por emoções, na ânsia de sair da rotina do dia-a-dia, de querer fugir e acreditar que não há porque passar por este ou aquele problema, por esta ou aquela situação desagradável, na busca de repelir o fardo

⁴ Muçulmano [...] é o não-homem que habita e ameaça todo ser humano, a redução sinistra da vida humana à vida nua [...] (AGAMBEN, 2008, p. 14).

de sua história, o indivíduo busca, no consumo, a satisfação de suas necessidades. Os sofrimentos e as dificuldades deixam de fazer parte da vida cotidiana, assim como as fases a serem superadas, passando a ser considerados anomalias que necessitam de ser medicados.

O indivíduo não aceita viver e conviver com o que possa lhe causar mal-estar, aborrecimento. Busca-se a felicidade eterna, constante – estar bem sempre. O modelo do consumidor de hoje, de acordo com Lipovetsky (2007, p. 70), é [...] *o indivíduo móvel, o indivíduo-órbita zapeando as coisas na esperança, muitas vezes frustrada, de zapear sua própria vida.*

Ele torna-se menos estável; as relações por ele estabelecidas com os demais indivíduos também são de caráter fluido, instável, transitório. Ele zapeia relações pessoais; rapidamente pode emergir uma amizade ou relacionamento afetivo, que a qualquer momento pode ser deletado. São relações estabelecidas pelo e no presente; amanhã elas podem não mais existir. Todas as esferas da vida social e individual reorganizam-se de algum modo de acordo com os princípios da ordem consumista.

(A) – (Tyler) *Se pudesse escolher com quem você lutaria?*

(B) – (Jack) *Eu lutaria com o meu chefe, provavelmente.*

(A) – *Mesmo?*

(B) – *Sim. Por quê? Com quem você lutaria?*

(A) – *Eu lutaria contra o meu pai.*

(B) – *Eu não conheço meu pai, quer dizer, eu conheço ele, mas ele nos deixou quando eu tinha uns seis anos. Casou com outra e teve outros filhos. Ele fazia isso a cada seis anos. Ele troca de cidade e começa de novo.*

(A) – *O puto então está licenciando franquias!*

A situação causa-lhe ansiedade, medo, pois se sente constantemente premido, coagido para não ser excluído, para não fracassar. As expectativas individualistas, cada dia mais enfáticas, acarretam uma precarização que atinge até mesmo a vida conjugal. Para Lipovetsky (2007, p. 170), a sociedade do hiperconsumo, ao difundir o ideal de autorrealização em todo o corpo social, [...] *exacerbou as discordâncias entre o desejável e o efetivo, o imaginário e o real, as aspirações e a experiência vivida cotidiana.*

Como consequência desse modo de viver individual, calculista e imediatista, em busca de um eterno gozo, o indivíduo sente-se carente de amor, já não consegue estabelecer laços afetivos duradouros como outrora. A maneira de ver o mundo, o modo como o pensamento consumista passa a guiar os passos da vida humana atinge sobremaneira as relações afetivas. Nada mais se pode esperar, tudo tem de estar pronto; não se consegue perceber que não há um caminho coletivo a trilhar, mas adequações a serem feitas nas relações de uns com os outros.

Do mesmo modo que se compra uma roupa e se experimenta para verificar se cai bem, ou um móvel cujas medidas devem ser exatas no espaço a ele destinado, assim se estabelecem as relações pessoais. Mesmo nos contratos, há sempre cláusulas que tem a possibilidade de revogá-los. O matrimônio é um exemplo de como as modificações se processam ao longo do tempo. Primeiramente estabeleceu-se o desquite, após, o divórcio e, atualmente, tem-se o contrato de experiência por um tempo determinado. Tudo passa a ser passível de negociação, até mesmo a durabilidade de uma relação afetiva ou sentimental.

Em relação ao trabalho, à profissão, Bauman (2007) observa que a liquidez da vida e a da sociedade alimentam-se e se revigoram constantemente. As realizações pessoais não se solidificam, o indivíduo vive constantemente reiniciando; não há definitivos, apegos, certezas constantes, o importante é priorizar, quando necessário o desvencilhar-se rápido e indolor.

Esquecer, substituir é o primeiro mandamento da sociedade líquida – desapego. Corra, faça o possível e o impossível, para manter-se distante da lata de lixo. Todos correm o risco de ir para o lixo; a vitória pertence àqueles mais

leves, voláteis, aos que conhecem as leis do labirinto. Ligar-se ligeiramente às coisas e às pessoas é uma ordem, deixá-las ir é um imperativo.

O importante é ter mobilidade, velocidade. Com esses predicativos, pode-se viver muitas vidas, muitas histórias. Escolha quem quer ser hoje, adquira este estilo, vivencie um trabalho, exerça uma atividade, constitua uma família, mas não se preocupe com a durabilidade; renasça quantas vezes for possível, coloque-se novamente a caminho a cada momento que julgar ou for necessário. Sempre há a chance de ter uma outra vida, ser de um outro modo.

Com a fragmentação das instituições, a vida de muitos indivíduos também se fragmenta, a vida familiar vê-se desorientada, o indivíduo não tem mais um local certo de trabalho, torna-se impossível estabelecer-se. Por outro lado, as relações pessoais esfacelam-se. Com a ausência de compromissos recíprocos, a confiança e a responsividade deixam de existir. A história deixa de ser partilhada; a solidão, a ansiedade, a frustração, o medo se estabelece. A preocupação, a inquietude do indivíduo com a incerteza de seu próprio destino cresce a cada dia. Ele se encontra emocional e mentalmente enfraquecido.

O sujeito não mais se reconhece e não se identifica com nada por um longo período. Tudo, até mesmo sua identidade, torna-se fugidio, efêmero. A cultura do consumo determina quais as possíveis identidades disponíveis no momento e estabelece estilos e modos de vida. Só é delegada ao sujeito a escolha por quem quer ser. Decida quem quer ser, o que quer viver e quais sensações busca, pelo período que lhe satisfizer, o restante já está pronto, basta adquirir.

A gente tem que concordar. Ele tinha um plano e começou a fazer sentido. Sem medo, sem distrações, a habilidade de não prestar atenção àquilo que não importa.

(A) – (Tyler) Seu emprego não é o que você é. Nem quanto ganha ou quanto dinheiro tem no banco, nem o carro que dirige. Nem o que tem dentro de sua carteira, nem as calças que veste, você é a merda ambulante do mundo.

A precariedade da cultura do consumo é vivida como uma crise identitária, uma experiência humilhante e deprimente; estar desempregado torna-se uma crise nesses moldes, normalmente acompanhada de uma auto-e socioestigmatização, além de se relacionar a uma incapacidade pessoal e à sensação de fracasso. A identidade ao relacionar-se ao que se tem e não ao que se é, promove no indivíduo, ao sentir-se excluído, uma sensação de viver menos e ser menos; a cada dia torna-se extenuante e difícil assumir o papel de sujeito.

7 Relação: objeto de consumo e a identidade pessoal

Não obstante serem difundidos os valores de desapego, o indivíduo, quando se vê privado dos objetos materiais que adquiriu ao longo da vida e nos quais encontrava satisfação e realização pessoal, sente-se sem significado, sem vida – não é mais nada; perde sua identidade.

A perda de um bem material, não importa se um imóvel ou uma simples peça de vestuário, causa transtornos para o indivíduo, principalmente à sua psique e ao seu comportamento. É neles que o indivíduo visualiza sua história de vida e a sua própria existência. Na perda, sente-se desamparado, sem chão, como se tivesse perdido a própria vida.

Para Birman (2006), o mal-estar contemporâneo inscreve-se em três registros psíquicos: o do corpo, o da ação, que se apresenta em forma de violência e de compulsão, e o do sentimento que no excesso encontra o seu fundamento. Esse excesso está ligado à pulsão de morte, ele foge à regulação da vontade e se impõe no psiquismo – é incontrolável.

Na pulsão de vida está presente o desejo, que, nunca é cem por cento realizado, mas é ele a potência da vida. Enquanto na pulsão de vida circula a energia humana para a criação, a expansão e a manutenção da vida e apresenta como derivados o amor, a fraternidade, a criatividade, na pulsão de morte está ausente a energia humana.

A pulsão de morte expressa-se pela busca ao retorno, à imobilidade, à vida estática, imutável, onde se eliminam as tensões, há o repouso absoluto, o

chamado nirvana. Seus derivados são a autodestruição e a violência. O indivíduo vive um eterno conflito entre a pulsão de vida e a pulsão de morte, comprimido entre o prazer e o desprazer, entre a construção e a desconstrução do ser.

Tyler se foi. Estava eu dormindo? Havia dormido? A casa tinha criado vida própria. Úmida por dentro de tanto suor e respiração. Tanta gente se mexendo, a casa se movia também. Planeta Tyler. Tinha de grudar nas paredes. Preso dentro deste mecanismo de macacos espaciais. Cozinhando, trabalhando e dormindo em grupos. Estou só, meu pai me abandonou, o Tyler também.

Os indivíduos encontram-se cada vez mais assujeitados e à mercê dos excessos, por exemplo na exaltação do corpo, da beleza e do consumo, o que faz com que fiquem diante de algo que os ultrapassa. Nesse contexto, encontra-se uma raiz das depressões tão frequentes nos dias atuais.

A paralisia psíquica é a despossessão de si, como se a psique não mais precisasse pensar, decidir, mas simplesmente aceitar. É aí, no sentimento de vazio, expresso em ações compulsivas como o consumo desenfreado ou a violência, que se encontra a marca das depressões tão comuns hoje.

Esta dinâmica social que consiste em apresentar ao indivíduo tudo pronto, determinado e acessível, faz com que o período entre o despertar do desejo e a satisfação de realizá-lo ocorra em um curto espaço de tempo, impossibilitando o sentimento de realização, pois, à medida que o desejo se satisfaz, um outro já ocupou o seu lugar, privando e enfraquecendo as simbolizações.

Se a psique se encontra paralisada, perde-se o controle dos excessos e dos impulsos. Com o enfraquecimento das simbolizações, o indivíduo sente-se desamparado, solitário, e fecha-se em si mesmo e não reconhece o outro. Para ele, o mundo não tem mais sentido; ele é o senhor todo-poderoso, soberano, a quem tudo é permitido.

A identidade relaciona-se à experiência pessoal e psíquica. Em se tratando da identidade profissional, esta se encontra em crise. Os valores, o modo de viver implantado com a globalização são efêmeros e se opõem aos valores fundamentados na solidez e na estabilidade outrora vivenciados pelos indivíduos, o que acarreta danos sociais e individuais.

Sai em busca de Tyler. Fui a todas as cidades onde o Tyler havia estado, pulando de bar em bar. Não sabia como ou por que, mas podia adivinhar. À toda cidade que fui, assim que punha os pés para fora do avião podia sentir um Clube da luta próximo. O Tyler esteve ocupado abrindo franquias pelo país. Estava dormindo? Dormi? Será que o Tyler é meu pesadelo ou eu o dele? Eu vivia num estado de déjà vu. Para onde fosse, eu sentia que já havia estado lá. Era como seguir um homem invisível. O cheiro de sangue seco; as marcas dos pés sujos descalços se perseguindo em círculos; aquele cheiro de suor, de ranço. A sensação do chão ainda morno da luta na noite anterior. Estava sempre um passo atrás do Tyler.

(A) – (Jack) Quem você pensa que eu sou?

(B) – (garçom/integrante do Clube da luta) Isso não é um teste?

(A) – Não, isso não é um teste.

(B) – Você é o Sr. Durdên. Você me deu isso [queimadura na mão].

Esquecer quem se é aceitar ser qualquer coisa imposta por outrem. O ser humano necessita ocupar seu espaço na organização social. Se o desenvolvimento da tecnologia e da ciência se deu foi para garantir uma vida mais digna e não para causar tanto mal-estar e miséria a ponto de levar os indivíduos a correrem constantemente o risco de ir para o lixo, para o campo da vida nua.

Sempre me perguntaram se eu conheço Tyler Durden...

8 Campo da luta

No filme **Clube da Luta**, o campo onde se instaura a luta é o interior do personagem; ali ele enfrenta a si mesmo. É na psique que se trava o combate; o ego e o alter ego se enfrentam. Observa-se que o ego é a soma total dos pensamentos, idéias, sentimentos, lembranças e percepções sensoriais. Ele apresenta como funções a comprovação da realidade e a aceitação, mediante seleção e controle, dos desejos e dos impulsos que emanam do indivíduo, enquanto o alter ego (do latim alter=outro ego=eu) entende-se como o outro eu, outra personalidade de uma mesma pessoa. Para a psicologia trata-se de um outro eu inconsciente.

No filme, o campo simbólico do eu é apresentado por aquele indivíduo (Jack) que se sente perdido, em conflito, sem emoção, fútil e se declara, assim como tantos outros, ser escravo do consumismo caseiro. Em consequência desse mal-estar, passa a ter insônia, não se sente vivo nem consegue trabalhar como antes. Tudo lhe parece distante. É o sujeito que se muda para uma casa totalmente depredada e pronta para ser demolida com alguém que conheceu recentemente e que tem ideias e maneira de viver totalmente diferentes das suas.

O alter ego se apresenta no personagem Tyler Durden, um sujeito com ideias malucas, que questiona a necessidade de segurança das pessoas e a ilusão promovida pela e na sociedade.

(A) – (Tyler) Quero que me faça um favor.

(B) – (Jack) Sim, claro.

(A) – Quero que me bata o mais forte que puder.

(B) – O quê?

(A) – Quero que me bata o mais forte que puder.

Deixe eu falar um pouco sobre Tyler Durden, era do tio notívago. Enquanto o resto de nós dormia, ele trabalhava. Ele trabalhava meio período como projetorista. Ele também trabalha como garçom no luxuoso hotel Pressman.

(B) – Só quer que eu lhe bata?

(A) – Vamos lá, só este favorzinho.

(B) – Por quê?

(A) – Eu não sei, nunca lutei antes, e você?

(B) – Não.

(A) – Mas isso é bom. Como pode conhecer a si mesmo! Eu não quero morrer sem nenhuma cicatriz. Vamos, me acerta, antes que eu me enerve.

(B) – Oh! Deus, isso é loucura.

(A) – Então, fique louco, dê a porrada!

(B) – Eu não sei não!

(A) – Eu também não. E daí? Ninguém está olhando, qual é o problema?

(B) – Isto é loucura, você quer que eu lhe acerte? Aonde? Na cara?

(A) – Me surpreenda.

(B) – Isso é uma puta idiotice. [eu bato]

(A) – Filho da puta.

(B) – Estraguei alguma coisa?

(A) – Não, foi perfeito. [Tyler o acerta]

(B) – Não, está tudo bem. Dói de verdade.

(A) – Certo. Me acerte de novo.

(B) – Não, você me acerta, vamos lá. [inicia a luta]

(A) – Devemos fazer isso de novo, um dia desses.

À noite, Tyler e eu éramos os únicos num raio de um quilômetro.

Depois da luta parece que todas as coisas abaixaram de volume.

Você podia lidar com qualquer coisa.

O Clube da Luta, nasce quando mais pessoas se associam, apresenta regras claras, que permitem que seus membros se sintam seguros e voltem à realidade sem qualquer problema ou constrangimento.

Você não se sentia vivo daquela maneira em nenhum outro lugar. Mas o clube da briga existe apenas entre as horas em que começa e termina. Mesmo que pudessem dizer a alguém que tive uma boa luta, não estaria me dirigindo ao mesmo homem. Você não era o mesmo fora do clube da briga. Tinha esse cara com bunda de gelatina. Depois de algumas semanas, aparecia esculpido em madeira.

As regras do Clube da Luta são as seguintes: 1) *você não fala nada a respeito;* 2) *você não fala nada a respeito;* 3) *alguém grita: “para” ou sinaliza, e a luta está terminada;* 4) *apenas dois caras em cada luta;* 5) *uma luta de cada vez;* 6) *sem camisas, sem sapatos;* 7) *as lutas duram o quanto precisar;* 8) *se esta for sua primeira noite no clube da luta, você tem de lutar.*

O Clube da Luta é um espaço criado por Tyler e Jack para proporcionar vida e despertar emoção, mesmo que seja dor, mas uma dor real, que deixe cicatriz e marcas do tempo vivido; é a fuga do vazio, da compulsividade para alcançar o inalcançável, o que sempre foge, a subjetividade, o próprio eu.

O Clube da Briga não era sobre ganhar ou perder. Não era sobre palavras. Os gritos histéricos estavam nas línguas como numa igreja pentecostal. Depois da luta não havia resultado... mas nada importava. Depois, nos sentíamos salvos.

Recuperar os registros psíquicos, do corpo, da ação e do sentimento abordados por Birman (2006), contribui para compreender o filme, principalmente no campo da ação. Ela se apresenta, em um primeiro momento em forma de compulsão, seguida de violência. A princípio é uma ação compulsiva, uma forma de buscar o sentimento perdido, de sentir-se vivo. As brigas se travam entre os membros do Clube, que voluntariamente o frequentam. Respeitar as regras é imperativo e o momento de parar é decidido por quem não suporta mais a dor.

Em um segundo momento, com o Projeto Destruição, a violência toma outras proporções. Nesse instante, o alter ego/Tyler encontra-se com alguém que recupera a simbolização, o ego/Jack. Arruaças, matança de animais e quebra-quebras, passam a ser as “lições de casa” oferecidas aos demais membros do Clube. Esses procedimentos fazem com que Jack se apresente, enfrente o comportamento de Tyler e o questione.

Ego e alter ego podem aparecer de forma combinada na mesma individualidade, porém um deles pode assumir maior destaque que o outro. O que leva a tal mal-estar contemporâneo nas subjetividades é o excesso que se impõe no psiquismo. Para Birman (2006, p. 185), [...] *o excesso é sempre irrupção de algo que escapa à regulação da vontade e que se impõe no psiquismo. Seria isso, pois, a marca do excesso, que se caracteriza por ser incontrollável.*

(A) – (Jack) Oi, preciso que me prenda. Sou o líder de uma organização terrorista, responsável por vários atos de vandalismo e assaltos por toda a cidade. Temos uns duzentos membros na área metropolitana. Há filiais em cinco ou seis grandes cidades. Esta é uma organização fechada, com muitas células operando independentemente.

Vá até a casa, certo? 1537, Rua Papers. É nosso quartel-general. Enterrado nos fundos do quintal, vocês encontrarão o corpo de Robert Paulsen. No porão, irão achar algumas banheiras, que foram usadas recentemente, para a produção de nitroglicerina. Acredito que o plano seja explodir os quartéis-generais das grandes companhias de cartão de crédito e o prédio do Sistema de Informação.

(B) – (policia) E por que estes prédios? Por que companhias de cartão de crédito?

(A) – Se você apagar os registros de débitos, tudo será zerado. Vai criar caos total.

O eu, até então adormecido, recupera-se e enfrenta o alter ego; ele sente-se em alguns momentos assim: **sou o sentimento de rejeição de Jack**, ou **o coração quebrado de Jack**, ou seja, Jack aceita e acredita no Clube da Luta, em um modo de vida que passa a adotar a partir do encontro com Tyler, mas em dado momento ele toma consciência de que algo estranho acontece. A tomada de consciência é trágica; ele não se reconhece e não entende como pode, ele e Tyler serem a mesma pessoa.

(A) – (Tyler) Você quebrou sua promessa. Você falou com ela sobre mim.

(B) – (Jack) O que está havendo?

(A) – Eu lhe pedi uma coisa só, só uma coisinha simples.

(B) – Por que pensam que eu sou você? Me responda!

(A) – Sente-se.

(B) – Responda! Por quê? Pensam que eu sou você?

(A) – Por que iriam me confundir com você?

(B) – *Eu não sei.*

(A) – *É isso aí.*

(B) – *Não, diga! Diga!*

(A) – *Claro que sabe.*

(B) – *Não, não sei.*

(A) – *Sabe sim.*

(B) – *Porque somos a mesma pessoa...*

(A) – *Isso mesmo.*

(B) – *Eu não entendo.*

(A) – *Você queria um jeito de mudar a vida. Não podia conseguir sozinho. Tudo o que quisera ser, este sou eu. Eu pareço e transo do jeito que quer parecer e transar, sou esperto, capaz e mais importante, eu sou liberado de todas as maneiras que você não é.*

(B) – *Não é possível, isso é maluquice.*

(A) – *As pessoas fazem isso todos os dias. Falam consigo mesmos, veem-se, como gostariam de ser, só não têm a sua coragem de, simplesmente, levar adiante. Você ainda se debate um pouco, é por isso que às vezes você é você. Às vezes você me assiste. Pouco a pouco você está se transformando em Tyler Durden!*

(B) – *Não, você tem uma casa.*

(A) – *Alugada em seu nome.*

(B) – *Você tem empregos, uma vida.*

(A) – *Trabalha à noite porque não pode dormir. Fica acordado e fazendo sabão.*

(B) – *Tyler, você está comendo a Marla.*

(A) – *Técnicamente, é você, mas pra ela tanto faz.*

(B) – *Oh, meu Deus!*

(A) – *Você não vê nosso dilema agora. Ela sabe demais. Pode vir a comprometer nossos objetivos.*

(B) – *O que está falando! Que merda, não quero mais ouvir! Você está maluco.*

(A) – *Não, você está maluco. Não temos tempo pra essa merda.*

Jack vive um momento de recalque e na luta, para se sentir melhor, faz um deslocamento em sua subjetividade e tem uma experiência da transgressão. Para Birman (2006, p. 367), o gesto transgressivo suspende, abole o sistema normativo e procura criar para [...] *a subjetividade as condições de possibilidade para se enunciar de maneira mais condizente com os seus desejos e os seus imperativos pulsionais.*

Relacionada à transgressão, encontra-se a exposição da individualidade. Se há o rompimento com as regras e normas sociais, há a morte simbólica e, conseqüentemente, o real se impõe – a vida torna-se nua e o desamparo corporifica. Tyler é a personalização da transgressão e, no momento da luta final entre qual dos dois deve sobreviver, se o real ou a realidade, a realidade vence; com o real é impossível conviver. Frente a frente com a pulsão de morte, ele luta com todas suas forças para não ficar exposto em sua miséria; o conflito se instaura e o desejo de se reintegrar à vida social se impõe.

9 Cultura x indivíduos

O ser humano é totalmente cultura e totalmente natureza, ele se move no encontro do concreto e do universal, do corpo e do meio simbólico. Eagleton (2005, p. 143) afirma que [...] *não nascemos como seres culturais, nem como*

seres naturais auto-suficientes, mas como criaturas cuja natureza física indefesa é tal que a cultura é uma necessidade se for para que sobrevivamos [...].

O sujeito é ambivalente, paradoxal, cindido, carrega dentro de si a totalidade da vida e ao mesmo tempo é uma unidade singular. Ele vive para si e para o outro, sofre simultaneamente pressões de forças contraditórias como o amor e o ódio, o egoísmo e o altruísmo. A cultura, como afirma Eagleton (2005, p. 143), é o [...] *'suplemento' que tampa um buraco no cerne de nossa natureza e nossas necessidades materiais são então remodeladas em seus termos.*

A relevância da existência da cultura para o ser humano faz com que ele se sinta imprensado entre natureza e cultura, entre as forças associativas e as forças dissociativas, como o desejo, vingança, domínio inerentes à sua natureza.

A cultura do consumo impossibilita os indivíduos de atentar para o que não seja seus próprios interesses; as relações são leves, fluidas; é a cultura do desengajamento, do esquecimento, da descontinuidade. Ela pulveriza a complexa rede de relações sociais, libera os indivíduos do embaraço político, ético, dissolve os elos entre escolhas individuais e projetos sociais, instaura o mal-estar nos indivíduos e na sociedade.

O indivíduo, na sociedade líquida, não tem mais o conhecimento de como viver, nem para o que viver e é isso o que o leva a crises identitárias. Não se tem mais a certeza nem da possibilidade de viver. Entenda-se o viver, o não ter em que se apoiar, política e economicamente, o ser senhor da própria vida, o tornar-se a cada dia mais solitário e mais sujeito a todo tipo de intemperividade, principalmente ao da exclusão da vida social.

Um dos problemas dos modos de vida vigentes, alicerçados no fragmentário e quantificáveis, é que os indivíduos não conseguem avançar na concepção de uma vida fundamentada em valores múltiplos. Não se pode desconsiderar que, ao mesmo tempo que toda cultura subjuga e aprisiona, ela emancipa e liberta, à medida que fornece seus saberes e seus conhecimentos que desenvolvem a individualidade.

Os valores fugidios, localizados e concretizados no mercado de consumo, faz com que o indivíduo se esqueça de sua natureza humana e passe a buscar a

satisfação pessoal em coisas, em objetos, em valores efêmeros como, por exemplo, a beleza. Para atender a essa busca, existem milhares de lojas, *shoppings*, especialidades médicas, estéticas, tudo à inteira disposição do consumidor. Nessa busca desenfreada, inexitem limites, ou impossível, tudo se é permitido para alcançar a própria satisfação.

A cultura atual que alimenta as identidades individuais e sociais provoca o mal-estar identitário, por promover símbolos, valores voltados para um modo de vida efêmero, que cultiva a mudança pessoal, mas não necessariamente o progresso coletivo, e gera inquietação, incerteza, afastando o indivíduo de sua subjetividade.

(A) – (Tyler) Eu sei que tenho agido de maneira estranha! Sei que pareço duas pessoas...

(B) – (Marla) Duas pessoas? Você é médico e monstro.

(A) – Eu sei, mas descobri algo importante.

(B) – O quê?

(A) – Nosso relacionamento não tem sido claro para mim, depois explico. Sei que não te tratei bem.

(B) – Que seja.

(A) – Não, não, quinze segundos, por favor! Quinze segundos não abra a boca. Estou tentando pedir desculpas. Cheguei à conclusão de que gosto de você de verdade, Marla.

(B) – Mesmo?

(A) – Sim, de verdade. Eu gosto de você e não quero que nada de ruim lhe aconteça por minha causa. Marla, sua vida corre perigo.

(B) – O quê?

(A) – Tem de sair da cidade, qualquer cidade grande. Vá acampar...

- (B) – *Você é uma pessoa maluca mesmo.*
- (A) – *Não eu lhe envolvi em algo horrível.*
- (B) – *Cale-se! Escute, eu tentei de verdade, Tyler.*
- (A) – *Eu sei que sim.*
- (B) – *Tem coisas em você de que gosto, você é esperto, engraçado. É maravilhoso na cama, mas... é intolerável. Você tem problemas emocionais seriíssimos. Problemas profundos que precisam de ajuda profissional.*
- (A) – *Eu sei e sinto muito. Entre no ônibus.*
- (B) – *Você sente, eu sinto, todo mundo sente. Não posso continuar, não posso e não vou. Já era.*
- (A) – *Pegue este dinheiro e se manda, prometo que não vou lhe incomodar. Por favor, entre no ônibus!*
- (B) – *Por que está agindo assim?*
- (A) – *Eu não posso explicar agora, confie.*
- (B) – *Tyler, você é a pior coisa que me aconteceu.*

Não é por serem uno que os seres humanos têm de ser iguais, unidade não significa igualdade. O ser humano é unicidade em relação à sua humanidade, mas se apresenta singularmente das mais diferentes e inúmeras maneiras devido a sua subjetividade. Cada um tem seu grau de necessidades diferenciado, seus sentidos também se apresentam diferentemente. É muita ingenuidade acreditar que, ao se buscar uma homogeneização, não se causariam danos pessoais e, conseqüentemente, sociais; isso seria como esquecer a relação indissolúvel entre indivíduo e sociedade. A sublimação dos instintos é causa de frustração cultural; se a frustração não for devidamente compensada, ela pode gerar sérios distúrbios.

Cada dia mais, a natureza – o espírito humano – é esquecida e solapada; o indivíduo é envolvido por uma teia que, ao mesmo tempo em que o atrai, o

oprime. Esse mal-estar que toma conta dos indivíduos não se relaciona ao tipo de vida que levam e ao grau de satisfação que obtêm. Para aqueles que tomam consciência de que não mais decidem sobre muitas coisas de sua própria vida, a luta interior que travam para se desvencilhar dessa teia é desproporcionalmente maior que a conscientização do fato.

(A) – (Tyler) Lição de casa e pega arma – sacrifício humano.

(B) – (Jack) O que está fazendo?

(A) – Me encontre nos fundos.

(B) – Não brinca, não!

(A) – Me encontre, nos fundos.

(B) – O que está fazendo? Qual é?

*(A) – Mãos para trás, me dê sua carteira. Raymond K. Hesses.
Apartamento A, 1320 SE Banning. Apartamentozinho
apertado?*

(B) – Como sabe?

*(A) – Só dão letras para apartamentos ruins. Raymond, você vai
morrer!*

(D) – (Raymond) Não!

*(A) – Estes são sua mãe e pai? Vão ter de chamar o doutor.
Achar sua ficha dentária, sabe por quê? Não vai sobrar
nada da sua cara.*

(B) – Oh, qual é!

*(A) – Identidade vencida de estudante. O que estudou,
Raymond?*

(D) – Coisas.

(A) – Coisas? As provas eram difíceis? Perguntei o que estudou!

(D) – *Biologia, principalmente.*

(A) – *Por quê?*

(D) – *Eu não sei.*

(A) – *O que quer ser, Raymond K, Hessel? A pergunta é: o que você queria fazer?*

(B) – *Responda Raymond, Jesus!*

(D) – *Veterinário.*

(A) – *Animais.*

(D) – *Sim, animais e coisas.*

(A) – *Coisa, sei, entendi. Precisa de mais estudos.*

(D) – *Estudo demais.*

(A) – *Prefere morrer?*

(D) – *Não, por favor...*

(A) – *Prefere morrer aqui, de joelhos, nos fundos de uma loja?*

(D) – *Por favor, não.*

(A) – *Vou ficar com a tua carteira e vou ficar de olho em você, sei onde mora se não se esforçar para ser veterinário, em seis semanas estará morto. Corra de volta para casa.*

(B) – *Qual é, não tem graça. A troco de que fez isso?*

(A) – *Corra, Forrest, corra!*

(B) – *Estou enjoado. Imagine como ele se sente.*

(A) – *Amanhã será o dia mais bonito da vida de Raymond K, Hessel. Seu café da manhã terá um sabor que nós jamais conheceremos.*

A realidade é cruel para o ser humano; ele ignora o seu destino, tem como única certeza a morte, está sujeito a todos os tipos de perdas, dores, riscos, instabilidades, maldade, e, no momento em que se torna consciente e sensível a ela e à fatalidade da vida, a realidade fica ainda mais cruel. Para tornar-se suportável, o ser humano cria outros compromissos, por exemplo, com a fantasia, com os mitos. A vida humana complementa-se na antagonia do racional e do mito. A cooperação é necessária para que a vida humana se torne mais palatável.

10 A fantasia e o real

A fantasia é uma forma de escapar dos efeitos traumáticos do real, considerando-se este como a experiência dilacerante da negação da ordem simbólico-imaginária, enquanto a realidade é sempre uma tomada “virtual” do real. Zizek e Daly (2006, p. 15) observam que [...] *Toda forma de realidade (simbólica/imaginária) existe como uma tentativa impossível de escapar às várias manifestações do Real, que ameaça um outro tipo de desintegração: trauma, perda, angústia, etc.*

Se, por um lado, a fuga do real acontece para se fugir da dor, por outro lado, a ideologia se impõe à medida que mantém o objeto da fantasia a uma certa distância, a fim de sustentar a sua satisfação. São dois movimentos que dificultam a superação, a qual só se tornará possível quando a dor for enfrentada e a tomada de consciência ocorrer como resultado de um encontro com o real.

Marla Singer – a grande mentirosa. Não tinha câncer testicular. Ela era uma mentirosa. Não tinha doença alguma. Eu já a havia visto no grupo de parasitas do sangue, às quintas, e no Esperança, meu grupo bimestral de anêmicos. E de novo, no de tuberculose, sextas à noite. Marla, a grande turista. Sua mentira refletia a minha. E de repente não sentia mais nada. Não podia chorar, e mais uma vez não podia dormir. Se tivesse um tumor

chamaria de Marla. O machucado que sararia se conseguisse parar de mexer. Mas não pode.

O encontro com o real é traumático, é crucial e torna-se impossível suportá-lo. Zizek e Daly (2006), reportando-se ao real lacaniano, observam que, para o psicanalista, a categoria mais problemática do saber (do real) não é ele mesmo, mas o saber sobre o saber do outro. O saber do outro angustia, magoa, aterroriza.

A ideologia faz com que o indivíduo busque, a todo momento, no mercado de consumo a realização de uma fantasia que nunca se alcança, porque à medida que obtém um determinado produto, um outro já se lança no mercado com capacidade superior àquele e novamente desperta o seu desejo de consumo. Na cultura contemporânea a paixão consumptiva está inserida no modo de vida dos indivíduos, e o que os faz sentirem-se livres.

Em todos os setores da vida, o sujeito foge do real que o oprime, que revela o que não se quer ver, que promove o encontro do indivíduo com ele mesmo e desnuda a sua insatisfação perene. A realidade adotada passa a ser a de uma eterna fuga, dos produtos sem colesterol e sem açúcar, do café descafeinado, ou do sexo sem parceiro. Romper com essa situação implica uma explosão violenta do indivíduo.

Eu corro. Eu corro até meus músculos arderem e minhas veias jorrarem ácido de bateria, e daí corro um pouco mais. Rua Franklin.

(A) – (Tyler) Correndo de cueca! Parece um maluco.

(B) – (Jack) Já te saquei, eu sei o que está havendo.

(A) – Vamos lá, arranjei um lugar legal para gente assistir de camarote.

(B) – E desde quando o Projeto Destruição é sobre matança?

(A) – Os prédios estão vazios. Não estamos matando ninguém.
Nós os estamos liberando!

(B) – O Bob morreu, atiraram em sua cabeça.

(A) – Quer fazer omelete, tem de quebrar alguns ovos.

(B) – Não vou lhe dar ouvidos.

(A) – Eu não faria isso, a não ser que conheça os fios certos.

(B) – Se você sabe, eu sei.

(A) – Ou, talvez, tenha trocado tudo. Acha que é esse aí? Oh!
Céus, não, o verde não. Puxe qualquer um, menos o verde.

(B) – Eu pedi para que não o fizesse!

(A) – Ok, Você está atirando em seu amigo imaginário do lado de
400 galões de nitroglicerina!

(A) – Três minutos. O começo. Chegou a hora.

Acho que foi aqui que eu entrei em cena.

(A) – Você tem alguma observação? Como é?

(B) – Não consigo pensar em nada.

(A) – Humor retardado. Está ficando excitante agora. Dois
minutos e meio, pense em tudo que alcançamos. Atrás
destas janelas vamos presenciar o colapso da história
financeira. Um passo mais próximo do equilíbrio
econômico.

(B) – Por que ela está aqui?

(A) – Arranjando os últimos detalhes.

(B) – Eu lhe imploro, por favor, não.

(A) – Eu não estou fazendo nada. Nós estamos fazendo. Isso é o
que queremos.

(B) – *Não, eu não quero isso.*

(A) – *Certo, só que eu não significa nada. Temos de esquecer sobre você.*

(B) – *Você é uma voz na minha cabeça.*

(A) – *E você na minha.*

(B) – *Você é uma alucinação. Por que não consigo me livrar de você?*

(A) – *Você precisa de mim.*

(B) – *Não, não preciso mais.*

(A) – *Você me criou. Eu não criei um perdedor para me sentir melhor. Assuma alguma responsabilidade.*

(B) – *Eu assumo, eu sou o responsável e eu aceito isso. Então por favor, eu lhe imploro, acabe com isso.*

(A) – *Já nos decepcionei alguma vez? O quanto você atingiu graças a mim? Nós vamos nos dar bem. E como sempre, vou lhe carregar, você reclamando e no final me agradecendo.*

(B) – *Tyler, eu sou grato por tudo que fez por mim, mas isto é demais, não quero isto aqui.*

(A) – *O que quer? Seu emprego de merda de volta? A porra de seu apartamento? Foda-se, não vou fazer. É tarde demais, cale-se!*

(B) – *Isto não pode estar acontecendo.*

(A) – *É tarde demais, cale-se! Sessenta segundos.*

(B) – *Não. Eu consigo resolver, isto não é real. Você não é real, a arma... a arma nem está na tua mão. A arma está na minha mão.*

(A) – *Bom para você não muda nada. Por que quer colocar uma arma na própria cabeça?*

(B) – *Não na minha cabeça Tyler, na nossa cabeça.*

(A) – *Interessante. E o que pensa atingir com isso, Ikeá boy? Ei, é você e eu... amigos?*

(B) – *Tyler, quero que me escute bem.*

(A) – *Certo.*

(B) – *Meus olhos estão abertos.*

(A) – *Que cheiro é esse?*

Reconhecer sua situação de humano não significa opor-se à natureza nem tampouco submeter-se a ela, e, sim, escolhê-la e orientá-la. Implica compreender que, por se ser humano, tem-se necessidade do olhar do outro; não se pode revoltar ou voltar-se contra o que faz a própria identidade.

(A) – *(Marla) Quem fez isso?*

(B) – *(Jack) Eu mesmo.*

(A) – *Você atirou em si próprio?*

(B) – *Sim, mas está tudo bem. Marla, olhe para mim. Eu estou bem mesmo. Acredite. Vai ficar bem. Você me conheceu em uma época muito estranha de minha vida.*

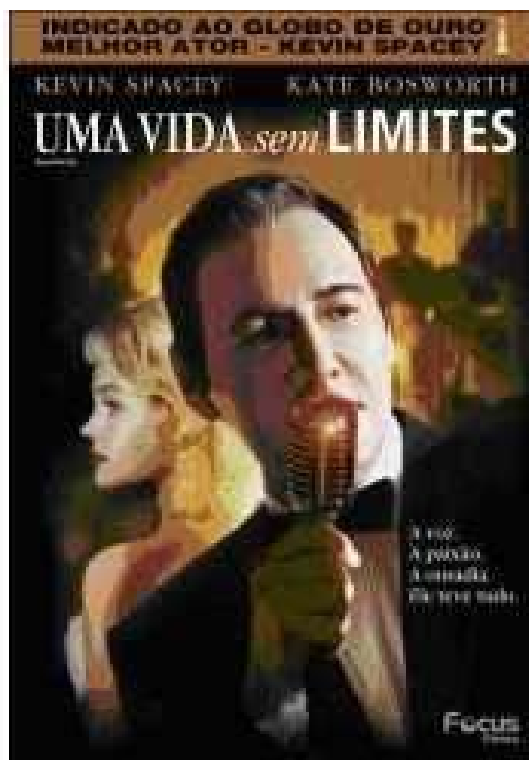
Quando o indivíduo assume o papel de sujeito de sua própria história e toma consciência de que ele não existe fora dos outros indivíduos, torna-se livre. Para Todorov (2005, p. 210) [...] *Longe de ser o inferno, os 'outros' representam uma oportunidade de sair dele.* Significa, finalmente aceitar sua incompletude constitutiva.

CAPÍTULO III

INDIVIDUALIDADES E SUBJETIVIDADES ATUAIS

*Só quero me encontrar,
só isso.*
(Bobby Darin)

1 Filme “Uma Vida Sem Limites” de David Fincher (1999)



1.1 Ficha de apresentação do elenco

Personagem	papel
Kevin Spacey	Bobby Darin
Michael Byrne	Dr. Andretti
Peter Cincotti	Dick Behrke
Caroline Aaron	Nina Cassotto Maffia
Greta Scacchi	Mary Duvan
Brenda Blethyn	Polly Cassotto
Bob Hoskins	Charlie Cassotto Maffia
John GOODMAN	Steve Blauner

Kate Bosworth

Sandra Dee

Matt Rippy

David Gershenson

1.2 Sinopse

David Fincher, no filme **Uma vida sem limites**, apresenta a vida real do artista Bobby Darin (1936-1973): ator, cantor e compositor e a luta por ele travada diariamente para manter-se vivo e realizar seus sonhos, os quais não cessam.

O filme leva a ver o quanto se pode alcançar quando realmente tem-se um objetivo e força de vontade como parceiros. Tendo quando criança, tomado conhecimento pelo médico de que poderia, a muito custo, viver até os 15 (quinze) anos, devido a problemas cardíacos, ele, juntamente com sua mãe, luta e vive uma vida voltada à música. Por estar determinado a lutar e ser famoso, sai em busca da fama.

Darin é do tipo que se deixa levar pelo amor pela profissão e pela absoluta necessidade de perfeição. Quando determinado em algum objetivo, luta com todas as suas forças para conseguir, assim foi na profissão e em sua vida amorosa. Quando conhece Sandra Dee, se apaixona e diz para Charlie: *ali está ela, a garota com quem vou me casar*. E assim aconteceu.

Sua ânsia por mais e mais não tem limites e em pouco tempo (sete anos) fez dez filmes, ganhou dois *Grammies*, teve dez *singles* nas paradas e foi indicado ao Oscar, mas sua ambição desconhecia a satisfação. Na intermitente necessidade de alcançar algo além, não tem tempo para a esposa e para o filho, deixando-os para depois.

Ao ser indicado ao Oscar e não leva-lo, sente-se derrotado, revoltado, sua vaidade é ferida e afasta-se dos amigos e da família. Envolve-se com a política, e neste momento, lhe é revelado algo inesperado em relação a quem realmente era sua mãe, sente-se perdido e sai em busca de si mesmo, e nesta busca toma consciência de que o que importa é viver e cantar suas melodias.

Uma vida sem limites instiga o telespectador a refletir sobre o valor da vida bem como a olhar as contingências, os desafios que se apresentam ao longo da caminhada com um olhar de superação e a encarar a realidade, afinal *não se pode errar com a verdade!*

Exemplo de superação e sensibilidade, Darin encontra forças em seu próprio lado criança que nunca esqueceu, para enfrentar os desafios da carreira e da vida com alegria, talento e acima de tudo muito otimismo. Uma excelente demonstração de superação, de garra, de luta.

Fazer música, para mim é mais do que um prazer, porque eu e a música andamos juntos como as notas no compasso enquanto eu estiver cantando então, o mundo estará bem e todos estarão dançandoenquanto estiver cantando... minha música.

A maquiagem sai, o disfarce de palhaço sai, a cortina cai, a música morre lentamente, mas espero que estejam sorrindo enquanto chegam às portas, como dizem neste ramo. É só isso, não há mais nada, partilhamos um momento E, quando esse momento termina, tenho uma sensação esquisita de que nos separamos como amigos, seus vivas e risos vão ecoar até depois que destruírem estas paredes empoeiradas. Se eu tivesse de repetir isto, se a noite se repetisse, eu a passaria com vocês de novo, mas, agora, a cortina cai, suas lágrimas e risos vão ecoar até depois que destruírem estas paredes empoeiradas. Dizem que fui feito para isto, eu não trocaria mais nada por isto e, imaginem, sou pago para isto.

2 Individualidades

Torna-se equivocado um pensamento que desconsidere as características próprias a todo indivíduo: incontestável e independentemente de raça, gênero, estado civil, profissão... são atributos inerentes ao ser humano, nos quais reside a sua universalidade. Na singularidade, na unicidade de ser indiviso, singular encontra-se o universal, e conseqüentemente no âmbito do universal é que ele pode se realizar enquanto singular, portador de uma individualidade

Falar em individualidades requer retomar ao significado de indivíduo, a palavra vem do latim in/diviso – não/dividido – não divisível, um ser único, singular. Cada ser humano, indivíduo, ou ainda, coloquialmente falando, cada pessoa é dotado de atributos e características próprias do corpo material, mas também de atributos biológicos, psíquicos, bem como, sociais e emocionais. Reportar-se ao indivíduo requer considerar o todo que o constitui e não apenas partes ou mesmo considerá-las separadamente; elas se interligam, se interpenetram; é inevitável.

Não se pode ser uno na singularidade, a unicidade só é concretizada e real quando se refere ao múltiplo. Exemplificando: divergir a respeito de individualidades requer reportar-se, em primeira instância à determinadas particularidades, tais como gostos, desejos, escolhas. No momento da escolha, da tomada de decisões, a quais comportamentos adotar é que o indivíduo define sua subjetividade; preferir a cor preta à outra qualquer, preferir morar no centro das cidades à bairros mais afastados, ou mesmo ser indiferente, ou ainda, decidir ter filhos naturais à adotar ou não os ter, ou mesmo nem pensar sobre a maternidade e/ou paternidade.

Justamente neste momento prático, concreto é que as características próprias de cada indivíduo, o que realmente vai diferenciar uns dos outros, residem em como cada um efetua o processo de reconhecimento e definição de si próprio e também do outro. Se há um universo pessoal também há uma pessoa universal, não é possível ser de outra maneira.

Bobby Darin ao reencontrar-se com a criança que o representaria em sua infância faz um retomo ao seu passado:

(A) – (Darin adulto) *Então, é você que me interpreta?*

(B) – (Darin criança) *Eu sou você.*

(A) – *Acha que entendeu como sou?*

(B) – *Eu o conheço melhor do que eles.*

(A) – *Então, como acha que deveríamos começar?*

(B) – *Quer a verdade? Vou lhe dar a verdade.*

O menino está certo. É assim que deve começar. Na rua onde cresci com minha irmã Nina, meu cunhado Charlie... e, para mim, a melhor pessoa do mundo...minha mãe Polly.

(D) – (médico) *Sra. Cassotto, lamento ter de lhe dizer.o garoto tem febre reumática.*

(E) – (Sra. Polly Cassotto) *O que é isto?*

(D) – *É uma infecção bacteriana.*

(E) – *Por que é tão doloroso?*

(D) – *A febre reumática atinge o coração e afeta articulações e músculos*

(E) – *Então, o que fazemos, doutor? Como ele pode se sentir melhor?*

(D) – *Só o mantendo o mais confortável possível*

(E) – *Diga-nos a verdade. Não se pode errar coma verdade*

- (D) – *Mesmo com os melhores cuidados médicos no mundo... o menino terá sorte se chegar aos 15 anos.*
- (E) – *Venha se sentar, doutor.*
- (E) – *O que está fazendo? Venha, Bobby. O tolo não sabe o que está dizendo. Venha, vamos colocá-lo na cama.*
- (A) – *Mamãe, conte-me sobre meu pai.*
- (E) – *Você já sabe tudo sobre seu pai. Agora, descanse.*
- (A) – *Mas gosto de ouvi-la contar.*
- (E) – *Bem... Sam Cassotto era um homem importante. Ele era marceneiro. E, então, ele começou a trabalhar para outro homem.*
- (A) – *Que era gângster.*
- (E) – *Walden Roberr Cassotto!. Era um homem de negócios.*
- (A) – *Pensei que tivesse dito que não se pode errar com a verdade.*
- (E) – *Está bem, ele era um gângster. Mas nunca fez nada por nós. Mas, seu pai, Sam Cassotto... era um homem bom e leal. E ele teria tanto orgulho de você!*

O que une o universal ao singular, ou mesmo, o que une o que aparentemente é oposto é uma linha muito tênue. Ser realmente um indivíduo ou não ser é uma questão de decisão e antes de mais nada de atitude. Indivíduo se é na medida em que se faz uso do que realmente assim é determinado, se se fazem escolhas e se age de acordo com o que realmente complementa o indivíduo em sua individualidade, sem se deixar definir por influências de valores midiáticos, políticos, sociais.

- (A) – *(Sra. Polly) Sabe, antes de sua irmã nascer, era isto que a mamãe fazia. A música abriu um novo mundo para mim.*

Não importa se me sinto mal, se estou triste ou doente... é só tocar estas teclas e puf! Como magia. Parece que sempre me sinto melhor.

(A) – Eu sempre soube que você tinha talento, Bobby. Este piano é para você. Charlie deu duro por ele. Deus não o faria sofrer tanto, se não fosse compensar depois.

Mamãe estava certa sobre a música. Ela me abriu um mundo novo, além do tempo e da doença. Um mundo onde eu podia viver. Soube então, se completasse 10 anos, talvez eu chegasse aos 15 e, depois, talvez até 20. A partir daí, a música foi a coisa mais importante em minha vida. Mamãe ensinou-me todos os movimentos de danças que aprendera no “vaudeville”, que faziam os grandes se destacarem. Eu passava a maior parte dos dias de cama, com febre... porém, quando tinha forças, mamãe e eu praticávamos... praticávamos... praticávamos e praticávamos... até que criamos o que ela chamou de “o plano”.

Abre-se parênteses para que não ocorram interpretações equivocadas. Não se deixar definir pelos valores midiáticos políticos e sociais não significa ignorá-los mas aceitá-los como integrantes da vida social, significa buscar o conhecimento de tais valores, refletir e sentir-se livre para optar por incluí-los ou não em sua vida.

Negar o desconhecido não é ser livre, só se é livre a medida que se conhece e se fez opção, e, ainda, negar que se é constantemente influenciado é ingenuidade, é desconsiderar a condição humana. O conhecimento e a tomada de consciência é fundamental para o processo de se tornar um indivíduo livre na dependência.

Eu tinha cabeça quente, coração fraco... e um nome artístico pior ainda. Walden Robert Cassotto não é bem um nome para se ver

na marquise. Em, talvez, só por uma noite. Algo que a maior parte fazia era escolher um bom nome artístico. E, então, um dia, eu o vi. O nome perfeito. Darin. Darin. Bobby Darin. E, assim que mudei o nome consegui o primeiro trabalho na TV.

Como abordado no capítulo anterior, o ser humano é cem por cento cultura e cem por cento natureza, assim, é neste interligamento, na confluência de ambas levando em consideração seu arsenal psíquico e sua história de vida que cada ser realiza a individualidade. Cada indivíduo trabalha as emoções, os sentimentos, a objetividade e a racionalidade de uma maneira própria e aí encontra o lado ao mesmo tempo assustador e encantador de ser humano.

Para Morin (2005b, p. 63),

[...] cada ser humano dispõe cerebralmente de todas as potencialidades inteligentes, mas predisposições hereditárias, determinações familiares, culturais, históricas, acontecimentos ou acidentes pessoais limitam-nas, inibem o exercício ou, ao contrário, estimulam-nas [...]

O que possibilita abordar a individualidade é a sua relação com o todo, a relação entre indivíduo e sociedade. A partir desta constatação, ressalta-se a ação do indivíduo na sociedade e vice-versa, porém ao considerar que cada um é portador de uma história de vida, um se diferenciara do outro e aumentará assim a diversidade humana. Como observa Morin (2005b, p. 64), todos esses traços de diversidade aparecem [...] *a partir de potencialidades do homem genérico, ser complexo, no sentido em que reúne traços contraditórios.*

Ao se prosseguir com a reflexão depara-se com a questão da subjetividade. Refletir a subjetividade requer que se rompa com o pensamento segmentado, no qual há a necessidade de uma linearidade.

(A) – (Boom-Boom) Bobby, a imagem é tudo.

(B) – (Bobby) *Vai começar de novo? É minha última sessão.*

(A) – *Você está horrível!*

(B) – *Eu sei. Meu cabelo está caindo! Da próxima vez que aparecer na TV, eu uso peruca. Parece tão falso!*

(A) – *John Wayne usa. Não dá para ser mais autêntico. Humphrey Bogart usa.*

(B) – *Bogart vai lançar um disco, não é?*

(A) – *Sinatra usa.*

(B) – *Está bem, Boom-Boom, ganhou. Vou voltar para gravar o disco... pode pôr a cera no treco.*

Para Lévinas (2004, p. 51), a obra de individuação do eu, [...] coincide com sua subjetividade de indivíduo [...] A generalização é a morte [...] A singularidade insubstituível do eu decorre de sua vida.

3 Pensamento aglutinador

É inviável buscar a compreensão do ser humano através de um pensamento que disseca, é necessário uma reforma no modo de pensar, desenvolver um pensamento que aglutine e não que fragmente. Carvalho (2003, p. 87) aborda essa questão e enfatiza que essa mudança de paradigma, só se [...] efetivará se o homem passar a ser entendido como um ser vivente simultaneamente cosmo-psico-bio-antropossocial, inteiramente descentrado de sua arrogância e superioridade.

Maturana (2001) observa que o representacionismo, o privilegiar a objetividade e descartar a subjetividade fragmenta, afasta do mundo e separa o sujeito do objeto, a natureza da cultura.

Ao considerar o indivíduo como portador de uma natureza e de uma cultura, faz-se necessário compreender que essa natureza é universal, mas a forma de se apresentar ocorre individualmente. O homem é portador tanto da razão quanto de emoções, de um corpo e de um espírito, não há como concebê-lo apenas por uma das definições, assim como não se pode considerá-lo apenas natureza, ou apenas cultura, ele se constitui em ambas na mesma proporção.

Torna-se necessário romper com o pensamento fragmentário e desenvolver um pensamento unificador. Para Bohm (2007, p. 149), *[...] não podemos ser aquilo que é limitado e conhecido. Nada pode ser o que é limitado e conhecido; isso pode, na melhor das hipóteses, ser uma abstração ou uma representação. Essa atualidade não consegue ser isso.*

Reportando-se a Agamben (2005, p. 91), *[...] aquilo que o sistema – a sociedade humana – produz, é, de qualquer forma, um resíduo diferencial entre diacronia e sincronia, é história, isto é, tempo humano.* E o que é este resíduo se não os movimentos, as transformações processadas ao longo dos anos, dos séculos, promovidas pelo homem e as quais retornam a eles como mudanças individuais, pessoais, sociais.

Por estar em constante movimento, é natural que haja uma troca entre os significantes instáveis e estáveis. Essa troca torna-se necessária para que a história e a sociedade humana aconteça, caso contrário o processo emperra, o sistema não funciona.

Não se pode ter tanto medo e fugir dos significantes instáveis do presente a ponto de desconsiderá-los ou simplesmente encará-los como desordeiros e subversivos. Agamben (2005, p. 106) conclui seu pensamento e enfatiza:

[...] A verdadeira continuidade histórica não é aquela que crê poder desvencilhar-se dos significantes da descontinuidade relegando-os a um país de brinquedos ou a um museu de larvas [...], mas aquela que aceita, 'jogando' com eles, assumi-los para os restituir ao passado e transmitir ao futuro.

Não é possível prever o futuro; o acontecimento está associado ao incerto; querer determinar uma vida linearmente é fugir do real, da inconstância e incerteza que estão conectados na vida, e desconsiderar que não há permanentes, definitivos, absolutos, tudo é possível. Assim como a crise pode ser vista como caos, ela também pode ser encarada como um período de transformação que frutificará e produzirá melhorias. Se nada é eterno, por que não considerá-las como simplesmente acontecimento como tantos outros?

Fui ídolo dos adolescentes por um minuto e meio... mas o plano de mamãe era ser maior do que o Sinatra. Eu queria fazer os grandes clássicos, mas meu produtor achou loucura eu dar as costas ao rock'n'roll.

(A) – (Ahmet) Bobby, os jovens não vão comprar um disco seu cantando os clássicos.

(B) – (Bobby) Ahmet, está falando besteira. Como sabe que eles vão comprar o que tem aí? Tem bola de cristal?

(A) – Estou neste ramo há tempo bastante para saber. Não se muda a imagem... quando se é tão popular.

(B) – Está bem, está certo. Quer saber, não quero um público só de jovens. Então, está perfeito.

(A) – Por que não está satisfeito? Acaba de cantar no Bandstand!

(B) – Bandstand é para jovens. Ahmet, eu quero o Copa. Droga, com rock'n'roll, sou como milhares de outros. Você sabe. Tenho que provar que sei cantar. Eu quero tudo. Eu quero ser da elite. Eu quero clubes, Vegas, filmes, TV. Este álbum vai fazer isso acontecer. Mais rápido do que você imagina.

(A) – Você não tem de provar nada. Você já é uma estrela.

(B) – *É isso que você acha, Ahmet?*

(A) – *Claro!*

(B) – *Espera um instante. Rapaz! É sério, rapaz!*

(A) – *Não há tempo para isso. Venha cá!*

(D) – *(entregador) O que foi?*

(B) – *Preciso de sua ajuda. Olhe para mim.*

(D) – *O quê?*

(B) – *Olhe para mim. Você me conhece?*

(D) – *O quê?*

(B) – *Você me reconhece?*

(D) – *De que está falando?*

(B) – *Eu lhe pareço familiar?*

(D) – *Não, não parece. Não o conheço. Deixe-me em paz, idiota maluco. Tenho o que fazer.*

(B) – *Obrigado, rapaz. Ahmet, quando o rapaz das entregas me conhecer, aí serei uma estrela.*

Prigogine (2009) observa que o espaço para o acontecimento é o tempo, e esse é irreversível, não volta a trás, ele segue em frente, não há como estacionar, não há como proibir que anoiteça ou amanheça, essa é a realidade concreta, óbvia, real.

O conhecimento está sempre por vir, enquanto houver vida o conhecimento se produz. O impossível hoje pode ser possível amanhã, no século XVIII provavelmente não se pensaria na possibilidade de se produzir vida humana no laboratório, transplantar órgãos humanos nem tão pouco o homem ir à lua; e no entanto isso já foi alcançado. Assim se dá a história da sociedade e consequentemente a história humana.

Com o sucesso, Hollywood bateu à porta. Fui para Itália com Charlie e Nina... para fazer um filme com Rock Hudson e Sandra Dee.

(A) – (Charlie) Você sabe representar?

(B) – (Bobby) Charlie, é o que fiz a vida toda.

Ao compreender que o conhecimento e o acontecimento estão interligados, há uma relação cíclica e intermitente e à medida que um ocorre o outro se apresenta. Pode-se refletir sobre a vida humana. O indivíduo não é algo pronto, limitado, que pode ser representado ou identificado por algo; ele carrega em si uma enormidade de características universais que possibilitam tornar-se singular à medida que, como indivíduo e portador de uma liberdade, ele pode fazer suas próprias opções para se determinar como eu.

Ao se deparar com esse pensamento, pode-se constatar a participação de cada um e de todos na constituição da sociedade humana. A construção do mundo é compartilhada, em uma relação de autonomia e dependência. Do mesmo modo que, para a sociedade, é de suma importância considerar as partes e o todo, é fundamental, para o conhecimento do indivíduo, considerá-lo em sua plenitude e em sua particularidade.

Morin (2005a, p. 473) contribui com a reflexão quando diz: [...] *a consciência e a ação precisam de um princípio de conhecimento no qual o homem deixe de ser um mito, uma abstração ou um nada, para aparecer na natureza de Homo complex.*

4 Identidade

A identidade só pode existir social e culturalmente; não se pode apegar-se em uma identidade como em uma tábua de salvação que não se pode soltar, ou a vida corre o risco de se desfazer. Enquanto se apega a uma identidade pronta, acabada, em que não há espaço para mais nada, impede-se

desenvolvimento, bloqueia-se a necessidade de alterar os reflexos, e este movimento é imprescindível para que o indivíduo consiga obter seu bem-estar independente da situação vivenciada.

Se fazer é conhecer e todo conhecer é um fazer, o indivíduo encontra-se em constante processo de feitura, de acabamento. O ser não pode estar ligado ao ter, ser um indivíduo independente do que se tem, cada ser humano é um indivíduo singular em sua essência assim como também um ser social.

Não há como manter-se o mesmo por toda uma vida e ignorar a existência das intempéries e contingências, elas batem incessantemente à porta. O mundo oferece uma configuração padrão que dá a convicção de conhecer toda a realidade e não abrir espaço para considerar as possibilidades. Para desconfigurar essa configuração padrão é necessário aprender a pensar, a libertar-se do egocentrismo e ter plena consciência do que escolher como alvo de atenção e de vida humana.

Darin, por um tempo razoável de sua vida, acreditou que a sua vida estivesse ligada a conquistas, nunca satisfeito, sempre buscando o topo.

(A) – (Sandy) Olá, querido!

(B) – (Bobby) Olá, docinho!

(A) – Veja quem está na capa!

(B) – Querida, isso é fenomenal. Já viu isto? [todos mostram a revista sobre ele]

(D) – (Boom-Boom) Eu quero ser uma lenda. Não acredito que você disse isto... exibicionista, orgulhoso, arrogante, Darin diz, então... espero superar Sinatra em tudo que ele faz.

(B) – E agora, senhores e senhoras, sua única vez neste palco... exibicionista, orgulhoso e arrogante.

(D) – Temos que usar isto na próxima apresentação.

(B) – *Sem dúvida. Boom-Boom, onde estaremos, daqui a cinco anos?*

(D) – *Quem sabe? Talvez os russos mandem no mundo do espetáculo até lá.*

(B) – *Ora, pare. E quanto à próxima semana, próximo mês, próximo ano?*

(D) – *No próximo ano, não. Posso dizer onde no próximo mês.*

(E) – *(Steve) Por favor, não diga Detroit.*

(D) – *Todos no mundo do espetáculo me detestam por causa dos contratos.*

(B) – *O que acham rapazes? É por isso que o detestamos?*

(D) – *Já que falamos do que virá a seguir, Bobby, eu quase esquecia de contar. Precisamos de um novo comediante para a abertura para você no Copa.*

(B) – *O que disse?*

(D) – *Eu não contei? Você vai cantar no Copa.*

(B) – *Está brincando comigo?*

(D) – *Telefonaram hoje de manhã, chefe.*

(B) – *Não! Não! Não! Vamos cantar no Copa! Vamos cantar no Copa! Conseguimos o show! Boom-Boom, meu gênio gigantesco! [o beija]*

(D) – *Maldito lunático.*

(B) – *Sandush! Vou cantar... Sandy! Vou cantar no Copa! Vamos cantar no Copa. Meu sonho se realizou! Vou cantar no Copa!*

(A) – *Isso é ótimo, docinho. O que é o Copa?*

Apegar-se a uma atividade, a um acontecimento como se nele se resumisse a própria vida é apegar-se ao muito pouco ou a quase nada, porque a vida encontra-se em incessante movimento. Identificar-se com algo como o tudo da vida é estar bem próximo do nada, do vazio.

No capítulo I abordou-se a questão do trabalho, a sua importância e seu valor desenvolvido em determinado momento histórico em que se promoveu social e culturalmente a identificação do trabalho e valor pessoal. Nos dias de hoje, como abordado no capítulo II, os valores sociais e culturais passam por transformações, bem como o modo de produção e, conseqüentemente, as relações promovidas pelo trabalho são modificadas; não se tem mais como querer manter-se irredutível ou retornar ao passado, tem-se que buscar uma maneira de se adaptar, de inserir-se no processo atual.

Se em dado momento foi desta ou daquela maneira, não tem obrigatoriamente que continuar assim. As transformações se processam ao longo da história e não se tem como julgar se as civilizações anteriores eram ou não mais felizes. De acordo com Freud (1996a) esse julgamento desconsidera as variações na sensibilidade subjetiva.

Libertar-se da configuração padrão original é aceitar a inconstância da vida e a sua não-linearidade; se por um lado isso causa insegurança, medo, por outro promove a esperança, necessária à vida humana.

Todorov (2005, p. 133), afirma que:

O homem não pertence apenas a um quadro cultural; toda vida se desenrola no tempo, ele tem portanto, além disso, uma história individual. O resultado de uma vida, é a identidade da pessoa. Essa 'essência' é o produto da existência ao invés de ser sua fonte; nem por isso ela é menos sólida [...]

Não se pode ser o trabalho, o matrimônio, os bens materiais. É necessário não atrelar o ser às coisas, às pessoas, não se é no pertencimento, é necessário desenvolver-se para conhecer o que realmente se é, o "eu sou". O ser não é circunstancial, ele é atemporal e perene.

Leloup (2008, p. 126) enfatiza a necessidade de se libertar da visão de mundo egocentrada, do “Eu sou eu”, e assumir sua plenitude e sua singularidade no “Eu sou”, posição em que se percebem as coisas tais como elas são, sem julgamentos *a priori* ou *a posteriori*. *Sem nada acrescentar, sem nada tirar, as coisas são como elas são, nem mais nem menos. O resto é o mental, a projeção, a ilusão.* E prossegue seu pensamento: *‘Eu Sou o que Eu sou’, nem mais nem menos, o resto é ‘eu’, o pacote de memórias ao qual me identifico [...].*

(A) – (Darin-criança) *Espera! Espera!*

(B) – (Darin – adulto) *O quê?*

(A) – *Você não saiu dançando pelas ruas desse jeito.*

(B) – *Eu sei. É uma seqüência imaginária.*

(A) – *Mas não é real.*

(B) – *Esqueça o real. Ouça, menino. Lembranças são como raios de luar. Fazemos com elas o que quisermos.*

(A) – *Está bem, então. Continue. Estarei por aí, quando precisar.*

5 O mal-estar de atrelar-se a uma representação

A idéia de identidade nasceu da necessidade de pertencimento, da necessidade de definir quem somos. Bauman (2005a, p. 17-18) observa que a identidade é uma convenção socialmente necessária, que serve para esclarecer e estabelecer limites e definições para si mesmo e para o outro – a vida social – e esclarece: *[...] o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...].* E prossegue afirmando: *[...] a idéia de ter uma ‘identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa [...].*

O tempo todo o sujeito luta para manter a identidade por ele estabelecida. Sua própria existência é uma relação de pertencimento e ele não pode ser abalado, pois então não saberá mais quem é. Para o referido autor, a idéia de identidade nasceu na crise de pertencimento e do esforço em transpor a brecha entre o deve e o é e recriar a realidade à semelhança da ideia.

Nesses últimos anos, parecia que Bobby Darin e Sandra Dee... eram o casal mais comentado do planeta. Após o nascimento de Dodd Mitchell Cassotto... em 16 de dezembro, ambos ficaram em Los Angeles... fazendo filmes. Sandra, em outro filme de Tammy, e Bobby, com um papel coadjuvante em Pavilhão 7.

(A) – (Sandy) Bobby, você foi maravilhoso.

(B) – (Darin) Minha querida.

(D) – (diretor) Bobby, obrigado. Foi incrível.

(E) – (Boom-Boom) Foi o melhor papel que já fez. Eu disse que era uma boa história. Como poderia correr mal, com Gregory Peck e Tony Curtis.

(B) – Não esqueça Angie Dickinson. Obrigado, Angie. Até breve.

(B) – Então o que vem? Bom-Boom, o que vem agora?

(E) – Abrimos em Tahoe por três noites no dia 20... depois temos Filadélfia, Chicago e Miami Beach.

(A) – De que ele está falando?

(B) – Da turnê, querida.

(A) – Querido, ainda não acabei meu filme.

(B) – Está bem, você vai quando acabar.

(A) – Não vou viajar com o bebê.

(B) – Deixe com a babá. Por isso a contratamos.

(A) – Não quero que Dodd seja criado pela babá.

(B) – Ele não será criado por ela. O que vou fazer na turnê? Para quem cantarei sem você lá?

(A) – De volta ao meu set.

(B) – Não fique zangada.

(A) – Não estou zangada.

(B) – Parece zangada.

(A) – Não estou zangada. Quando mais depressa acabar o filme, mais depressa voltarei para você. Sabia que sua peruca está um pouco torta?

(B) – O quê?

(A) – Sim.

(B) – Está brincando? Droga! Meninas, quantas vezes eu já disse para cuidarem de meu cabelo?

(A) – Bem na hora, Steve. Seria bom tê-lo em casa por um tempo. Pergunto-me se Dodd ainda sabe como ele é.

(B) – É bom tê-los no mesmo estúdio, não é?

Há muitos lugares distantes fabulosos para se ver, como o México, Suíça, Havaí, Japão e Capri. Há tantos lugares excitantes e maravilhosos, montanhas e florestas e oásis desertos tão prazerosos quanto nosso lar não é como Roma então porque ficar lá... porque deveria a Espanha, Taiti e o Rio serem os únicos nomes para você e para mim... como Bangkōk, Hong Kong, Paris e Veneza, Tóquio, Cairo, Lisboa e Londres, Siam, Siena, Veneza, Verona, Java, Jamaica, Bombay, Barcelona...

Diante do cenário de uma sociedade líquida (exposta no capítulo I), fluida, inconstante, busca-se compreender por que é tão comum ouvir: – estou em crise de identidade; – isto não é para mim; – a vida toda fiz desta maneira, por que não é mais possível? O ser humano presencia situações até então desconhecidas. Por um longo tempo da história humana, a identificação é uma forma de ser “reconhecido”, para o bem ou para o mal; poderia ser identificado como pobre, vagabundo, branquelo, burro, como poderia ser o intelectual, a autoridade, o rico, a madame. Um fator de grande relevância de identificação foi a profissão; dependendo da profissão exercida possuía-se um determinado “*status*” social e ocupava-se uma “posição” na pirâmide social.

Se por um lado o anseio por uma identidade vem do desejo do indivíduo por segurança, estabilidade, por outro isso pode causar-lhe problemas, situações conflituosas, ou mesmo o impedimento ou dificuldade de adentrar em determinados espaços, ocupar determinados cargos. A identidade fundamentada no pertencimento evoca uma ambiguidade, ela inclui e exclui simultaneamente. Por exemplo ao definir-se como cirurgião, exclui-se das demais profissões.

Serres (2005, p. 110) afirma:

[...] aqueles que procuram por lugares refugiam-se no espaço dos pertencimentos e crêem que só as estátuas asseguram a perenidade [...] Mau sinal [...] O eu permanece tão invisível quanto o princípio da identidade. Branco, transparente, da cor da constância [...]

O ser humano carrega dentro de si a ilusão do pertencimento, de permanência, e se constrói tendo por objetivo e por motivação a manutenção dessa constância psíquica, social, familiar. Sob essa ilusão, ele se mantém até o momento da perda do que considera perene e estável. Por estar intimamente conectado com o objeto da perda, depara-se com a impossibilidade de manter o seu “eu”.

(A) – *(carregador) Bar, lareira. O banheiro é ali. É a sala de estar por aqui.*

(B) – *(Darin) Grande, obrigado, veja só isto, querida. Será uma noite quente em Vegas.*

(A) – *Precisa de mais alguma coisa?*

(B) – *Não. É só, obrigado.*

(A) – *Quer que lhe traga gelo?*

(B) – *Não, está tudo. Tome. De onde você é?*

(A) – *Sou da Alemanha.*

(B) – *É uma cidade e tanto. Obrigado*

(A) – *Sou um grande fã, sr. Darin.*

(B) – *É muito bom. Boa noite.*

(B) – *Sandush... não acha que tem bebido demais ultimamente?*

(D) – *(Sandy) Não, eu acho que não bebi nada.*

(B) – *Está bem. Qual é o problema?*

(D) – *Só quero que fiquemos juntos.*

(B) – *Estamos juntos, querida, veja.*

(D) – *Estou falando de ter horários. Temos um bebê. Se não o vejo no palco, não o vejo.*

(B) – *Bem, também está aqui.*

(D) – *Gravando, atuando, filmando ou aparecendo em público. Por que não ficamos em casa?*

(B) – *Querida, atuar é minha vida.*

(D) – *Bem... E eu?*

(B) – *Você está aqui, não está?*

- (D) – *Sim, com todos eles.*
- (B) – *Eles fazem parte de minha vida. Como Mary é da sua e, agora, da nossa. São nossa família. Todos eles, goste ou não.*
- (D) – *Não posso parar de trabalhar para viajar em turnê com você.*
- (B) – *Sim, pode.*
- (D) – *Não, não posso.*
- (B) – *Pode.*
- (D) – *Não. Sou uma atriz. Fazer filmes é o que eu faço.*
- (B) – *Beijar Troy Donahue não é atuar.*
- (D) – *Não? Então, experimente.*
- (B) – *É melhor não.*
- (B) – *Que cara.*
- (D) – *Devia trancar a porta.*
- (B) – *Por quê?*
- (D) – *Antes que alguém entre.*
- (B) – *Ninguém vai entrar.*
- (D) – *Ontem, Charlie entrou, e eu estava no chuveiro.*
- (B) – *Está brincando? O que ele queria?*
- (D) – *Perguntou-me se queria um sanduíche de carne.*
- (B) – *E queria?*
- (D) – *Querido...*
- (B) – *Está bem, só nós ...*

(E) – *(Charlie) Bobby! Desculpem. Mas estava certo sobre o filme de guerra. Prepare o discurso. Depois da turnê, vai à entrega do Oscar, rapaz. Acabou de ser indicado. Aleluia! Sim! Sim!*

(D) – *Cristo!*

A fragilidade com que se depara diante da conscientização da inconstância e da vulnerabilidade, expostas em seu viver e em relação às quais não há arma, estratégia e planos que possam abatê-las pode fazer com que o indivíduo venha a travar lutas internas e/ou externas com vistas ao seu bem-estar, ou simplesmente não aceitar o fato, revoltar-se e estagnar no ressentimento.

Para Cyrulnik (2009, p. 26),

[...] O que faz com que um animal ferido tenha uma evolução reparadora ou agravante são as circunstâncias. No homem, a modificação do evento por meio de imagens e palavras agrega a possibilidade de fazer um trabalho de liberação... ou de alienação!

A vida é similar a um caleidoscópio; a um único e imperceptível movimento, ocorre um deslocamento e dá-se uma mudança, uma nova unidade estabelece-se. Um mínimo acontecimento altera totalmente a linearidade da vida por que se lutou e cuja obtenção se almejou. Não há como pré-estabelecer o desenrolar da vida, ela é uma incógnita; nem o poder, o dinheiro ou mesmo a beleza têm como estagná-la ou determinar o seu caminho. Ela é um “devir” incontrolável, almejado ou não, é o que promove o novo e colore a existência.

E os indicados são: Nick Adams, em Crime é homicídio... Bobby Darin, em Pavilhão 7... Melvyn Douglas, em O indomado... Hugh Griffith, em As aventuras de Tom Jones... e John Huston, em O Cardeal. E o vencedor é...

(A) – (Darin) *Melvyn Douglas? Melvyn Douglas? Meu sangue está no filme e eles dão para ele!*

(B) – (Sandy) *Desça o zíper, por favor.*

(A) – *Você não quer saber das pessoas, Hud. Está se lixando para elas.*

(B) – *Soube que ele está morrendo, algo assim. É um voto de consolo.*

(A) – *Ele está morrendo? Eu estou morrendo! Antes de ele estar morrendo, estava eu. Não tem pena?*

(B) – *É bom em sentir pena de si mesmo.*

(A) – *Enfie o dedo em mim, Alma, e mexa, como o doutor faz.*

(B) – *Ainda assim, é uma honra ser indicado. Eu nunca fui.*

(A) – *Todos os seus amigos de Hollywood provavelmente votaram contra mim.*

(B) – *Eu votei em você, Bobby.*

(A) – *É Bobby Darin. A que horas vem o carro? Tudo bem, nós nos vemos depois. Palmas e sorrisos, e sou uma piada.*

(B) – *Não tanto como está sendo agora.*

(A) – *Warren Beatty lá, com Leslie Caron, indicada como melhor atriz... e eu estou lá, com Gidget.*

(B) – *Leslie Caron não é recordista de bilheterias!*

(A) – *Aquelas pessoas não querem saber disso.*

(B) – *É só o que querem saber, Bobby. Só pessoas do Bronx querem saber do Oscar.*

(A) – *Melvyn Douglas é casado com uma congressista, eu, com Tammy.*

(B) – *Melvyn Douglas levou 40 anos para conseguir uma atriz coadjuvante. Deveria estar contente por ter conseguido só em dois.*

(A) – *Sabe o que mais? Talvez eu volte a fazer turnê.*

(B) – *Isso mesmo, Bobby. Isso mesmo! Como sempre, você deixa a mim e Dodd para trás.*

(A) – *Quando está em cartaz, é real. O público está lá, pode-se senti-lo.*

(B) – *Talvez o público dos filmes seja demasiado para você.*

(A) – *É realidade, night clubs são reais. Não são como filmes, tudo falso!*

(B) – *Tenho uma coisa para lhe dizer, sr. Realidade, sr. rei da realidade... sua peruca está torta!*

(A) – *Você está sempre me aborrecendo com isso, sempre que subo ao palco! Dizendo que tenho espinha no nariz. Estou farto dessa droga!*

(B) – *O que está fazendo?*

(A) – *O que parece?*

(B) – *Não, não vai! Não, não vai. Você não me abandoa. Eu o abandono.*

(A) – *Os carros, as roupas, o cabelo e a exposição pública. Droga, estou farto dessa droga. Estou lhe dizendo: estou indo, você fica, porque tem de tomar conta de Dodd.*

(B) – *A babá está aqui. Ele está bem. Você teve chance de ser feliz e estragou tudo!*

(A) – *Bem... você... venha... você.... volte aqui!*

(B) – *Acha que vai ser fácil encontrar alguém que possa amá-lo?*

Narigudo, egocêntrico, mau, porco, careca...

(A) – *Um lixo de coração fraco?*

(B) – *Bem, vá em frente, eu já fui! Ela sai.*

(A) – *Eu me virei e você tinha partido e das nuvens mais nebulosas uma música não parava de tocar, uma serenata triste, uma canção composta pelo meu coração. Ainda posso ouvir, acho que sempre ouvirei a maior das charadas. [música enquanto ele com um taco de golfe quebra o carro]*

(A) – *Minha querida. Talvez tenha razão. Talvez tenha razão sobre essas pessoas sempre à nossa volta. Talvez devêssemos ser só nós.*

Fundamentar a existência e seu valor em pertencimentos além de preocupante é sofrido, porque o ter é circunstancial e o ser é atemporal e perene.

Para Zizek (2003, p. 109), [...] *O que torna a vida digna de ser vivida é o próprio excesso de vida: a consciência da existência de algo pelo que alguém se dispõe a arriscar a vida [...]. Somente quando prontos a assumir esse risco estamos realmente vivos [...].*

6 A identidade genérica humana

A unidade humana pode ser compreendida a partir da visão de Morin (2005b, p. 53), ao se considerar que o indivíduo [...] *encontra-se no nó das interferências da ordem biológica da pulsão e da ordem social da cultura; é o ponto do holograma que contém o todo (da espécie, da sociedade) conservando-se irredutivelmente singular [...].*

Os traços presentes genericamente em todos os indivíduos fazem a humanidade da humanidade e ao mesmo tempo é o que os diferencia entre si [...]

uma individualidade e uma inteligência de novo tipo, uma qualidade cerebral que permite o surgimento do espírito, o qual permite o surgimento da consciência (MORIN, 2005b, p. 59).

O grande paradoxo desta unidade é que ao mesmo tempo ela une e segrega. Essa é uma propriedade inerente ao ser humano; à medida que ele se identifica com o ser genérico ele também se afasta por sua singularidade; quanto mais próximo, mais se distancia e realça a diversidade/individualidade. Essa unicidade singular é a coisa mais universalmente partilhada.

Nas palavras de Lévinas (2004, p. 240):

Um indivíduo é outro para o outro. Alteridade formal: um não é o outro, seja qual for o seu conteúdo. Cada um é outro para cada um. Cada um exclui todos os outros, e existe à parte, e existe por sua parte. Negatividade puramente lógica e recíproca na comunidade do gênero.

À medida que se identifica, com comportamentos, valores, visões de mundo, o ser humano agrega alguns e exclui outros possíveis; mas, ao mesmo tempo que os exclui eles não se tornam desnecessários, ao contrário, justamente por sua existência é que é possível a escolha e a identificação. A existência do outro é fundamental, essencial ao ser humano. A sua unidade se alicerça na multiplicidade existente.

Seja lá o que fez acabou, seja lá o que você foi, é tão estranho ontem não existe mais.

Então, fiquei em casa por uns tempos. Os anos 60 passaram correndo, como locomotiva... enquanto Dodd crescia rápido, como um menino normal. Sandý e eu fizemos filmes juntos, mas daqueles bem fracos. A música mudava dramaticamente, como o país. Os night clubs estavam por fora e grandes palcos, como estádios... eram a moda. De repente, eu era irrelevante. Meu

palco desaparecia, literalmente. Tentei escrever novas músicas e me envolver na política... porque nosso país estava em guerra agora. Mas eu era um cantor careca, que não tinha sucesso há anos... e que deveria estar morto.

(A) – (repórter) Então, por que Kennedy?

(B) – (Darin) Como a maior parte das pessoas neste país, cansei da insanidade. O assassinato de nosso presidente, o Vietnã, revoltas. Estou à procura de salvação para esta loucura... e acho que isso vem com outro sujeito chamado Bobby. Está aí alguém sem drogas, que está empenhado, apaixonado... que se importa com as pessoas. Sou completamente dedicado a ele. Acho que ele é a última esperança deste país.

Por não haver ao ser humano possibilidade de sobrevivência fora de uma cultura, o indivíduo possui uma identidade social, essa simultaneamente a medida que permite sua realização, o subjuga. Do mesmo modo ocorre com a identidade pessoal/individual, ao mesmo tempo em que favorece o crescimento, o submete a determinados limites por ela impostos.

Enquanto parecia que Bobby Kennedy curaria este país... Sandy e eu nos afastávamos cada vez mais.

(A) – (Sandy) Bobby, por que canta sempre as mesmas músicas, toda noite? Não é um tédio?

(B) – (Darin) Bem, querida, é atuar. Esperava que cantasse canções diferentes?

(A) – Por que não? Não faço sempre os mesmos filmes.

(B) – Bem, para falar a verdade, faz. Doce, pequena, inocente...

(A) – Com licença! Eu sei o que as pessoas querem nos dias de hoje, está bem? Você pode ser o perito em música, mas eu... eu tenho anos de experiência em cinema!

(B) – Nada mal, Sandy. Seria ainda melhor sem arrastar a voz.

Morin (1996) ressalta que o sujeito humano pode oscilar entre o egocentrismo absoluto no qual predominam o princípio de exclusão e, o de inclusão, cabe unicamente a ele a escolha, a atitude.

Na atualidade, se há uma crise identitária ela deve-se fundamentar na luta pela realização da humanidade na humanidade, na unidade que agrega as diversidades. Como tão bem elaborado por Serres (2005, p. 132) em uma carteira de identidade deve ser possível visualizar algo de universal.

[...] Existe em cada um de nós, em meio à confusão de sua carteira de identidade ou da heterogeneidade de sua cultura, alguma região na qual pode ser encontrado um indício do Universal ou da beleza; um sinal frágil e imperceptível, em outros momentos caloroso e sonoro que, por vezes, pode passar a emitir sua luminosidade de algum lugar impensável.

7 Subjetividades atuais

Como sinaliza Lipovetsky (2007, p. 189), na sociedade do hiperconsumo, as frustrações ligadas ao consumo são limitadas, as relativas à existência subjetiva e intersubjetiva agravam-se, por exemplo em relação à realização profissional, ao reconhecimento, ao respeito, à autoestima, ao amor.

À medida que o consumo toma essa proporção e rapidez, a satisfação que se promove torna-se breve o que faz com que o indivíduo sinta-se insatisfeito e incompleto com mais frequência. Enquanto alguns têm a sensação de que quanto mais se tem mais se vive, outros têm a sensação de que se vive menos e

se é menos. Fundamentar no consumo a qualidade de vida ou mesmo a própria vida contribui para encobrir a própria essência da vida humana e sua totalidade.

Os indivíduos tendem a transformar-se em carentes de amor, calculistas, incapazes de estabelecer reais laços afetivos entre si, busca-se o prazer momentâneo ou até mesmo a fuga daquilo de que não se tem domínio – o afeto; a subjetividade humana está além da objetividade do consumo, bem como a intersubjetividade está aquém do que se possui.

Mesmo no consumo a subjetividade deve prevalecer. Assim como todos são iguais na diferença, indistintamente também a devem manter no ato de consumir. Cada indivíduo possui suas necessidades, características intrínsecas como anteriormente citado e não tem como ser homogêneo quando se adentra no mercado de consumo, a não ser no ato de consumir.

Este é um equívoco capaz de provocar o mal-estar quando se toma consciência de que se adquire o que se encontra na tendência. A subjetividade não é tendenciosa, também não tende a ser constantemente a mesma, mas isso não significa que possa se homogeneizar.

Sem desmerecer o consumo ou mesmo as maravilhas oferecidas pelo mercado por meio de tantos avanços tecnológicos tais como em eletrodomésticos, eletroeletrônicos, cosméticos, produtos de beleza, vestimentas, alimentos e tantos outros produtos que hoje fazem com que os indivíduos voltem os olhares e sintam despertado o desejo, nem por isso se deve esquecer o “eu”, “eu sou”.

Se o que se busca é a felicidade, não existe supermercado para adquiri-la. Talvez algumas pílulas, psicotrópicos possam promover uma sensação de bem-estar, mas no momento em que se suspende a medicação, o bem-estar desaparece. Não se pode ser feliz sozinho. Para Lipovetsky (2007, 353), a felicidade não está às nossas ordens; não podemos ser felizes sozinhos. Ela escapa com obstinação do controle dos homens. [...] *Forte é a influência do outro sobre nossa felicidade. Fraco nosso poder de controlar-lhe o curso. Efêmera, infelizmente é a experiência da felicidade.*

Minha irmã veio ficar conosco, mas a verdadeira razão eu nunca poderia imaginar.

(A) – (Nina) *Ouça, Bobby, há uma razão para eu vir ficar com você.*

(B) – (Darin) *Sim, qual?*

(A) – *Soube que você vai se meter em política. Está pensando nisso?*

(B) – *Bem, ainda estou pensando. Eles me convidaram.*

(A) – *Sabe como os jornais procuram sujar as pessoas, com coisas do passado... quando concorrem a um cargo?*

(B) – *Sim. E daí?*

(A) – *Há algo sobre seu passado que está na hora de você saber.*

(B) – *De que está falando?*

(A) – *É sobre Polly. Ela não era quem você sempre pensou.*

(B) – *Ela era melhor mãe deste mundo. De que está falando?*

(A) – *Era, sim, porque era minha mãe, e sei que isso é verdade.*

(B) – *Então, retire o que disse!*

(A) – *Ela foi uma pessoa maravilhosa... e uma mãe maravilhosa. Mas você precisa saber a verdade. A verdade sobre sua mãe... E a verdade é que... Polly não era sua mãe. Sam não era seu pai. Você não é meu irmão. Bobby, juramos que... nunca deixaríamos você descobrir. Polly era minha mãe. Não a sua. Ela era sua avó. Querido... eu não sou sua irmã. Bobby, eu sou sua mãe. Fizemos um pacto de nunca lhe contar.*

(D) – (Polly) *Fizemos um pacto de nunca lhe contar.*

(E) – (Darin – criança) *Ela está brincando?*

(D) – *Ela engravidou quando tinha 17 anos.*

(A) – *É verdade. Eu não queira que você fosse um bastardo... por isso, eu o entreguei a mamãe, para ninguém chamá-lo assim.*

(D) – *Ela não podia entregá-lo para adoção.*

(A) – *Quando fui para o hospital na hora de você nascer... mamãe nos mandou para o Bronx, onde não conhecíamos ninguém. E, quando voltamos, dissemos... que você era filho dela, não meu. Assim, pude ficar com você.*

(B) – *Está ouvindo o que está dizendo?*

(D) – *Fizemos isso para protegê-lo.*

(A) – *Você precisa de mim agora. Posso ficar aqui com você. Você está perdido. Finalmente, pode ter a mãe que nunca teve.*

(E) – *Quem é essa mulher em seus braços pronta para lhe fazer mal?*

(E) – *Quem é meu pai?*

(A) – *Bobby. Eu andava com um monte de rapazes naquela época.*

(E) – *Quem é meu pai?*

Além de não estar submetida a comando, a felicidade é frágil e nunca é pura. A infelicidade paira no ar e um nada pode nos levar a ela. Isso é fato e disso não se pode livrar. Quer ser feliz? Assuma os riscos, aceite viver as contingências.

Cyrułnik (2009, p. 36) faz uma metáfora a respeito da felicidade comparada ao sentir sede:

[...] É a satisfação da falta que desencadeia a felicidade do regalo, já que mais tarde, quando estivermos saciados, a mesma água provocará uma sensação de repulsa [...] é o ritmo, a pulsação e a alternância que provocam a sensação de alegria ou de felicidade extrema [...]

É possível que quando não se retoma a consciência do que realmente se é e o seu valor pessoal, corre-se o perigo de ser levado pela correnteza, pela tendência e quando menos se percebe já não se sabe quem se é. Assim como na identidade pertencimento, o eu tornou-se frágil, perdeu-se no caminho.

8 Sequestro da subjetividade

Nos dias de hoje, ouve-se tanto falar em sequestros de pessoas, sequestros físicos, mas e os sequestros psíquicos, os sequestros do “eu”, o sequestro da subjetividade, será que não ocorrem tão ou até mais frequentemente que aqueles e, principalmente, não ocorreriam em termos coletivos e não seriam “relâmpagos”, como os sequestros que atualmente se presenciavam?

Os sequestros da subjetividade podem ou não se dar em “relâmpago”; mas a sua libertação não se dará do mesmo modo. O eu interior, quando aprisionado, não necessita simplesmente de uma quebra de algemas, de correntes, ele não se reestabelece com um banho, um prato de comida, ele é muito mais violento, pois desestrutura todo o seu ser. É um sequestro de sua identidade, sequestro do que o identifica enquanto ser, enquanto indivíduo.

Se se considera que, por um segundo ou por milésimos de segundos, pode ocorrer um sequestro da subjetividade, pode-se usar o termo “relâmpago”. Ele ocorre de forma abrupta, inesperada, sem o consentimento do sujeito, ou simplesmente por meio de uma sedução (este de certo modo conta com o aceite pessoal).

A perda da subjetividade ou o seu sequestro não se dá na materialidade, mas sim na psique, o que causa transtornos tanto individuais como familiares,

coletivos e físicos. É possível manter a subjetividade, a singularidade em meio à pluralidade de “eus”? E se, por algum momento, duvidarem de meu valor, o que poderá acontecer? Essas questões não são por acaso; a tarefa não é fácil, há a possibilidade de se ser violentado física, verbal, ou simbolicamente como forma de sedução do “eu”, acenando-se com o prazer, a satisfação.

Não queremos guerra.

Venha cantar uma canção simples de liberdade. Cante como se nunca tivesse cantado deixe preencher o ar, diga às pessoas de todo lugar que o povo daqui não quer guerra.

(A) – (repórter) Senador, como vai responder ao sr. Humphrey... sobre seu passado, assim que os delegados votarem?

(B) – (senador Kennedy) Teremos que lutar por isso.

(A) – O senador Kennedy foi alvejado! É possível isso? É possível isso? É possível isso?

(D) – (Charlie) Como vai?

(E) – (Darin) Como posso subir a um palco, para cantar a mesma droga... com milhares de rapazes americanos pelo mundo, em arrozais? Eles mentem. O governo mente para nós todos os dias. Esta guerra não tem fim, o Presidente mente. As pessoas em quem mais confiamos mentem.

(D) – Você está magoado.

(E) – Não é isso. Bobby Kennedy disse a verdade e veja o que aconteceu.

(D) – Veja o que ele fez com o tempo que tinha. Ele não o desperdiçou. O que você faz aqui? Sandy sente sua falta. Dodd sente sua falta.

(E) – Quando você conheceu Nina? Em que ano?

- (D) – *Sei lá. 1930 e qualquer coisa.*
- (E) – *Sabe quem é meu pai, Charlie?*
- (D) – *Não, Bobby. Não sei.*
- (E) – *Gostaria de saber quem é.*
- (D) – *Ouça, Bobby, se... sei que não tenho estudo... mas sempre senti que, de algum modo, eu era seu pai.*
- (E) – *Charlie, você tem sido mais que um pai para mim, sabe disso. Eu só gostaria de saber.*
- (D) – *Se ficar fora mais tempo, Dodd vai dizer o mesmo sobre você. Talvez não saiba quem é seu pai, mas teve duas mães, em troca. E ambas são fantásticas. Já pensou quanto tem sido difícil para ela? Não poder dizer a ninguém que você é filho dela? Se quiser descobrir a sim mesmo... volte ao palco. Você é Bobby Darin.*
- (E) – *Esse é quem eu pensava que fosse.*
- (D) – *Está bem. Então, é Walden Robert Cassotto.*
- (E) – *Não, não sou, Charlie. Nem sequer sou esse.*
- (D) – *Bem, talvez seja os dois.*

Esse é o grande desafio na atualidade: viver a dinâmica de um mundo plural, sem deixar que a subjetividade corra o risco de ser sufocada, esquecida. O esforço a fazer é descobrir o que é, porque o eu já está em si.

(A) – (Darin) *Certo, Boom-Boom, vamos lá. Temos um show para apresentar! Vamos! Vamos lá!!*

Eu vou dizer a eles... não tenho mãe, não tenho pai, eu sou sozinho, é só o que tenho...

Venha cantar uma canção simples de liberdade, cante como se nunca tivesse cantado...

(D) – (público) *Cante Dream lover! Vamos sair daqui! Bobby, onde está seu cabelo? – que desperdício – cante Splish splash! O que é isso, é uma brincadeira? Bobby está se tornando um hippie total!*

(A) – *Não tenho muito mais tempo. Estou prestes a morrer.*

(B) – (Steve) *Pare com isso. Não vou ficar ouvindo essas besteiras.*

(A) – *Não são besteiras! É a verdade!*

(B) – *Estamos todos morrendo.*

(A) – *Não é disso que estou falando! Cada dia que vivo é um milagre!*

(B) – *Eu sei. Não era provável que chegasse aos 16.*

(A) – *Não faça gozação, Steve.*

(B) – *Não estou fazendo, Bobby! Como devo reagir quando me diz a mesma coisa pela milésima vez?*

(A) – *Eles me vaiaram no maldito palco... como se eu tivesse falhado nas malditas últimas 15 notas!*

(B) – *Querem ouvir Dream Lover! Não estão prontos para o novo você!*

(A) – *Ou me aceitam como sou, ou eu não os quero!*

(B) – *Bobby, em sete anos, fez 10 filmes, ganhou dois Grammys... teve dez singles nas paradas, foi indicado para um Oscar, o que mais você quer?*

(A) – *Só quero me encontrar, só isso.*

(B) – *Parece que todos sabem quem você é. Mas você continua procurando. Quando se encontrar, telefone. Aí, sabe onde estamos.*

(A) – *Steve... não acha que sou maluco, não é?*

O mal psíquico, em muitos casos, extrapola para o físico, apresenta-se por meio de distúrbios, doenças. Esses males por serem complexos, após diagnosticados precisam ser tratados e requerem a anuência do indivíduo. Ele precisa querer, desejar, colaborar com o tratamento, ele necessita ser agente da ação, e não um simples ser passivo que comparece às sessões de fisioterapia, ingere os medicamentos indicados e espera o período estabelecido para alcançar a cura. É necessária a tomada de consciência e após essa, a atitude.

(A) – (Darin) *O que significa: está chegando sua hora?*

(B) – (Charlie) *De que está falando?*

(A) – *Meu amigo, Gregory, disse que estava chegando minha hora.*

(B) – *Sua hora, bobagem!*

(B) – *Tome. Use, quando ficar mais velho.*

(A) – *Vou ficar mais velho?*

(B) – *Sim, claro que vai, mas tem de acreditar. Tem de acreditar sempre, Bobby, enquanto acreditar, é verdade Bobby.*

(B) – *Você voltou! Como se sente?*

(A) – *como se alguém tivesse as mãos em meu peito.*

(B) – *Disseram que correu tudo bem. Substituíram as duas válvulas.*

(A) – *Não vai aguentar, Charlie.*

(B) – *Isso é medicação falando. Precisa comer.*

(A) – *Preciso comer?*

(B) – *Sim. Não pode comer isto, ainda, mas quero que pense no depois.*

(A) – *E o que é?*

(B) – *Manicotti. É um bom manicotti. E Nina... mandou espagete, de Nova York,*

(A) – *O espagete de Nina? O que está tentando? Matar-me, Charlie?*

(B) – *Ela sente sua falta, Bobby. Só vou ligar para ela e para Sandy e dizer que você está bem. Certo?*

(A) – *Nove horas na sala de operações, e continua bombeando! Só tenho uma coisa para dizer. Ganhei do velho Dr. Andretti. Ele ficaria surpeendido de me ver chegar a meu 36º aniversário!*

Na sociedade de consumo atual, à medida que se cria uma relação emocional dos indivíduos com as mercadorias, à medida que se busca desenvolver o olhar, o desejo, pode-se falar que se promove um sequestro da subjetividade? Por se dificultar ou impedir que cada um deseje, queira, busque o que melhor lhe aprouver dentro de sua singularidade, por meio do que se denomina “tendência”? Por se projetarem para o ser humano metas inalcançáveis, como a beleza e a juventude eterna? Ou mesmo por se ver o outro enquanto mera peça de um jogo de xadrez, que se pode manipular a bel-prazer, por se poder dar o “cheque-mate” a qualquer momento e desconsiderar o indivíduo e o igualar a um ser inanimado – objeto? Ou quando se promete e se realiza um compromisso, com base no amor eterno, mas nas cláusulas já se presenciavam as possibilidades de quebra de contrato? Ou quando o coletivo se sobrepõe ao individual, massacrando-o, exterminando-o? Ou quando o ser

humano é desconsiderado e excluído para que o sistema de produção produza mais, renda mais? Ou ainda quando o indivíduo vive em constante medo de ir para a lata de lixo se não possuir as melhores performances exigidas hoje e agora no mercado de trabalho, sendo levado a uma constante mudança e adaptação?

Tantas outras questões poderiam ser levantadas para questionar se ou como atualmente ocorre o sequestro de subjetividade. Infelizmente, essas questões não se dão ao acaso, as situações acima mencionadas além de serem concretas e reais, na sociedade atual, são formas de sequestro da subjetividade. É-se constantemente impelido a se deixar seduzir e quando menos se percebe torna-se inconscientemente escravo, mas com a determinação de ser humano livre – paixão consumptiva.

As cadeias, as prisões, os cativeiros não são apenas casas isoladas; matas, penitenciárias, nem todas são destruídas ou rompidas por meio do fogo, de rebeliões, ou por fuga. Não, neste momento, o aprisionamento a que se faz referência acontece em outra instância, na psique, no interior do “eu”.

O único que pode romper com o aprisionamento é o próprio indivíduo. Para se libertar, ele precisa tomar consciência, querer, talvez até mesmo buscar ajuda e agir. É um aprisionamento com discurso de liberdade, em que a alegria, o prazer, o riso são as algemas, e impede de se considerar a necessidade das lágrimas, do desprazer, da decepção, da tristeza. É uma prisão onde se sente livre e feliz por conseguir eliminar, banir tudo e todos que possam movimentar o seu caleidoscópio.

(A) – (Darin) Passei o dia todo à sua procura.

(B) – (Sandy) Não passou... mentiroso.

(A) – Passei, passei.

(B) – Parece tão bem.

(A) – Sinto-me fantástico, fisicamente, já que posso respirar facilmente pela primeira vez.

(B) – Dodd sente sua falta em casa. Eu sinto tua falta.

(A) – *Estou orgulhoso de você, querida.*

(B) – *Estou tentando, Bobby.*

(A) – *Sei que está.*

(B) – *Não foi por isso que se afastou. É mais do que isso. Não sou o que você queria que fosse, não sou... intelectual, não sou tão inteligente como você.*

(A) – *Você é tão inteligente quanto dez iguais a mim. E veja o que fizemos juntos. [filho]*

(B) – *Você vai voltar a cantar?*

(A) – *Eu gostaria muito. Mas não sei se me habituariá a ser vaiado.*

(B) – *Você não pode culpá-los. Eles não entendem. Você está sempre um passo à frente. Eles são superficiais. E ouvem o que veem, de qualquer modo.*

(A) – *Sim, eu sei... mas, o que disse?*

(B) – *Que não pode culpá-los...*

(A) – *Não, não, não. Sobre o que as pessoas ouvirem o quê?*

(B) – *Boom-Boom, Boom-Boom! Boom-Boom! Boom-Boom. Agende-me em Vegas.*

(D) – *(Boom-Boom) Você não quer voltar a Vegas.*

(A) – *Quero, sim. Quero voltar a Vegas e quero voltar ao palco.*

(D) – *Não me diga que se encontrou.*

(E) – *(Nina) Ele vai voltar a Vegas?*

(D) – *Fiquei sabendo agora.*

(A) – *Eu sou um animal de nights clubs, Boom-Boom, e adoro isso, francamente.*

(D) – *Acho que é o melhor de qualquer um do mundo. Também é um dos mais modestos, mas não quero que volte para lá.*

(A) – *Desta vez vai dar. Posso ser o que quero, posso dizer o que quero e cantar o que quero. Sandy acabou de dizê-lo e de uma forma linda.*

(D) – *O que?*

(A) – *As pessoas ouvem o que veem.*

Se envolto pela sedução desse cativo e se se deixa levar, já não mais se pertence, nem se conhece. O prisioneiro pode sentir ou não o cativo em determinado momento; ele pode durar anos, décadas, como segundos, horas, ou mesmo pode não fazer parte da vida. Como, quando, por quanto tempo ele se apresentará, como será, não se tem uma regra. A decisão de permitir o sequestro ou lutar para ser liberto encontra-se nas próprias mãos do indivíduo, é uma decisão pessoal.

Serres (2005, p. 108) enfatiza:

[...] Cada vida, cada eu e o tempo de cada um são construídos como obras. Um único preceito de conduta tem valor: construa você mesmo a vida, o corpo e a duração com a paciência e o sofrimento com que se cria uma obra de arte.

9 A subjetividade humana

A subjetividade confere ao indivíduo a possibilidade de estar no mundo de uma maneira única, ímpar. Seus desejos, gostos, sonhos, preferências, sentimentos, emoções juntamente com sua história de vida é o que determina como se relacionará com o mundo exterior.

Engraçado, não era a mulher que um cara como eu teria. Ali estava eu, um cantor do Bronx, e ali estava você... uma estrela de cinema.

Quando se desconhecem ou se desconsideram a existência e a importância de se ter uma subjetividade, quando se esquece de voltar-se para si (autoconhecimento) se é o que o momento comporta, exige; vive-se protocolarmente. Este é um jeito singular também, mas um singular que não possibilita a evolução, o crescimento do humano em sua completude.

O ser humano é essencialmente objetivo e subjetivo, a subjetividade também pode ser compreendida objetivamente. Assim como essencialmente natureza e cultura, o homem carrega em si a plenitude que se alcança por meio da busca incessante do conhecimento de quem realmente é.

(A) – (Dodd) Por que não posso abrir?

(B) – (Darin) Não é um presente como os outros. Este é muito, muito especial, e ninguém pode saber que é seu.

(A) – O que tem lá dentro?

(B) – Dois milhões em notas grandes, infelizmente, dinheiro marcado...

(A) – Pai!

(B) – Não. São só algumas coisas que quero que você tenha.

(A) – Então, ninguém pode saber que eu tenho? Nem mamãe?

(B) – Nem mamãe, nem Charlie, nem tia Nina, nem vovó. Ninguém, além de nos dois. É segredo.

(A) – Quando eu posso abrir?

(B) – Quando eu morrer.

(A) – Não quero que morra, sabe pai.

(B) – *Sabe, filho, não sou diferente dos outros. Minha hora talvez chegue mais cedo, só isso.*

(A) – *E eu?*

(B) – *E você? Você vai ficar bem... se é o homem que acho que é. Sabe, tive que lutar para sair do Bronx, para ser alguém. Mas não tanto quanto você que vai ter de lutar para sair de Beverly Hills.*

Para assegurar a sua existência como um ser singular em meio à multidão é necessário aceitar e enxergar os outros. A alteridade é necessária para a existência do ser. Cyrulnik (2009, p. 125) lembra:

[...] Perder o outro em si é esvaziar nosso mundo interno e se submeter ao imediato. As pulsões deixam de ter o tempo de ganhar sentido. Quando se está sem história e sem esperança, as palavras perdem seu gosto e se tornam objetos sonoros vazios e secos.

O ser humano de acordo com Serres (2005), é formado da estranha soma da identidade primeira (genérica) e da adquirida. Ele está sempre em feitura... é incandescente!

É evidente que há no indivíduo a possibilidade de não se despertar para o outro, de fechar-se, centrar-se em si, manter a total indiferença com o outro, chegando a considerar que a sua existência ou a sua proximidade nada lhe diz respeito. Existe neste indivíduo a dificuldade ou o desconhecimento ou até mesmo a consciência da decisão de não assumir compromisso com o outro. Ele não consegue ver no outro um pouco de si, a generalidade humana.

Atitudes e comportamentos desse porte refletem um posicionamento possível do indivíduo e, por isso, também é uma maneira singular, subjetiva de viver e encarar a vida. Esquece-se da primeira identidade, a identidade branca genérica, universal.

Ao negar-se a alteridade, as subjetividades caem ao desalento. O indivíduo entra na pulsão de morte, nega-se a viver o que lhe é inerente e constituinte – a singularidade e pluralidade. Busca o prazer sem dor, a felicidade sem sofrimento, busca o impossível; O prazer, a felicidade constante, torna-se tédio e impossibilita as simbolizações. O ser humano sem o outro não mais existe, perde o sentido e seu significado. Leloup (2008, p. 28) esclarece [...] *O homem não é apenas um ser a quem falta o Ser, a quem falta a plenitude, ele é um ser a quem falta o Outro...*

Ao considerar o sujeito um campo de forças, Agamben (2008, p. 149) ressalta: [...] *o campo de forças sempre já atravessado pelas correntes incandescentes e historicamente determinadas da potência e da impotência, do poder não ser e do não poder não ser.* O autor desenvolve quatro categorias modais que se articulam ao longo do eixo da subjetivação e da desubjetivação.

São elas: a possibilidade, a impossibilidade, a contingência e a necessidade. Os operadores de subjetivação são: a possibilidade (é o indivíduo ser capaz de ser) e a contingência (de ser capaz de não ser). Os operadores da desubjetivação são: a impossibilidade (que é não ser capaz de ser) e a necessidade (não ser capaz de não ser).

Os operadores da desubjetivação é a destituição do sujeito, como um ser de ação, de resiliência. O sujeito se dissolve, ocupa o lugar do vazio. É por meio da possibilidade e da contingência, em outras palavras, através da visão de eu sou que se podem perceber as coisas tais como são, sem julgamentos e voltar a ser sujeito.

Deixe preencher o ar, diga às pessoas de todo lugar que o povo daqui não quer guerra. Ei, Sr. Negro está me ouvindo? Não quero seus diamantes nem seu jogo, só quero ser alguém conhecido para você e para mim e aposto minha vida como você quer o mesmo. Venha cantar uma canção simples de liberdade, cante como se nunca tivesse cantado antes, deixe preencher o ar diga, às pessoas de todo lugar que o povo daqui não quer guerra... 700 milhões

está ouvindo? Quase tudo que você lê é mentira, mas falar um a um não será o sol que irá despertar todos nós? Venha cantar uma canção simples de liberdade, cante como se nunca tivesse cantado antes, deixe preencher o ar, diga às pessoas de todo lugar que o povo daqui não quer guerra... sem dúvida, algumas pessoas gostam de batalhas, como os presidentes, ministros e reis. Deixe as pessoas que amam cantarem, venha cantar uma canção simples de liberdade, cante como se nunca tivesse cantado antes, deixe preencher o ar, diga às pessoas de todo lugar que o povo daqui não quer guerra... eu disse deixe preencher o ar ... que o povo daqui não quer guerra. Liberdade! Liberdade! Liberdade!.

Cyrulnik (2009, p. 8), faz uma reflexão muito pertinente neste momento em relação à resiliência – própria de um indivíduo que decide, além de ser o agente de sua história de vida, abrir-se para viver a completude humana.

[...] Ser invulnerável significaria impossível de ser ferido! [...] Esse controle das vulnerabilidades não significa resiliência, porque, por definição, para resilir uma infelicidade passada é preciso justamente ter sido vulnerado, ferido, traumatizado, invadido, dilacerado [...] Também é possível encontrar em si e em torno de si alguns meios que possibilitem voltar à vida e retomar um desenvolvimento e ao mesmo tempo manter a ferida na memória. Nesse caso, pode-se falar em resiliência.

10 Ao fechar as cortinas e apagar as luzes...

Quando as cortinas estão abertas, a peça se desenvolve, os personagens ganham vida pelas diversas interpretações dos atores, mas e quando elas se fecham, o que será que realmente há por detrás? O palco será tão perfeito como aparenta ser em cena, os atores vivenciam os sentimentos, as emoções que (re)presentam?

Assim, é a vida humana. Vive-se no palco da vida e de representação à representação se constrói a história humana particular e universal. Quanto mais se busca enxergar a exterioridade, o material, o concreto, maior será a sensação de “perder o chão”, a sensação de vazio.

(E) – (platéia) *Nós o adoramos, Bobby.*

(A) – (Darin) *Obrigado. Obrigado. Obrigado. Por favor, sentem-se. Obrigado. Vocês têm sido um público maravilhoso. Estou encantado de estar aqui de novo, em Las Vegas. Espero que tenham tido sorte com as mesas. Talvez eu não... me apresente por um tempo. Vou parar um pouco. Por causa disso, talvez não possa fazer, publicamente... algo que queria fazer... há muito tempo... que é... apresentar a vocês... a mulher que me criou. Minha mãe... Nina Cassotto Maffia. Por favor, apresente-se, Nina, apresente-se.*

(B) – (Nina) *É meu filho!*

(D) – (Charlie) *É isso aí.*

(B) – *É meu filho!*

(A) – *Queria cantar uma música escrita especialmente para ela hoje. A letra foi mudada. Era um número de Bob Hope, na verdade. Mas vamos cantá-la, ao encerrar, desejando boa noite... assim que Richie acabar aquilo que está compondo ali. É mais ou menos assim.*

A maquiagem sai, o disfarce de palhaço sai, a cortina cai, a música morre lentamente, mas espero que estejam sorrindo enquanto chegam às portas, como dizem neste ramo, é só isso, não há mais nada, partilhamos um momento. E, quando esse momento termina, tenho uma sensação esquisita de que nos

separamos como amigos, seus vivas e risos vão ecoar até depois que destruírem estas paredes empoeiradas, se eu tivesse de repetir isto, se a noite se repetisse, eu a passaria com vocês de novo, mas agora a cortina cai, suas lágrimas e risos vão ecoar até depois que destruírem estas paredes empoeiradas, dizem que fui feito para isto eu não trocaria.

O representacionismo – que privilegia a objetividade, descartando a subjetividade – fragmenta, separa, afasta. Distingue a natureza da cultura e a cada momento o ser humano sente e vive a cultura e culturalmente, esquece-se da natureza, bem como da necessidade de interação entre ambas.

Criam-se fugas o tempo todo para não se enxergar a miséria, a fragilidade e a incontinência presente na vida humana. A vida é inconstante, imprevisível, incandescente. Quando a compreensão deste real for absorvida e aceita pelo indivíduo, bem como, a consciência da responsabilidade de cada um pelo outro e da importância de sua vida em particular, não haverá necessidade da ilusão e da fantasia presentes na sociedade atual que encobrem, dissimulam e propagam a possibilidade de um gozo sem falhas e sem limites.

Continuar fugindo da incompletude humana fundamentada na falta do outro, para se tornar indivíduo uno e múltiplo que carrega em sua constituição é negar-se a reconhecer sua dependência e sua responsabilidade para com ele. O esquecimento do ser é uma forma de aniquilamento da identidade humana.

(A) – (Darin – criança) Espere aí! Espere! Aonde vai?

(B) – (Darin – adulto) Não, é só isso, filho.

(A) – Não pode ir. Não é o fim. Deixe-me dizer-lhe como acaba.

O homem que pensávamos que fosse nosso pai, afinal, era nosso avô. O cara que pensávamos que fosse nosso cunhado é nosso padrasto. A mulher que pensávamos que fosse nossa

irmã é nossa mãe. Como ela dormiu com meio Bronx, só Deus sabe quem é nosso pai.

(B) – Certo. Então, agora já sabemos. Agora terminamos.

(A) – Não, você, não. Sou eu que vou. Não percebeu, ainda? Bobby Darin não morre.

(B) – De que está falando?

(A) – Não se lembra? As memórias são como o luar. Fazemos com elas o que queremos. Ouça. Ouça, está? Não é assim.

Enquanto estiver cantando o mundo estará bem e tudo estará dançando, enquanto estiver cantando sua música, enquanto estiver cantando há um sino em seu cérebro que estará tocando...

A vida é um jardim imperfeito, sujeito a todos os tipos de intempéries a qualquer momento. Pode-se optar por que modo viver, aceitar o mundo do caos, que não exige reflexão a respeito de seu sentido e com isso aceitar como natural a desumanização, a fome, a guerra, e tantas outras tragédias, ou por assumir e sair da acomodação, lutar para que a humanidade desabroche. Infelizmente a mediocridade existencial tem sido a opção mais fácil.

Cyrulnik (2009, p. 51) alerta que aos homens, [...] *A possibilidade de criar um mundo de representações lhes permite remanejar o mundo que percebem, melhorá-lo ou piorá-lo, fazer dele uma benção ou uma maldição [...].*

(A) – (Darin – adulto) E, se a banda não nos abandonar.

(B) – (Darin – criança) Então, nada neste mundo poderá nos ferir.

(A/B) – Enquanto estivermos cantando nossa música.

(A) – Quero ouvir clarins, legato.

(B) – Juntem alguns saxes a eles.

(A) – Cordas, pizzicato.

(B) – Acrescentem ritmo.

(A) – enquanto estivermos cantando então, o mundo estará bem e todos estarão dançando, enquanto estivermos cantando nossa... enquanto estivermos cantando nossa... enquanto estivermos cantando nossa.... música.

Fazer música, para mim é mais do que um prazer, porque eu e a música andamos juntos como as notas no compasso, enquanto eu estiver cantando, então, o mundo estará bem e todos estarão dançando... enquanto estiver cantando... minha música.

CAPÍTULO IV

MOVIMENTO CIRCULATÓRIO: Sujeito / Cultura / Subjetividade

Ontem à noite, mamãe me mostrou uma foto. Faltava a metade. Não quis dizer a ela... mas, na minha vida, falta essa mesma metade. Hoje de manhã, mexi em suas gavetas e encontrei algumas fotos. Em todas elas, faltava a metade. Meu pai, eu imagino. Eu quero conhecê-lo. Tenho de fazer mamãe entender que não importa quem ele é... nem como ele é, nem como se comportou com ela. Ela não pode me negar esse direito.

(Esterban)

1 Filme “Tudo sobre minha mãe” de Pedro Almodóvar (1999)



1.1 Ficha de apresentação do elenco

Personagem	papel
Cecilia Roth	Manuela
Marisa Paredes	Huma Rojo
Candela Peña	Nina
Antonia San Juan	Agrado
Penélope Cruz	Hermana Rosa
Rosa María Sardá	Mãe de Rosa
Fernando Fernán Gómez	Pai de Rosa
Toni Cantó	Lola
Eloy Azorín	Esteban

1.2 Sinopse

O filme **Tudo sobre minha mãe** refere-se à vida de uma enfermeira (Manuela), que perdeu seu filho (Esteban) aos 17 (dezessete) anos de idade. O filho é fruto de uma relação com um travesti (Lola), que desconhece sua existência. Ao retornar ao local onde residia na época que engravidou, a busca do pai de seu filho, vive situações inesperadas. Vem conhecer e ajudar uma irmã que se encontra grávida da mesma pessoa. Uma história comovente, que mostra como é quando se vê o outro, a amizade, o carinho, o envolvimento. Ao mesmo tempo leva o telespectador a se colocar frente às pessoas que diferem do convencionalmente determinado correto e por isso vítimas do descaso e de preconceitos.

Nesse contexto, insere-se o filme de Almodóvar **Tudo sobre minha mãe**, filme de uma riqueza sem igual. A partir de uma situação bizarra, o filme constrói-se e mostra um drama sensível e humano. De um modo natural, ele aborda situações que os mais conservadores tentam ignorar, mas nem por isso inexistentes. Os acontecimentos vão adentrando naturalmente no filme, os personagens vão se humanizando, não existem heróis, bandidos, mas pessoas que erram ou acertam em sua vida. Ele leva a questionar como conviver com situações e pessoas com pensamentos e atitudes diferentes do protocolar.

O filme mostra que todos os acontecimentos, todos os encontros com pessoas têm sentido, significado e valor, independente do seu modo de vida. Não se julga se certo ou errado, se bom ou ruim, se as atitudes e comportamentos apresentados também se referem ao ser humano. Aceitar, conviver e amar, independentemente de julgamentos, é um outro olhar que pode ser voltado para esta obra-prima – fraternidade.

2 O ser humano

Quando se faz referência ao ser humano, faz-se referência à espécie humana, mas ao falar em indivíduo faz-se referência simultaneamente ao ser individual e social, a ele integralmente. E aí encontra-se um paradoxo, ao mesmo tempo que cada um busca a sua felicidade, seu bem-estar, necessariamente ele atrela-se ao outro, ao outro que não tem como fugir. A completude do indivíduo está em ser ele e outramente outro. No eu encontra-se o eu e seus avessos.

No momento em que esse conhecimento passar a ser consciência nos indivíduos em geral, é que se é possível entender de que matéria se é feito e uma outra maneira de se viver e buscar a felicidade poderá se adotar.

(A) – (telefonista) Organização nacional de transplantes.

(B) – (Manoela) Sou Manuela, do Râmon Y Cajal.

(A) – Diga, Manuela.

(B) – Temos um possível doador. Já fizeram o primeiro eletroencefalograma e a família consente.

(A) – Dê-me os dados.

(B) – É um homem, de 35 anos...

(A) – Tipo sanguíneo?

(B) – É O positivo. Pesa cerca de 70 quilos.

O indivíduo busca incessantemente a liberdade e em nome dela fundamenta o seu agir e suas ações. Abre-se parênteses para se questionar se realmente a liberdade está em escolher dentre o que é oferecido ou se a liberdade encontra-se no ato de voltar-se para sua constituição humana e enquanto tal fazer a opção para o que realmente o realizaria enquanto indivíduo.

Olhar a vida com outros olhos exige resistência, persistência, enfrentar os desafios e não ter medo de errar, mas se pôr a aprender com os erros. Considerar os erros como desafios a serem superados é um ato de superação. A fraqueza não reside em enfrentar os erros, as limitações, as contingências e sim na acomodação, no cercar-se de proteção.

Quando se busca a segurança, promove-se uma forma de ilusão. A vida não é determinada pelos indivíduos, a muitas coisas além, que fogem ao comando humano. A insegurança aumenta o medo, o medo de ser inadequado, o medo de sofrer, o medo de enfrentar o real, de despir-se das ilusões, das fantasias. Fugir às contingências é um fio tênue para afastar-se das maravilhas que se podem encontrar quando se põe a caminho. Quando se afasta do porto seguro se lança às possibilidades.

(A) – (Margot) Mesmo que faça filme ou chova caçadores de autógrafos! Não são pessoas. São animais que vêm em bando como coiotes.

(B) – (assistente) São o seu público. Seus admiradores.

(A) – Não admiram ninguém! São delinquentes juvenis, retardados mentais. Não são público de ninguém. Nunca viram uma comédia. Nunca sequer entraram em um teatro.

(B) – Bem, está aqui uma que entrou. Eu a trouxe para ver você. Entre, Eva.

(D) – (Eva) Pensei que tinha se esquecido de mim.

(B) – Margot, essa é Eva Harrington.

(A) – Como vai querida?

(D) – É um prazer.

O propósito da vida não é fechar-se ou buscar o domínio da natureza humana, ela escapa pelos dedos; deve-se buscar seu aperfeiçoamento de tal

modo a promover a completude humana. Mesmo que as podas sejam feitas ao longo do caminho, a raiz permanece viva, e novos ramos virão. Não há como defender-se da natureza.

Cyrulnik (2009, p. 93) ressalta:

[...] O que vemos do mundo é minúsculo comparado à imensidade da realidade que somos incapazes de perceber. No entanto, esse pedacinho de mundo tem de ser coerente para que respondamos a ele de modo coerente. É precisamente a redução das informações, a amputação do mundo que faz com que possamos lhe dar uma forma clara e não angustiante.

A vida está em eterno movimento, não se é capaz de ver a completude nem de viver todas as histórias possíveis. Cada história humana é uma história e por isso ela tem de fazer sentido, ser coerente para quem a vive e a constrói no dia a dia.

(A) – (Esteban) Não gostaria de ser atriz?

(B) – (Manuela) Já foi difícil me tornar enfermeira.

(A) – Se fosse atriz, eu escreveria papéis para você.

(B) – Quando era garota, fiz parte de um grupo amador. Eu trabalhava direitinho. Devo ter uma foto por aí.

(A) – Eu adoraria ver isto.

(B) – Eu procuro depois.

(B) – Olha só, Esteban. Encontrei a foto. Fazíamos um espetáculo com textos de Boris Vian. [a foto está cortada] Cabaré para intelectuais.

3 A imperfeição da vida

A vida para Todorov (2005) é um jardim imperfeito, fadado a permanecer assim, e, além de sua imperfeição, é imprevisível tanto para o bem como para o mal. A grande aventura humana é ser incontestável e, estar interminantemente aberto para o novo, para o desconhecido. A busca do homem é eterna, independente das situações vivenciadas; favoráveis ou desfavoráveis, ele presencia e vivencia acontecimentos impossíveis de se preverem.

(A) – *(Manuela) Feliz aniversário!*

(B) – *(Esteban) Já?*

(A) – *É meia-noite, meu amor (entrega-lhe um presente).*

(B) – *(livro) Música para camaleões. Como você sabia que eu queria?*

(A) – *Eu sei que você gosta de Capote.*

(B) – *Leia para mim. Como quando eu era criança.*

(A) – *Prefácio: Comecei a escrever quando tinha oito anos.*

(B) – *Viu só? Eu não sou o único.*

(A) – *Eu não sabia então que ficaria preso para sempre... a um nobre porém implacável mestre. Quando Deus dá um dom a alguém também lhe dá um chicote... e o chicote é para a autoflagelação.*

(A) – *É suficiente para perder a vontade de escrever.*

(B) – *Não seja boba. É um prefácio maravilhoso.*

(A) – *O que quer fazer amanhã para comemorar seu aniversário?*

(B) – *Gostaria de ver um dos seus seminários.*

(A) – *Por quê?*

(B) – *Estou escrevendo um conto sobre você para mandar para um concurso. Queria vê-la nessas dramatizações sobre as doações de órgãos.*

(A) – *Preciso perguntar a Mamen. Ela é a psicóloga que coordena o seminário.*

(B) – *Muito bem, pergunte então.*

(A) – *Acho que não gosto que você escreva sobre mim.*

Todorov (2005, p. 71) refere-se a essa imperfeição do jardim e ressalta que, assim como uma planta que precisa de cuidados para desabrochar, a autonomia, a liberdade, é o resultado de um processo. Prossegue sua argumentação em relação à autonomia do eu dizendo que ela é [...] *certamente parcial, mas ela é onipresente; fundada na relativa indeterminação do ser humano, ela permite orientar sua via pública e privada [...].*

A autonomia parcial funda-se no fato de o ser humano necessitar olhar os outros, de considerar a existência dos demais seres humanos, e não adianta revoltar-se ou refugiar-se contra o que faz a sua própria identidade. O homem não existe fora dos outros homens. Por outro lado, justamente por meio de sua subjetividade e das demais subjetividades existentes é que, ao mesmo tempo em que cada um tem a autonomia de escolha de sua vida privada, ele também participa da vida pública.

(A) – *(médico 1) Seu marido morreu, senhora.*

(B) – *(esposa do paciente) Não é possível. Acabamos de vê-lo na UTI e parecia estar respirando.*

(A) – *Nós já explicamos. As máquinas respiram por ele. Quer que avisemos a algum parente?*

(B) – *Não tenho família... só o meu filho. Meu Deus! Como vou contar a ele?*

(D) – *(médico 2) Seu marido alguma vez comentou alguma coisa... a respeito da doação de órgãos?*

(A) – *(médico 1) Ele se preocupava com esses assuntos?*

(B) – *Durante a vida, meu marido só se preocupava em viver.*

(A) – *Bem, mas imagino que fosse solidário com a vida dos demais.*

(B) – *Eu não estou entendendo.*

(D) – *O meu companheiro quer dizer... é que os órgãos de seu marido podem salvar outros doentes. Mas, para isso, precisamos de sua autorização.*

(B) – *Podem fazer-lhe um transplante?*

(D) – *Não exatamente. Na verdade, é o oposto.*

Fugir desta condição humana ou negar-se a considerá-la é não aceitar o desamparo no qual se encontra a partir do momento em que decidiu ser soberano de sua própria vida. Para Todorov (2005, p. 103):

[...] Ora, quando cada um é seu próprio centro, todos são isolados. Quando todos são isolados, há apenas poeira. Quando chega a tempestade, a poeira é lama [...] De tanto preocupar-se apenas com seus gozos pessoais, o indivíduo desinteressa-se dos negócios públicos e tenta ignorar as desgraças dos outros, esquecendo que o próprio bem-estar privado depende do bem-estar público [...] O isolamento dos indivíduos não é talvez uma consequência inevitável da modernidade, mas certamente faz parte de suas consequências possíveis [...]

A felicidade hoje oferecida pela cultura que se propaga na sociedade é a que independe do outro, é solitária e proporciona o prazer constante e absoluto. Isso também é ilusão é uma ideologia inalcançável e equivocada. Se o gozo se realiza na solidão, o prazer e a felicidade só é obtido através do compartilhamento – é imprescindível a existência do outro.

Todorov (2005, p. 104), referindo-se ao pensamento de Benjamin Constant lembra [...] *Temos necessidade de alguma coisa mais, que vai além do indivíduo; ademais, se cada um dependesse apenas de si mesmo, essa mesma felicidade se desvaneceria [...].* A independência do indivíduo não pode ser um objetivo final.

Os indivíduos não são verdadeiramente diferentes entre si, o que os diferencia é a relação que estabelecem com os demais. Todos têm seu “eu” singular, assim e necessitam da existência dos demais. Da própria incompletude humana nasce a sua frágil felicidade.

Enquanto ser incompletamente determinado (a ele tudo é possível e nada é certo), carrega em si tanto a inclinação ao bem como a inclinação ao mal e, somente em sociedade o sujeito descobre o bem e o mal. A ele cabe a escolha, a opção, a partir da qual orientará sua vida.

Pela consciência, o homem se torna verdadeiramente livre; e ele a alcança pelo conhecimento, pelo desvendamento do Eu sou – identidade primeira e genérica. É necessário colocar-se a caminho, deixar-se crescer, lutar para alcançar em potencial tudo que já se é.

Acreditar na felicidade individual, ou na felicidade eterna é não aceitar as contingências da vida e sua imprevisibilidade, além de que, precisa necessariamente haver passado pela infelicidade, pela dor, pela insatisfação para realmente alcançar e sentir o prazer do momento feliz. É a memória, as lembranças do vivenciado que permitem distinguir uma da outra. Para Morin (2005a, p. 448) [...] *Viver, sobreviver, dar a viver remetem-se circular, indefinidamente, um ao outro [...] no sentido em que relativiza a noção de fim (que também se torna meio) e enriquece a noção de meio (que adquire o valor de fim).*

É imprescindível ao indivíduo adaptar-se às transformações que se processam ao longo do tempo, é necessário dar passagem ao novo, aos acontecimentos, às contingências. Não há como fugir ou prever as novidades, o ciclo da vida é ininterrupto: nasce-se, vive-se, morre-se, nasce-se... e não se sabe como nem quando. Do mesmo modo que não há permanentes e definitivos, torna-se impossível definir o momento de chegada ou de partida; é necessário sempre estar preparado.

(A) – *(srta. Dubois) Por que está me olhando assim? Estou horrorosa?*

(B) – *Não, não. Está mais bonita do que nunca.*

(B) – *Olhe, deve ser o cavalheiro que vem buscar você.*

(A) – *O senhor não é o sr. Huntleigh. E o senhor também não.*

(A) – *Não! Não!*

(B) – *Será preciso cortar as unhas dela! A camisa de força, doutor.*

(A) – *Mande-a me soltar... por favor...*

(D) – *Solte-a.*

(D) – *Vamos, levante-se. Apóie-se no meu braço, Srta. Dubois.*

(A) – *Obrigada, seja o senhor quem for. Sempre confiei na bondade de desconhecidos.*

(E) – *Vamos, garota, o pior já passou.*

(A) – *Não me toque! Não me toque de novo, filho da mãe!*

(E) – *Cuidado com o que diz.*

Aceitar as contingências não é uniformizar o imprevisível e sim é, a partir e com ele inventar, renovar, usar de criatividade para repensar a sociedade atual com consciência, responsividade e respeito às alteridades.

Adentrar-se em uma outra esfera cognitiva não significa romper com o até então conhecido, mas a partir dela aventurar-se em outros caminhos. Buscar outros conhecimentos sem medos, sem pertencimentos, mas na certeza de que se é uno na multiplicidade.

4 Humanidade

A miséria humana faz-se presente quando o indivíduo, um ser coletivo, passa a viver individualmente. Cabe ao indivíduo portador do universo e da vida, desenvolver-se para a humanidade. Se atualmente, o pensamento encontra-se em suspensão, não é necessário mais realizar essa atividade, o que dificulta as simbolizações.

(A) – (Esteban) Nina Cruz emocionou muito você, não é?

(B) – (Manuela) Não, ela não. Stella. Há 20 anos, com o grupo da minha cidade, fazíamos uma versão de Um Bonde. Eu interpretava Stella. Seu pai era Kowalski.

(A) – Algum dia terá que me contar tudo sobre meu pai. Só sei que morreu antes de eu nascer.

(B) – Não é uma história fácil de contar.

(A) – Imagino. Senão, você já teria me contado. Pensei em pedir isso como presente de aniversário.

(B) – Acho que não seria um bom presente.

(A) – Você está enganada. Não haveria presente melhor.

(B) – Então, vou lhe contar tudo quando chegarmos em casa.

A cada dia, a falta de certezas, a imprevisibilidade presente na vida em sociedade e na vida humana exige uma regeneração constante do ser humano. Torna-se necessário olhar para seu interior, para ver aquém dos valores propagados pela cultura individualista.

O mistério humano está diretamente ligado ao mistério da vida e o desta ao do Cosmo; nem um nem outro é passível de conhecimento e de dominação

em sua totalidade. A totalidade a que se tem acesso é a das fragmentações e assim mesmo imprecisas, inconstantes.

Se há uma dificuldade de encarar o real, pode ser pela dificuldade ou medo de desenvolver o ato de pensar; essa é uma atividade pessoal e intransferível e que possibilita a criação, a busca pela realização de um desejo próprio. Para Morin (2005b, p. 103), [...] *O pensamento necessita de regulação interna (como o jogo dialógico análise/síntese, explicação/compreensão) e de regulação externa (confronto com a realidade exterior) [...].*

Amanhã faço 17 anos, mas pareço mais velho. Nós, garotos que vivemos sozinhos com nossa mãe... temos uma cara especial, mais séria do que o normal, como de intelectual ou escritor. No meu caso é normal. Porque eu sou escritor.

A tomada de consciência pode causar traumas, inseguranças, a sensação de “perder o chão”. Zizek e Daly (2006), ao reportarem-se ao pensamento lacaniano no tocante à diferenciação de real e realidade, mostram que a realidade pertence à ordem simbólico-imaginária da significação, e que esse modo de concebê-la é uma tentativa de escapar às várias manifestações do real.

A realidade apresenta como falso o que é verdadeiro para poupar do indivíduo o mal-estar de encarar sua nudez – a fantasia fundamental que estrutura o eu. O real não é impossível de acontecer, justamente pela possibilidade de se apresentar é que se torna necessário encobri-lo, mascará-lo.

Observam Zizek e Daly (2006, p. 15): [...] *O real sempre funciona de modo a impor limites de negação a qualquer ordem de significante (discursiva), mas – pela própria imposição desses limites – serve, simultaneamente, para constituir tal ordem [...].*

(A) – (Lola) Sou Lola, do Ramón Y Cajal.

(B) – (telefonista) Pode falar, Lola.

(A) – *Temos um possível doador. Está na UTI. Fizeram o primeiro eletroencefalograma... mas a mãe ainda não deu o consentimento.*

(B) – *Passe-me os dados.*

(A) – *Eu não tenho. É o filho de Manuela.*

(B) – *Manuela? A que eu conheço? A coordenadora?*

(A) – *Sim... morreu, é horrível.*

(D) – *(médico) O resultado do encefalograma é o que temíamos. Temos que tomar uma decisão, não há mais tempo.*

Manuela assina a AUTORIZAÇÃO FAMILIAR – doação de órgãos.

Encarar o impossível, o real não é simplesmente negar a realidade, mas aceitar sua existência e não procurar fugas, mas reconhecer sua existência e aprender a conviver com ele. Não mais decidir com os olhos vendados qual o caminho que queres seguir, em qual realidade quer realmente viver e buscar. Qual será a sua verdade.

Se, enquanto ser humano, se é sapiens e demens; racional e delirante, respectivamente, se é também possuidor de qualidades egocêntricas e qualidades altruístas. O ser humano é complexo e repleto de contradições e incoerências; portador do amor e do ódio, da solidariedade e da rivalidade, da compaixão e da inveja.

O real-imaginário-simbólico se entrelaçam e os diferentes elementos se projetam e se repetem em cada categoria. No ser humano esse entrelaçar é pessoal e irá determinar a realidade a ser vivida e buscada por cada um. Que a vida humana é permeada por símbolos, pelo imaginário, é inquestionável, a questão é que na simbolização se presencia o excesso ou uma falta.

Para Zizek e Daly (2006, p. 99), essa lacuna no pensamento lacaniano [...] é o Real, e toda forma positiva dessa lacuna é constituída através da fantasia. O real é o vazio da impossibilidade. Em outras palavras é o resto.

(A) – *(amiga de Manuela) Manuela! Eu estava preocupada. Pensei que você nunca me telefonaria.*

(B) – *(Manuela) Assim que cheguei em Madrid.*

(A) – *Estou falando da Argentina. Liguei para você um monte de vezes, mas devo ter anotado errado o número da sua tia.*

(B) – *Eu não estava na Argentina. Fui a La Coruña.*

(A) – *E para que foi a La Coruña?*

(B) – *Fui atrás do coração do meu filho.*

(A) – *Mas quem lhe disse... como você sabe...*

(B) – *Eu procurei nos arquivos...até achar o nome e o endereço do receptor.*

(A) – *Não devia ter feito isso. É a melhor forma de enlouquecer! Olhe pra mim, droga!*

(B) – *Eu sei disso. O melhor é deixar o hospital e sair de Madrid.*

(A) – *Eu não disse isso.*

(B) – *Mas é o que você acha e tem razão. Acho que nem vou desarrumar a mala.*

(A) – *Manuela, não pode viajar sozinha. Está doente, você tem de descansar e se recuperar. Fico com você esta noite.*

(B) – *Não.*

(A) – *Venha dormir na minha casa.*

(B) – *Eu quero ficar sozinha.*

(A) – *Tente ser sensata.*

(B) – *Como?*

5 Alteridades

O sujeito que não faz a autocrítica ocupa o espaço de pretensa e imaginária autossuficiência, o que o impede de ver o outro como semelhante. Ele assume a posição atribuída a Deus, assumindo para si o lugar de absoluto, de soberano – Eu sou eu. Seus olhos estão vendados, acredita ser e estar pronto, acabado, superior e absoluto, a ele tudo e todos devem obedecer.

Para se tornar sujeito deve-se livrar dos excessos de negatividade, voltar-se à essência. Para Freud, a impossibilidade de ser e a impossibilidade de não ser é o que demarca a pulsão de morte. Somente o estar disposto a fazer a limpeza dos excessos é que torna possível ver onde realmente se encontra.

Há 17 anos, fiz este mesmo trajeto. Mas ao contrário: de Barcelona a Madrid. Eu também estava fugindo, mas não estava sozinha. Trazia Esteban dentro de mim. Na época, eu estava fugindo do pai dele. E agora, vou procurá-lo.

A pulsão de morte encobre a potência de ser e a potência de não ser, o que impossibilita a subjetivação. Os excessos mascaram o sujeito, faz com que se apresente e represente um papel que não o significa. Ao retornar a reflexão do excesso no campo da cultura do consumo, ela pode ser uma pulsão de morte para aqueles que consomem apenas o que se encontra na tendência. Esse ato impossibilita a subjetivação como uma potência de ser e potência de não ser – pulsão de vida.

Com a retirada dos excessos na vida humana, a natureza humana se apresenta. A condição humana de universalidade do ser, de vulnerabilidade, das

construções simbólicas e imaginárias inerentes de cada ser humano, mas divergentes em culturas e em momentos históricos diferentes, possibilita a promoção de um olhar sem julgamentos, de não-indiferença para com o outro, mas simplesmente, naturalmente semelhante.

(A) – *(Manuela) Pare! Pare!*

(B) – *(Agrado) Filho da puta!*

(D) – *(cliente) Cale-se.*

(B) – *Você ficou maluco! Maricas! Canalha! [pega um canivete]*

(B) – *Mas o que você fez?*

(A) – *Bati nele com uma pedra.*

(B) – *Ajude-me a levantá-lo.*

(A) – *Levanta-se, vamos.*

(B) – *Vamos, vamos, levante-se. Você está bem? Fique de bem. Vamos logo, vamos depressa, vamos. Você é um psicopata vagabundo, seu maricas. Olhe... está vendo a fogueira onde estão as moças? Pergunte por Úrsula. Diga que Agrado mandou você. Ela vai cuidar de você.*

(A) – *Agrado? É você?*

(B) – *Manolita! Manolita! Manolita! Você está ferida?*

(A) – *Não, não, é porque você me sujou.*

(B) – *Não é porque me salvou a vida, mas senti muito sua falta! Dezoito anos sem dizer nada, nem carta, nem telefonema. Achei que tinha morrido, filha da mãe. Vamos para casa e você me conta.*

(A) – *Vamos primeiro à farmácia, você está mal. Onde pegamos um táxi?*

(B) – *Por aqui.*

(A) – *Por ali?*

(B) – *Sim. Com sorte, não seremos atacadas. Está com a navalha?*

(A) – *Sim, e uma pedra enorme na bolsa.*

O processo de autofundação soberana do ser consta de dois aspectos: a potência e o ato. Como abordado no capítulo anterior, as categorias modais de Agamben (2008) quanto aos operadores da subjetivação – a possibilidade e a contingência – é o que possibilita ao indivíduo passar da potência ao ato. Somente quando depõe a potência de não ser é que o indivíduo pode passar ao ato. Essa deposição da impotência é o voltar-se da potência sobre si mesma para doar-se a si mesma.

Para o autor (2008, p. 158), os processos de subjetivação e de dessubjetivação não devem ser olhados como se tivessem um telos apocalíptico ou profano e isso não significa ficar à deriva. Eles têm um resto e não um fim e conclui afirmando [...] *Realmente histórico é aquilo que cumpre o tempo não na direção do futuro, nem simplesmente na direção do passado, mas no ato de exceder um meio [...].* Toda subjetivação denuncia uma dessubjetivação e em toda dessubjetivação o sujeito se apresenta.

(A) – *(Agrado) Ouça, bona nuit. [na farmácia] Desculpe acordar você. Venha ate aqui.*

(B) – *(farmacêutico) Não, o que vocês querem?*

(A) – *Venha aqui, não vamos comer você.*

(B) – *O que vocês querem?*

(D) – *(Manuela) Deixe que eu explique. Providona iodada, pontos para sutura... trombocid, gaze esterilizada... você tem álcool em casa?*

(A) – *Não. Ontem estava péssima e bebi tudo.*

(D) – *Não, para desinfetar.*

(A) – *Não... tenho vaselina, camisinhas e muito esparadrapo.*

(B) – *Algo mais?*

(D) – *Álcool, por favor.*

A subjetividade se processa por meio dos encontros; o eu só é possível pelo relacionamento com o outro, é a consequência dos encontros. Eles produzem marcas, umas boas, outras nem tanto mais ambas de extrema importância para o crescimento, evolução e encontro com seu próprio eu. O Eu sempre é pronto e sempre a se fazer... incandescente.

De uma coisa não há como fugir, a vida humana é permeada por sofrimento e gozo, perdas e ganhos, exclusão e inclusão, e as soluções serão sempre temporárias, nunca definitivas. A inconstância é o preço a ser pago para se obter a felicidade.

(A) – *(Manuela) Sabe alguma coisa dela?*

(B) – *(Agrado) De quem? Da Lola? Infelizmente, eu a acolhi porque estava mal. Como sempre, com todas as drogas que usa. Uma manhã quando voltei da zona, cansada de trabalhar, ela havia roubado a casa toda. Relógios, jóias, revistas dos anos 70 em que eu me inspiro, 300 mil pesetas... o que mais me dói é que levou uma imagem... da Virgem que minha mãe me deu. Para que ela quer? Não acredita em nada. A menos que esteja em uma seita satânica e a use em uma cerimônia.*

(A) – *Vejo que ela não mudou nada.*

(B) – *Fazer isso comigo, com tudo o que me deve! Desde que nos conhecemos em Paris, há 20 anos, eu a tratei como uma irmã. Nós colocamos os peitos juntas. Você sabe disso melhor do que ninguém.*

(A) – *Não voltou a vê-la?*

(B) – *Não. E nem quero. O que foi? Está procurando por ela?*

(A) – *Estou... temos um assunto pendente.*

(B) – *Manuela, por que foi embora daquela maneira? Não vai me contar nada?*

(A) – *Não consigo. Um outro dia, sim?*

(B) – *Ok. Não volte a desaparecer assim. Gosto de me despedir das pessoas que amo... ainda que seja para chorar à vontade, filha da mãe.*

(A) – *Agrado....*

Uma forma de participar do destino humano é pela nossa existência. A vida é partilhada, não se é eu na solidão. A união, a solidariedade, o respeito às alteridades são formas de respeitar e resgatar a humanidade humana. Deve-se buscar uma unidade que possibilite a presença da diversidade.

6 O respeito e a responsividade

O mal-estar contemporâneo funda-se no excesso. A retirada do excesso leva o indivíduo à tomada de consciência da existência e da necessidade do outro em sua vida e conseqüentemente ativa o senso de responsividade para com ele.

(A) – *(Manuela) Você está ótima!*

(B) – *(Agrado) Nada como um Chanel para se sentir respeitável.*

(A) – *Você está respeitável. E eu? Não estou meio piranha com esta roupa?*

(B) – *Melhor. Essas freiras só ajudam prostitutas e travestis. Então...*

(A) – *Este Chanel é autêntico?*

(B) – *Não. Como ia gastar meio milhão num Chanel autêntico com tanta fome no mundo? A única coisa verdadeira que tenho são os sentimentos... e os litros de silicone que pesam horrores. Eu me sinto tão velha, Manolita. E não tenho idade.*

(A) – *É por causa da surra.*

(B) – *Pela surra que eu me dei nos últimos 40 anos.*

O outro deixa de lhe ser in-diferente. Assim como eu, ele é portador de uma carteira de identidade universal e de uma subjetividade singular, como o eu, e, portanto, digno de respeito. Um eu que não se define apenas por seu corpo, profissão, cultura, opção sexual, mas um eu produto de todas suas relações, inter-relações e história de vida anteriores e atuais e que continua a se fazer; como todos os sujeitos.

Em *Humanidade da Humanidade*, Morin (2005b, p. 50) observa que, apesar de se estar enraizado em [...] *nosso universo e em nossa vida, [mas] nos desenvolvemos para além disso. É nesse além que se dá o desenvolvimento da humanidade e a desumanidade da humanidade.*

Pelo fato de viver dialogicamente para si e para o outro, o indivíduo sofre pressão de forças antagônicas, o egoísmo e o altruísmo. Por mais que se considere e se dê importância ao semelhante na dessemelhança – o outro – e também por pensar em um nós (coletivo), o indivíduo não tem como afastar-se do eu. Além dessa posição não ser confortável, cumpre ressaltar que por sofrer

pressões antagônicas, não há definitivos, a instabilidade e a descontinuidade de sentimentos para com o outro como um coletivo e para com um outro específico sempre existirão.

(A) – (Agrado) Olá.

(B) – (repcionista) Entrem. Procuram alguém que eu possa ajudar?

(A) – É. Procuramos a moça que vai à zona. Essa tão bonitinha...

(B) – A irmã Rosa. Está no ateliê. Entrem.

(D) – (aprendiz) Rosa, veja, tem visita.

(E) – (irmã Rosa) Agrado! – O que fizeram com sua cara?

(A) – Nada, uma surra. Ossos do ofício. Podemos conversar?

(E) – Claro! Vamos para o saguão, lá é mais tranqüilo.

(A) – Minha amiga e eu queremos deixar a rua, mas temos que trabalhar em qualquer coisa, mesmo que seja limpando escadas.

(E) – Não tem mesmo outra opção. Ser lixeira ou aprender algo no ateliê de artesanato. Toalhas de mesa, arranjos de flores secas. Sentem-se.

(A) – Acho que prefiro ser lixeira.

(E) – E você? O que sabe fazer? Além da rua.

(F) – (Manuela) Fui cozinheira em um restaurante.

(A) – É quase cirurgia. Olhe só que cara. [mostra seu rosto] Foi ela quem fez. Melhor que Pitanguy. É conterrânea de Lola.

(E) – É mesmo? E sabe algo sobre ela?

(F) – Não a vejo há mais de 18 anos.

- (A) – *Ela esvaziou minha casa.*
- (E) – *Ela esteve aqui. Há uns quatro meses. Nós a ajudamos a se desintoxicar. Cuidei dela durante a crise de abstinência, mas, sabe como é, desapareceu de repente. Gostaria de me despedir dela antes de ir para El Salvador.*
- (A) – *Vai para El Salvador? Talvez eu possa ir também. Sempre pensei que poderia fazer sucesso no terceiro mundo.*
- (E) – *Venha, então. Assim não irei sozinha.*
- (A) – *A rua está cada vez pior, irmã. Além da disputa com as putas, agora as drags nos arrasam. Não aguento as drags. São uns espantalhos. Confundiram circo com travestismo. Com circo, não. Com uma pantomina. Uma mulher é seu cabelo, as unhas, uma boa boca para chupar ou fofocar... vejamos, onde já se viu uma mulher careca? Não as agüento, são uns espantalhos!*
- (E) – *Não deve haver muitas drags em El Salvador. Mas sofrem com a guerrilha*
- (A) – *É mesmo? Eu não sabia.*
- (E) – *Vou substituir umas freiras que foram assassinadas.*
- (A) – *Não sei se uma guerrilha me viria bem neste momento.*
- (E) – *Como você é rude, Agrado.*

As modificações se processam conforme as situações vivenciadas. A vida é sempre incerta e os fins não se esgotam, são produzidos constantemente pela humanidade. Indefinida e circularmente, viver, sobreviver, dar a viver remetem-se um ao outro.

Para Rosset (2008, p. 113), aqueles que temem ver desaparecer o seu reflexo, dão preferência à imagem, que dão uma atenção exacerbada ao outro e ao mesmo tempo não são capazes de se mostrar no seu eu, revelam que [...] A

angústia de ver desaparecer o seu reflexo está então ligado à angústia de saber que se é incapaz de demonstrar a sua existência por si mesmo.

(A) – (mãe de Rosa) Que surpresa!

(B) – (Rosa) Olá, mamãe. Estamos interrompendo?

(A) – Não importa. Você nunca vem aqui.

(B) – Mãe, esta é Manuela.

(D) – (Manuela) Olá, muito prazer.

(A) – Entrem, não fiquem aí na porta.

(B) – Manuela é cozinheira. Como Florinda foi embora, pensei...

(A) – Obrigada, coração. Vicenta e eu nos viramos bem.

(B) – Não sei como. Papai precisa de duas pessoas. Cadê ele?

(A) – Na rua, com o cachorro.

(B) – Sozinhos?

(A) – Sim, claro!

(B) – E se eles se perderem?

(A) – O cachorro sabe voltar, não se preocupe.

(B) – Que pena, eu queria muito vê-los.

(A) – Vamos procurá-los, mas antes vamos conversar. Venha ao escritório.

(A) – Sinto que tenha vindo à toa.

(D) – Não tem importância.

(B) – Mãe, faça um teste com ela. Ela cuidaria do papai. Ela é enfermeira.

(A) – Além de cozinheira?

(B) – *Sim.*

(A) – *Não preciso de ninguém para cuidar dele. Eu faço isso.*

(B) – *Está certíssima. Muito obrigada, vou embora.*

(A) – *Adeus.*

(B) – *Manuela... espere aqui, não demoro.*

(A) – *Como se atreve a trazer uma prostituta?*

(B) – *Não é fácil achar empregados para vocês. Ninguém aguenta vocês.*

(A) – *Mas uma prostituta!*

(B) – *Isso não justifica sua grosseria com ela.*

(A) – *Não gosto que uma estranha me veja falsificando Chagall. É difícil entender? [pintor]*

(B) – *Manuela não é mais prostituta. Abandonou.*

(A) – *Desde quando a conhece?*

(B) – *Desde hoje de manhã.*

(A) – *Hoje de manhã? Você é incrível, Rosa!*

(B) – *Meu trabalho é ajudar as pessoas. Mesmo as que mal conheço.*

(A) – *O meu não é. Não me olhe com essa cara. Não significa que eu seja intolerante. Vou lhe propor um acordo.*

(B) – *Um acordo?*

(A) – *Eu darei uma oportunidade a essa mulher se você não for para El Salvador.*

(B) – *Mãe, não me crie dúvidas, já tenho muitas.*

(A) – *Como não teria dúvidas? Essa viagem é suicídio. Ou melhor, um parricídio.*

(B) – *Bem, vou embora. Manuela está esperando.*

(A) – *Isso! Qualquer prostituta ou salvadoreño... é mais importante que seus pais.*

(B) – *Não começa.*

(A) – *Em vez de ir para El Salvador, deveria ir a um psiquiatra.*

(B) – *Não seria má idéia para nenhuma de nós duas.*

Defender a vida é defender valores que promovem a vida. É olhar-se no espelho e ver que a imagem que se reflete não representa efetivamente o eu. Ele é mais do que se vê, do que se tem, do que se sente, do que se pensa. Há a necessidade de repensar valores que sobrepõem a razão e desconsideram o lado pulsional, afetivo do indivíduo de modo a volta-se para o progresso não só tecnológico mas o bem-estar humano, isto é ser humano em sua humanidade.

Bauman (2007, p. 20) adverte [...] *A desatenção à vida em comum impede a possibilidade de renegociar as condições que tornam líquida a vida individual [...] a infelicidade resultante justifica e vigora a política de vida aut centrada [...].*

A responsabilidade pela vida pessoal e social é comum a todos, indistintamente. Não há como esperar pelo outro e nada fazer, ou ainda, tomar atitudes graças às quais se avalia apenas o bem-estar pessoal. O ato pessoal tem suas consequências, para o bem ou para o mal, não é indiferente para o destino do social. Público e privado estão conectados, não há como se privar ou se proteger das contingências e intempéries que se passam no âmbito público.

(A) – *(irmã Rosa) Eu peço desculpas pela minha mãe, Manuela. Eu sinto muito. Vamos?*

(A) – *Não consigo aguentar minha mãe. Ela me enlouquece. Você tem pais?*

(B) – *(Manuela) Já morreram.*

(A) – *Então, você está sozinha?*

(B) – *Acho que sim. Você está com uma cara péssima.*

(A) – *Não me sinto muito bem. Estou com vontade de vomitar.*

(B) – *Tome! Você foi ao médico?*

(A) – *Não.*

(B) – *Deveria ir. Pode ser uma mera gastrite.*

(A) – *Podemos ir para sua casa até que eu melhore?*

(B) – *Bem...*

(A) – *Você tem casa?*

(B) – *Sim, acabo de alugar uma, mas está sem móveis.*

(B) – *Está tudo meio bagunçado. Eu me mudei há quatro dias.*
Quer se deitar em minha cama?

(A) – *Não, vou me sentar aqui no sofá...*

(B) – *Está bem.*

(A) – *Até melhorar. Vou tirar isso. [casaco]*

(A) – *Quem é esse garoto bonito?*

(B) – *Esteban, meu filho.*

(A) – *Esteban... achei que você era sozinha.*

(B) – *Ele morreu em um acidente.*

(A) – *Eu sinto muito, Manuela.*

(B) – *Não toque no caderno, por favor.*

O senso de compromisso e de responsabilidade deve ser resgatado, independentemente se significa correr riscos. Riscos fazem parte da vida, a ilusão de segurança e de impermeabilidade e invulnerabilidade não impede o acontecimento e a presença de contingências. A virtude da humildade, do

reconhecimento da incompletude, da pobreza e do vazio humano assim como a impossibilidade de comandar os acontecimentos, os demais a seu bel prazer pode fazer que se volte para o que eu valho e não o que sou.

(A) – *(Huma Rojo) Você tem carro?*

(B) – *(Manoela) Não. Aonde gostaria de ir?*

(A) – *Eu não sei. Sabe dirigir?*

(B) – *Sei.*

(A) – *Não comente, mas Nina tem problemas com a heroína. Ela não conhece Barcelona. Você sabe onde se compra?*

(B) – *Não, mas é fácil descobrir.*

(A) – *Obrigada, quem quer que seja. Sempre confiei na bondade de desconhecidos.*

(A) – *Eu não sei dirigir. É Nina quem dirige.*

(A) – *Quer?*

(B) – *Não, obrigada.*

(A) – *Comecei a fumar por culpa de Bette Davis. Para imitá-la, aos 18, eu fumava como um chaminé. Por isso me chamei de Huma.*

(B) – *Huma é um nome muito bonito.*

(A) – *Só tive fumo em minha vida.*

(B) – *Também teve sucesso.*

(A) – *O sucesso não tem sabor nem cheiro. Quando a gente acostuma, é como se não existisse. Aonde será que esta garota foi?*

Serres (2008, p. 57) ao discorrer sobre a história e a tradição afirma que apesar delas nos alimentarem física e moralmente,

[...] só adquirem sentido a partir da releitura que um futuro sustentável faz delas [...] Sem um propósito firme, o passado perde-se no esquecimento; um coletivo sem determinação não sabe mais escrever sua história; sem invenção nem obras contemporâneas viva, uma cultura agoniza. A memória cava nosso túmulo e, sobre essa fundação hermética, o projeto constrói nossa morada.

A constatação de que não sou nada leva a ver a vida como uma graça, um presente: o que foi dado como um agrado deve ser acolhido com compromisso, responsabilidade e humildade. Não se recebe ou se dá um presente apenas por reconhecimento ou agradecimento de algo, mas principalmente por doação.

O doar-se ao outro é o advento do homem novo, que se produz na existência, este também de caráter contingente e imprevisível a ambos. Aceitar correr riscos, se pôr à caminho é desejar. O desejo é combustível da vida, move para o além.

(A) – (Manuela) Quem é?

(B) – (irmã Rosa) É Rosa.

(A) – Rosa...

(B) – Olá, Manuela.

(A) – Como vai você?

(B) – Está sozinha?

(A) – Sim, acabo de levantar. Entre.

(B) – Assim tão tarde?

(A) – Eu saí ontem e fui dormir muito tarde. Quer tomar café?

(B) – Não, obrigada.

(A) – Não está com fome?

(B) – Você voltou para a rua... agora que eu ia lhe propor um jeito de ganhar dinheiro em casa.

(A) – Proponha. Eu não sou prostituta. Me ferraram muito na vida, mas não fui prostituta.

(B) – Por que mentiu?

(A) – Coisas de Agrado. O vestido também era dela. Mas me conte. Como posso conseguir dinheiro... sem sair daqui? Estou morrendo de curiosidade.

(B) – Quanto me cobraria pelo aluguel de um quarto?

(A) – Alugar um quarto? Para quê?

(B) – Vou deixar o centro durante alguns meses.

(A) – E a vigem para El Salvador?

(B) – Não estou me sentindo bem. Não posso viajar assim.

(A) – E para que quer se instalar aqui, se está doente?

(B) – Estou grávida.

(A) – E o que pretende fazer?

(B) – Ter a criança. O que quer que eu faça? Achei que, na sua casa, seria menos escandaloso.

(A) – O pai pode ajudar você, não?

(B) – O pai! Sabe Deus onde estará.

(A) – Mas você deve saber quem é, eu imagino.

(B) – Claro, Manuela. O que pensa que eu sou?

(A) – Desculpe.

(B) – Foi sua conterrânea, Lola.

(A) – *Lola? Lola! Aquela filha da mãe! Lola!*

(B) – *Por que ficou assim, Manuela?*

(A) – *Por que fiquei assim? Está grávida de quanto tempo?*

(B) – *De três meses, acho. Mas estou muito preocupada.*

(A) – *Preocupada? Não me surpreende.*

(B) – *Eu sangrei hoje de manhã.*

(A) – *Você foi ao médico?*

(B) – *Não. Vou amanhã ao Hospital Del Mar. Queria saber se pode ir comigo.*

(A) – *Sim, claro.*

(B) – *Obrigada, e quanto ao aluguel?*

(A) – *Eu lamento. Você não pode ficar aqui.*

7 A civilização e o amor

Para Freud (1996a), a civilização constitui um processo a serviço de Eros, com o propósito de promover a unidade entre os homens, mas o natural instinto agressivo do homem se opõe a esse programa de civilização. Nessa luta entre Eros e a morte (representada pelo instinto agressivo) consiste essencialmente a vida.

Ao considerar que o objetivo primordial da civilização é manter a unidade humana e que o processo de desenvolvimento do indivíduo fundamenta-se no princípio do prazer é necessário fazer uma adaptação para que ocorra a integração entre os seres humanos. A adequação é o produto da interação do egoísmo e do altruísmo.

(A) – *(Manuela) Não mencione o pai.*

(B) – *(irmã Rosa) Por que você não gosta de Lola?*

(A) – *Lola tem a pior parte de um homem... e a pior parte de uma mulher. Eu vou lhe contar uma história. Eu tinha uma amiga que se casou muito jovem. Um ano depois, o marido foi trabalhar em Paris. Ele avisaria quando se estabelecesse. Dois anos se passaram. Ele juntou um dinheiro e montou um bar em Barcelona. Ela veio encontrá-lo aqui. Dois anos não é muito tempo... mas o marido havia mudado.*

(B) – *Ele não a amava mais.*

(A) – *A mudança era mais bem física. Ele colocara um par de seios maiores que os dela. Minha amiga era muito jovem. Estava em um país estrangeiro, não tinha ninguém. Fora o par de peitos, o marido não havia mudado tanto... ela terminou aceitando-o. Nós mulheres fazemos de tudo para não ficarmos sozinhas.*

(B) – *Somos mais tolerantes, mas isso é bom.*

(A) – *Nós somos idiotas. E um pouco lésbicas. Ouça o final da história. Minha amiga e o marido com peitos montaram um barzinho aqui, na Barceloneta. Ele passava o dia todo com um biquíni mínimo, transando com tudo o que aparecia... e fazia um escândalo se ela usava biquíni ou minissaia. O filho da mãe! Como se pode ser machista... com aquele par de peitos!*

Por divergirem em seus objetivos primordiais, pode-se esperar que o progresso de desenvolvimento do indivíduo apresente aspectos próprios dele, que não são produzidos no processo da civilização humana. Freud (1996a, p. 143) conclui: [...] *É apenas na medida em que está em união com a comunidade como objetivo seu, que o primeiro desses processos precisa coincidir com o segundo.*

Por os juízos de valor do homem acompanharem diretamente seus desejos de felicidade, torna-se necessário uma cultura que perpassse o grupo e o indivíduo. Para Cyrulnik (2009, p. 184), [...] *Quando o mundo é cruel, é a força de um corpo que possibilita enfrentá-lo, mas, quando a cultura o suaviza, é a bondade de uma alma que ajuda a se socializar.*

(Manuela) – Tem de contar para sua mãe, Rosa. Precisa de alguém para cuidar de você. Eu arrumei um emprego ontem. Estarei ocupada o dia todo. Rosa! Você está me pedindo que seja sua mãe e não tem direito! Você tem mãe, mesmo que não goste dela. Não se escolhem os pais! São quem são! Meu Deus!!! Não faça chantagem emocional, por favor.

Há necessidade de construir pontes. Elas servem para unir lados opostos, transpor abismos e possibilitam o movimento de ir e vir. Pontes nas formas de cognição, pontes entre os homens, para que durante a travessia, no movimento de ir e vir e pelos encontros que se fizerem durante o caminho, propiciem mudanças aos envolvidos e aos seus.

Nesse sentido, Serres (2008, p. 128) muito contribui quando afirma que [...] *Formato e novidade, morte e novidade caracterizam a natureza tanto quanto nossas culturas*, que buscar o novo faz parte da história humana e da civilização. Não significa esquecer, excluir, eliminar o vivido, o existente, mas, a partir de onde se está, manter o desejo e a abertura de ser no mesmo um outro que está por vir.

(A) – (Huma Rojo) Cadê a Nina? Não estava com você?

(B) – (Manuela) Deixei-a em casa, na cama.

(A) – Na cama?

- (D) – *(diretor) O que ela tem?*
- (B) – *O jantar deve ter caído mal. Estava péssima de manhã.*
- (A) – *Por que não me disse quando telefonei?*
- (B) – *Não queríamos que ficasse nervosa na gravação.*
- (D) – *O médico a examinou?*
- (B) – *Claro. Está com gastroenterite. Dei remédio como ele mandou. Amanhã estará melhor.*
- (D) – *Então, vamos cancelar?*
- (B) – *Gostaria de falar com Huma, por favor.*
- (A) – *Isso. Espere lá fora.*
- (D) – *Cinco minutos!*
- (A) – *Está bem!*
- (A) – *Diga a verdade!*
- (B) – *Está drogada até as orelhas. Não pode nem falar. Saiu logo depois de você. Não sabia que eu iria para a sua casa. Achou que eu ficaria com você.*
- (A) – *E o que podemos fazer agora?*
- (B) – *Se não tem medo de ter um infarto, posso substituí-la.*
- (A) – *O quê?*
- (B) – *Eu sei o papel de cor, de ouvir pelos alto-falantes.*
- (A) – *Mas você sabe atuar?*
- (B) – *Sei mentir muito bem. E estou acostumada a improvisar.*
- (A) – *Isso eu já vi.*
- (B) – *Meu filho dizia que eu era ótima atriz.*
- (A) – *Nem sabia que você tinha um filho.*

8 O amor

Cyrułnik (2009, p. 107) ressalta: [...] *A aptidão empática necessita de um cérebro capaz de descontextualizar uma informação e perceber um indício que orienta para algo que não é percebido [...], porém, existem graus diferentes de empatia.*

Não querer se abrir para o amor, colocar a razão sempre em primeiro lugar e impedir a ação do espírito é negar viver a completude da natureza humana. Querer racionalizar de modo a prevenir a vulnerabilidade, o risco, a dor, o sofrimento é também uma forma de não conhecer a alegria dos recomeços, o bem-estar de fazer alguém feliz, o conforto de um ombro amigo, o prazer da partilha.

(A) – (Stanley) *Felicidades, Blanche. Seu presente de aniversário.*

(B) – (Blanche) *Obrigada, Stanley. Não precisava se incomodar.*

(A) – *Espero que você goste.*

(B) – *Mas é uma... uma passagem. Uma passagem de volta para terça-feira.*

(B) – Stanley. *É uma indireta para eu ir embora?*

(A) – *O que você acha?*

(D) – (Stela) *Blanche! Blanche! Blanche!!*

(D) – *Por que fez isso com ela? Por quê?*

(A) – *Estou cansado de seus insultos! Estou cansado de ver vocês cochichando na minha cara!*

(D) – *Não vá embora, por favor, não vá embora!*

(A) – *Solte-me! Rasgou minha camisa!*

(D) – *Que bruto!*

(A) – *Bruto? Já era assim quando nos conhecemos. Minha brutalidade nunca foi problema para você. Um dia, você me mostrou a foto de sua casa. Uma mansão maravilhosa, cheia de colunas. Tirei você dessas colunas e lhe ensinei a ser feliz. E nós rimos e fomos felizes juntos. Até sua irmã Blanche aparecer.*

(A) – *Stella, o que você tem?*

(D) – *Leve-me para o hospital, por favor.*

(A) – *Stela...*

Cyrulnik (2009, p. 116) observa [...] *é o apaziguamento de um sofrimento que aumenta o apego e não a satisfação de um prazer [...] um ser vivo que não sofre nem dor física nem a tristeza de uma falta não tem nenhum motivo para se apegar.*

A tristeza ou a alegria da realidade também depende da apreensão e concepção de vida do indivíduo. Cada vida é única e depende unicamente de cada ser optar pela vida ou pela morte. Pela luz ou pelas trevas.

Ter ou não ter esperança depende unicamente de cada ser. A esperança é própria do homem que aceita que não há permanentes e por isso acredita que os problemas do mesmo modo que vieram, vão embora... sem alarde. Em contrapartida, o entregar-se ao desespero é próprio do homem submisso, que perdeu a vontade, perdeu a esperança e conseqüentemente perdeu a vida.

Quando se opta pela vida, opta-se também por ser luz na vida dos demais; luz reflete luz, as trevas não; elas representam o nada, o vazio irrepresentável. Ser luz é exercitar a capacidade de amar a si próprio e ao outro.

(A) – *(Manuela) Rosa.*

(B) – *(irmã Rosa) Olá, Manuela. Parabéns por ontem à noite. Disseram-me que você esteve ótima.*

(A) – *Não imagina. Pena você não ter vindo.*

(B) – *Eu me sentia péssima. Agrado me ligou para contar.*

(A) – *Deve ter ligado para meia Barcelona. E você? Está fazendo tudo o que o médico mandou?*

(B) – *Acabo de vê-lo.*

(A) – *E então?*

(B) – *Fui buscar os exames.*

(A) – *Esqueci que era hoje.*

(B) – *Sou soropositivo.*

(A) – *Vamos repetir os exames. Mas como pode ter transado com Lofa? Não sabe que ela se pica há 15 anos? Em que mundo você acha que vive, Rosa? Em que mundo?*

(B) – *Eu não sei.*

(A) – *Falou com sua mãe?*

(B) – *Não...*

(A) – *Com suas companheiras?*

(B) – *Também não.*

(A) – *Vamos buscar suas coisas agora e você se instala aqui.*

(B) – *Obrigada.*

Leloup (2008, p. 18), em *Deus não existe*, esclarece que a palavra Deus vem do latim dies que quer dizer dia – claridade – luz. Luz é aquilo que não vemos mas que nos permite ver e quanto mais pura ela se apresentar, mais transparente será e não se consegue ver. Ser luz é participar do Ser, ao sujeito cabe essa decisão [...] *Só conhecemos Deus através da ‘participação’: sendo,*

participamos do Ser (YHWH ^[5]); sendo inteligentes, participamos do Ser que é Inteligência, Informação criadora (Logos); amando, participamos do Ser, que é Amor não condicionado (Ágape).

O ser humano que encontra a paz, a plenitude do SER é aquele que mantém aceso o desejo, o desejo de ser desejado e o desejo de desejar o outro, assim como ele se apresenta, sem necessidade de transformá-lo em objeto de suas necessidades, é aceitá-lo, querê-lo e desejá-lo em sua totalidade, ou mesmo por aquilo que não é.

Desenvolver a arte de amar o outro em sua alteridade é manter o olhar na horizontal; unidos no e pelo horizonte; iguais na natureza humana. Essa tomada de consciência da condição humana pode tanto promover ou não o encontro com o que efetivamente é – eu sou. Independente do que cada indivíduo vai fazer após constatar a igualdade universal em sua natureza, o conhecimento carrega a esperança de frutificar.

(A) – (Huma Rojo) Manuela, acho que você nos deve uma explicação.

(B) – (Manuela) Um bonde chamado desejo marcou minha vida. Há 20 anos interpretei Stella com um grupo amador. Lá, conheci meu marido. Ele interpretava Kowalski. Há dois meses vi sua versão em Madrid. Fui com meu filho. Era a noite do aniversário dele. Embora chovesse muito, esperamos vocês na rua... porque ele queria um autógrafo seu, Huma. Era uma loucura esperar sob a chuva. Mas, como era seu aniversário, não disse que não. Vocês duas entraram em um táxi e ele correu atrás. Um carro que vinha por lá o atropelou. E o matou. Essa é a explicação. Essa é a explicação, Huma.

⁵ Tetragrama impronunciável que designa Deus (LELOUP, 2008, p. 17).

Ao indivíduo cabe-lhe o livre arbítrio, mas como a esperança é a certeza a respeito daquilo que não se vê, acredita-se que, perante a tantas tribulações vividas ao longo do tempo e ao mal-estar individual promovido na sociedade atual, como a depressão, o *stress*, a insegurança além do fato de o progresso nos mais diversos âmbitos do conhecimento científico e tecnológico alcançado não ter necessariamente produzido o progresso humano, acredita-se que a tomada de consciência possa promover um outro modo de conectar progresso social e progresso humano.

(A) – *(Huma Rojo) Não dormi a noite inteira, pensando no seu filho. Lembro-me perfeitamente do rosto dele sob a chuva com o caderno na mão. Parece que o vejo agora.*

(B) – *(Manuela) Não quero falar de meu filho. Não posso.*

(A) – *Entendo. Além de pedir perdão, Nina e eu queríamos que voltasse.*

(B) – *Rosa está doente. Precisa de alguém que cuide dela o dia todo. Não posso deixá-la, lamento.*

(A) – *Não sei o que fazer, Manuela.*

(B) – *Por que não põe Nina em uma clínica?*

(A) – *Se não cumprimos o contrato, a companhia nos processará.*

(B) – *Encontre uma substituta... e cumpra seu contrato com a companhia.*

(A) – *Sem Nina, não posso fazer a peça. Ela é viciada em heroína, e eu sou viciada nela.*

Se não há permanentes, se tudo é relativo, se tudo depende do modo como se desenvolve o olhar, está na hora de desenvolver juntamente com o olhar objetivo, voltado à sociedade, um outro olhar que aborde a subjetividade, voltado

ao indivíduo que na somatória de eu + eu+ eu (eu + tu +ele) = nós (coletivo-sociedade).

(A) – (Agrado) *Vocês têm de me dizer o que está havendo aqui.*

Nem que eu fosse uma desconhecida.

(B) – (irmã Rosa) *Amanhã eu conto.*

(D) – (Manuela) *Não diga nada. Ela não sabe manter a boca fechada.*

(A) – *Sei muito bem manter a boca fechada. Não segui o rolo de vocês, para que ela não percebesse nada? Sou um modelo de discrição. Até quando estou traçando um pau sou discreta. Já chupei muitos em lugares públicos e ninguém, além do interessado, percebeu!*

(E) – (Huma Rojo) *Faz muito tempo que não chupo um pau!*

(B) – *Eu adoro a palavra pau! E caralho!*

(E) – *Eu tenho que ir embora.*

(D) – *Você está bem?*

(E) – *Melhor do que nunca.*

(D) – *Agrado, acompanhe-a até um táxi.*

(E) – *Quase ia esquecendo. Isto é para você.*

(D) – *Obrigada.*

(E) – *Bem meninas, adeus.*

(D) – *Até logo.*

Ao homem cabe vencer o mal (instintos agressivos) com o bem (caridade). Justamente por isso, acredita-se que quando o homem descobrir verdadeiramente a sua identidade branca – eu sou, sentir-se-á responsável pelo

que acontece ao outro, não mais Ihe será in-diferente. Não dá para ser feliz sozinho.

(A) – (Huma Rojo) Que duas irmãs tão diferentes, não?

(B) – (Agrado) Mas elas são irmãs?

(A) – Foi o que Manuela disse.

(B) – Se ela diz...

(A) – Acho que vocês são meio enroladoras.

(B) – É preciso entender o nosso jeito.

(A) – Ouça, você sabe dirigir?

(B) – Sei. Quando eu era jovem, fui caminhoneiro.

(A) – É mesmo?

(B) – Em Paris, antes de pôr os seios. Depois, deixei o caminhão e virei prostituta.

(A) – Que interessante!

(B) – Muito.

9 Características do amor

O sentimento – amor caracteriza-se por ser um sentimento de doação, que não espera recompensa, reconhecimento, é pura entrega, não tem orgulho, não guarda rancor. É desejar o outro na sua plenitude, na sua diferença, na adversidade, pelo fato de desejar a vida a todos, indistintamente. Reconhecer-se no semelhante, não significa necessariamente reconhecer-se em pontos de semelhança, mas reconhecer-se na incompletude, nas limitações.

(A) – (Nina) Importa-se de me deixar sozinha?

(B) – *(Agrado) Para quê? Para tomar sua heroína? Não pode esperar até o fim?*

(A) – *Se sabe, para que pergunta?*

(B) – *Se quiser que eu não diga nada a Huma, fume no banheiro, onde eu não veja. Não tenho por que ver isso.*

(A) – *Certo. Vigie essa porta.*

(B) – *Já sei que, quando se é jovem... bem, você também não é nenhuma criança... essas coisas não têm valor. Você é bonitinha, bem proporcionada... pequenina, mais bonita. Você emagreceu... bem, com todas essas drogas... mas o importante é que emagreceu... tem talento, meio limitado, mas tem seu talento... e, principalmente, uma mulher que ama você. E você troca tudo pela heroína. Você acha que compensa? Pois não compensa. Não compensa.*

O amor não se funda na relação: dar e receber, mas na entrega sem concupiscência. A alegria encontra-se na doação, não há necessidade de troca. Em ICorintios 13,⁶ Paulo ⁷ diz que o amor é paciente, tudo suporta, tudo crê, tudo espera, não busca seus próprios interesses, não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade.

A esperança brota do amor, assim como a caridade, a fraternidade. Por meio dele pode-se acreditar que vale à pena buscar algo além do que se vê. Por isto a expressão “o amor é cego”, cegueira física é uma outra característica do amor, porque ele não busca as aparências, não se preocupa com o que os olhos veem, mas o que é invisível aos olhos, é o ser interior, aquele que os olhos, as mãos não alcançam.

Quando se fecham os olhos para as aparências, quando se atém ao rosto para se escolher se vale ou não a pena, não se faz referência ao verdadeiro

⁶ Sagrada Escritura.

⁷ Apóstolo de Jesus Cristo.

amor. O objeto do amor verdadeiro não tem rosto, não tem bens, ele simplesmente é. Quando o procura na aparência, ele aos pouco desaparece, porque a aparência é transitória, passageira, uma ilusão. A afetividade é aquilo que nos cega e nos ilumina simultaneamente.

O ser que ama regozija-se no ato de amar, encontra a paz que excede o exterior. As tempestades provocadas por ele não o afligem a ponto de desmerecê-lo, mas fortalecem-no, porque a esperança não morre, ela renasce a cada instante. Por ele pode-se reconciliar a natureza e o homem, o mundo e o espírito.

(A) – (irmã Rosa) Vou chamá-lo de Esteban.

(B) – (Manuela) O seu filho? E por quê?

(A) – Por causa do seu. Esse bebê vai ser de nós duas.

(B) – Quem dera. Se pudéssemos estar sozinhas no mundo, sem compromissos. Você e seu filho só para mim. Mas você tem família, Rosa. Vou pentear e maquiar você um pouco.

(B) – Para quê?

(A) – Gosto de ver você bonita. E telefonei para sua mãe. Ela vem ver você hoje.

(B) – Minha mãe?

(A) – Você tem uma mãe. Não se lembra mais?

(B) – O que digo a ela?

(A) – Que você a ama. Eu sei lá.

Para Morin (1996, p. 53), [...] no sentimento do amor, está a idéia de que o outro restitui a nós mesmos a plenitude de nossa própria alma, permanecendo totalmente diferente de nós mesmos. E nós mesmos, ainda sendo outro [...].

Desmerecer o amor não é ser sábio, e sim, insensato. Mesmo na loucura que é o amor, há a sabedoria do amor. Ele tem seu próprio fundamento, ele aceita conviver com os desafios, com as injúrias, com o descaso, nem por isso deixa se abater. O amor basta a si mesmo.

10 Amar e ser amado

É inerente ao ser humano querer ser amado; muitos por não sentirem-se amados chegam a cometer suicídios, a fazer uso de psicotrópicos, drogas, e acreditam que não vale a pena viver. Saber que se é aceito da forma como se é, não se sentir sequestrado por quem o ama é uma sensação de realização.

(A) – (Agrado) Chamam-me de Agrado porque, a vida inteira, só pretendi... tornar a vida dos outros agradável. Além de ser agradável, sou muito autêntica. Olhem só que corpo! Tudo feito sob medida. Olhos amendoados: 80 mil. Nariz: 200 mil jogadas no lixo, no ano seguinte ficou assim depois de outra surra. Sei que me dá personalidade, mas, se soubesse antes, não mexeria nele. Vou continuar. Peitos: dois, porque não sou nenhum monstro. 70 mil cada... mas eles já estão superamortizados. Silicone em...

(B) – (platéia) Onde?

(A) – Lábios, testa, maçãs do rosto, quadris e bunda. O litro custa umas cem mil. Calculem vocês, porque eu já perdi as contas. Redução da mandíbula: 75 mil. Depilação definitiva a laser. As mulheres também vêm dos macacos. Até mais do que os homens. 60 mil por sessão. Dependê da cabeluda que se é. O normal é entre duas e quatro sessões. Mas, se é uma diva do Flamenco, precisará de mais, claro. Bem, como eu estava contando... sai muito caro ser

autêntica. E, nestas coisas, não se deve ser avarenta. Porque nós ficamos mais autênticas quanto mais nós nos parecemos... com o que sonhamos que somos.

O sentir-se amado realiza, preenche o ser humano, mas apenas quando se está aberto para se amar realmente é que se conhece o amor. Ser amado é bom, é ser reconhecido e aceito pelo outro, é saber que ele conseguiu enxergar além de nós mesmos, mas, quando se é capaz de ver aquém das aparências e ver além do que o outro aparenta e sente-se movido a doar-se, esse é o amor que promove.

Sentir-se amado pode tanto ser fonte de poder, de arrogância, como pode ser fonte de agradecimento, de humildade, de respeito por quem se é amado, mas no ato de amar ocorre a transcendência. O eu se dá ao outro; o outro assume um lugar em sua vida igual ao eu – relação horizontal. Transcendência dos limites do eu egoísta, narcísico.

(A) – (irmã Rosa) Espero que o terceiro Esteban seja o definitivo para você.

(B) – (Manuela) O terceiro Esteban?

(A) – Lola foi o primeiro. E seu filho, o segundo.

(B) – Você sabia que Lola era o pai de meu filho.

(A) – Claro, não é preciso ser muito esperta.

(B) – Lola não sabe que tivemos um filho. Eu nunca contei.

(A) – E seu filho, sabia?

(B) – Também não. Não falemos de coisas tristes, hoje é um grande dia. Colocaram Videla na prisão, e seu filho vai nascer.

(A) – Prometa-me uma coisa.

(B) – *Diga-me.*

(A) – *Se acontecer algo...*

(B) – *O que vai acontecer?*

(A) – *Prometa não esconder nada do menino.*

(B) – *Não preciso prometer, poderá contar tudo o que quiser, você mesma.*

(A) – *Prometa-me.*

(B) – *Se isso deixa você mais calma...*

(A) – *Está bem. Eu prometo.*

Lévinas (2008, p. 31) afirma [...] *Não é porque Outrem é novidade que ‘surge’ uma relação de transcendência; mas é porque a responsabilidade por Outrem é transcendência que pode surgir algo de novo sob o sol.*

Ao ser humano não há possibilidade de esquivar-se do outro por completo, e justamente por carregar esta marca de unicidade, por mais que se procure conhecê-lo em sua completude, não há essa inteligibilidade. Do mesmo modo é com o amor, não é possível conhecer o outro nem tão pouco desvelá-lo por completo para amá-lo. À medida que se separa, que se afasta do eu, que se aproxima do outro e se torna responsável por ele, desenvolve-se o amor fraterno, o amor caridade. Eis-me aqui.

(A) – *(Lola) Manuela fico feliz de ver você. É uma pena que seja aqui.*

(B) – *(Manuela) Não poderia ser em outro lugar. Você não é um ser humano Lola. Você é uma epidemia.*

(A) – *Sempre fui excessiva, e estou muito cansada. Manuela, estou morrendo. Venha.*

(A) – *Estou me despedindo de tudo. Roubei Agrado para pagar a viagem à Argentina. Queria ver nossa cidade pela última vez... o rio... nossa rua... e fico feliz de também poder me despedir de você. Só me falta conhecer o filho da irmã Rosa. O meu filho. Sempre sonhei em ter um filho. Você sabe disso.*

(B) – *Quando parti de Barcelona, estava grávida de você.*

(B) – *O quê?*

(A) – *Quer dizer que você também... você o teve?*

(B) – *Um menino lindíssimo.*

(A) – *Eu quero vê-lo. Você o trouxe com você?*

(B) – *Está em Madrid, mas não pode vê-lo.*

(A) – *Mesmo que seja de longe. Prometo que ele não me verá. É a última coisa que lhe peço.*

(B) – *Não pode vê-lo.*

(A) – *Manuela, por favor.*

(B) – *Há seis meses, um carro o atropelou... e o matou. Eu vim a Barcelona só para contar a você. Eu lamento.*

11 Formato e novidade

Para a existência do formato, a novidade tem que existir, e vice-versa, um inexistente sem o outro. Para ser novo precisa existir um velho, contudo não necessariamente o velho precisa morrer, ser esquecido, mas dar espaço ao novo e ocupar o seu lugar na história. Sua participação, sua existência continua na mente, nas lembranças, bem como sua relevância em determinado momento. Assim como o tempo, o passado já se foi, o futuro ainda não chegou, o que se vive é o hoje.

As respostas de ontem podem não ser adequadas ao tempo de hoje e não adianta lutar contra a realidade. Na vida há necessidade de aceitar e conviver com o hoje de modo tal que a esperança por um futuro melhor possa se manter. O passado não retorna, ele serve de experiência, de referência e compõe a história. Para Serres (2008, p. 209), a Grande Narrativa [...] conecta a história ao tempo e aos acontecimentos contingentes do Universo [...].

(A) – (Manuela) Olá, Lola. Pegue ele no colo. Devagar, devagar...

(B) – (Lola) O que o médico lhe disse?

(A) – Que está muito bem. Você o vê aí, normal. Você está com o seu papai.

(B) – Posso lhe dar um beijo?

(A) – Claro, mulher.

(B) – Meu filho, lamento deixar uma herança tão ruim.

(A) – Não diga isso. O menino está ótimo. Não há motivos para desenvolver a doença. Passe-o para mim.

(A) – Este é o nosso Esteban.

(B) – Você também o batizou de Esteban?

(A) – Batizei.

(B) – Obrigada.

(A) – Ele queria ser escritor. Este é seu caderno de notas. Ia com ele a todo lugar. Escreveu isto na manhã do dia em que morreu. Leia.

Ontem à noite, mamãe me mostrou uma foto. Faltava a metade. Não quis dizer a ela... mas, na minha vida, falta essa mesma metade.

(A) – Continue lendo...

Hoje de manhã, mexi em suas gavetas e encontrei algumas fotos. Em todas elas, faltava a metade, meu pai, eu imagino. Eu quero conhecê-lo. Tenho de fazer mamãe entender que não importa quem ele é... nem como ele é, nem como se comportou com ela. Ela não pode me negar esse direito.

(A) – Fique com a foto.

(B) – Obrigada, Manuela.

Ficar preso ao formato é a morte; a vida é novidade. A vida pode ser um jardim imperfeito, de acordo com Todorov (2005), mas nem por isso ela deixa de ser um. Jardim é um terreno onde se cultiva diversidade de plantas; elas têm o seu tempo para brotar, tempo para secar e novamente brotar, mas isso não significa necessariamente a morte da planta, a raiz (se bem cuidada) se mantém, o que secam são as flores, os galhos para dar espaço a outros mais viçosos. Este é um ciclo ininterrupto, enquanto existir vida.

Assim é a vida humana, assim é a cultura, é impossível elas manterem-se sempre as mesmas, mas nem por isso inexistem ou morrem, a não ser se não forem cultivadas para que possam florescer no seu tempo. O jardim é este local da diversidade de plantas e da diversidade de necessidades de cada um, do amadurecimento temporal, singular. Nem todas florescem ao mesmo tempo, mas cada qual tem sua beleza particular e o seu tempo se reproduzir.

(A) – (Manuela) Olá, Rosa.

(B) – (Rosa-mãe da irmã Rosa) Não gosto que qualquer um beije o menino. Quem era essa mulher do bar?

(A) – Essa mulher era o pai dele.

(B) – O que você disse?

(A) – É o pai dele e está muito doente.

(B) – É o monstro que matou minha filha.

(A) – Não pense nisso, Rosa.

Para se referir ao sujeito, é necessário referir-se ao mundo externo, do mesmo modo no jardim, para referir-se a uma planta em particular deste jardim é necessário referir-se às demais com as quais elas compartilham o espaço. Exclusão e inclusão, ambas são necessárias na definição do eu; Indivíduo, sociedade, cosmos encontram-se conectados na totalidade inatingível da vida.

Queridas Agrado e Huma. Vou fugir mais uma vez, sem me despedir. E você gosta tanto de despedidas, Agrado. A situação com os pais de Rosa é insuportável. A avó acha que o menino vai infectá-la com um arranhão. Levarei Esteban para um lugar onde ele não tenha tanta hostilidade. Agrado, você sabe como amo você. Cuide-se muito e cuide de Huma. Lamento não assistir a estréia, mas com certeza terão muito sucesso... com a homenagem a Lorca. Eu escreverei... mas, por enquanto, é melhor que não saibam de mais nada. Ah, rasgue esta carta. Sua Manuela.

12 Ética do amor?

Impossível falar da ética do amor. O amor desconhece regras, normas, medida ou limites, a ele tudo é possível. Como diz o ditado popular: “O amor move montanhas”, ele cria pontes nos lugares mais longínquos, caminha em desertos, e suporta a dor com alegria. O amor transcende o eu.

[Manuela] Estou voltando para Barcelona depois de dois anos. Mas, desta vez, não estou fugindo. Venho a um Congresso sobre Aids organizado por Can Ruti. Meu Esteban negativizou o vírus

em um tempo recorde... e querem investigá-lo. Estou muito contente.

(A) – (Huma Rojo) Que maravilha a história de teu filho. Negativizou o vírus assim, de um dia para o outro.

(B) – (Manuela) O caso de Esteban demonstra que o vírus pode desaparecer. Ainda não se sabe como. Estão investigando, mas é um milagre.

(D) – (Agrado) Eu sabia. Eu rezei tanto por este menino.

(A) – Onde vocês vão ficar em Barcelona? Por que não fica conosco?

(D) – Claro, Manolita!

(A) – Vamos ficar na casa dos avós. A mãe de Rosa está ansiosa por isso. Essa mulher mudou tanto, tanto!

O homem entregue a si mesmo, mostra sua fraqueza, a fraqueza de não se achar capaz de superar as perdas, as dificuldades, as provações que se apresentam no convívio com o outro, mas também na fraqueza ele pode tornar-se forte.

Na aceitação da fragilidade da própria vida, correr o risco de sofrer amando é resilir, é buscar o novo, o indecifrável, o enigmático... como a vida. É acreditar que o impossível acontece.

“Quando o amor vos chamar, segui-o,
embora seus caminhos sejam agrestes e escarpados; e quando ele vos envolver com
suas asas, cedei-lhe,
embora a espada oculta na plumagem possa ferir-vos; e quando ele vos falar, acreditai
nele,
embora sua voz possa despedaçar vossos sonhos como o vento devasta o jardim.
Pois da mesma forma que o amor vos coroa, assim ele vos crucifica. E da mesma forma
que ele contribui para vosso crescimento, trabalha para vossa poda.

E da mesma forma que ele sobe à vossa altura e acaricia vossos ramos mais tenros que se embalam ao sol,

Assim também desce até vossas raízes e as sacode no seu apego à terra.

Como feixes de trigo, ele vos aperta junto ao seu coração.

Ele vos debulha para expor a vossa nudez.

Ele vos peneira para libertar-vos das palhas.

Ele vos mói até a extrema brancura.

Ele vos amassa até que vos torneis maleáveis.

Então, ele vos leva ao fogo sagrado e vos transforma no pão místico do banquete divino.

Todas essas coisas, o amor operará em vós para que conheçais os segredos de vossos corações e, com esse conhecimento, vos converteis no pão místico do banquete divino.”

(Gibran Khalil Gibran)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento debaixo dos céus:

*“Tempo para nascer,
e tempo para morrer;
tempo para plantar,
e tempo para arrancar
o que foi plantado;
tempo para matar,
e tempo para sarar;
tempo para demolir,
e tempo para construir;
tempo para chorar,
e tempo para rir;
tempo para gemer,
e tempo para dançar;
tempo para atirar pedras,
e tempo para ajuntá-las;
tempo para dar abraços,
e tempo para apartar-se;
tempo para procurar,
e tempo para perder;
tempo para guardar,
e tempo para jogar fora;
tempo para rasgar,
e tempo para costurar;
tempo para calar,
e tempo para falar;
tempo para amar,
e tempo para odiar;
tempo para a guerra,
e tempo para a paz.
(Eclesiaste 3, 1-8)*

Neste momento não se propõe fazer uma conclusão, mas apresentar um olhar possível dentro de uma linha que se propôs seguir de pensamento e de interlocução entre o ser humano a identidade pertencimento à cultura propagada e à subjetividade do indivíduo na sociedade contemporânea.

Assim como o período de nascimento e morte do ser humano, a civilização apresenta períodos de intempéries e calmarias, tristeza e alegria, destruição e construção, ela desconhece a estabilidade e a segurança. A vida em sociedade é sempre um porvir. Sociedade e indivíduo têm uma relação dialética e o resultado dessa relação é imprevisível.

Se na sociedade contemporânea presencia-se um momento de desconstrução, de desordem, isso não significa necessariamente a impossibilidade de uma ordem, mas pode significar o esgotamento, o definhamento, a morte da velha organização, e um nascimento de um outro modo de vida. Se por um lado a morte pode promover o luto, por outro lado também pode trazer a esperança e novos sonhos.

Se, aparentemente, o caos se instalou e não restam saídas para o sujeito que é premido pelas circunstâncias externas e exteriores ao seu ser singular e particular, se os excessos forem retirados, encontra-se um tesouro, indestrutível. Mesmo que a ferrugem do tempo o tenha alcançado, mesmo com as intempéries e tribulações que se fizeram e se fazem presentes em sua história de vida, o tesouro lá permanece.

Valorizá-lo ou não depende unicamente de cada indivíduo, ele lhe pertence por um breve período (nascimento e morte) e não retorna, mas pode deixar marcas por toda a existência humana, assim como uma música; este tesouro é a vida.

Se a vida na sociedade líquida é uma vida em sursis, marcada pela fragilidade e a incerteza, características da condição humana, elas divergem entre si quanto à necessidade do outro, da presença do outro para o seu crescimento e pela sua própria existência.

Enquanto aceitar os riscos na sociedade líquida é prova de caráter, aceitar os riscos da vida humana é reconhecer sua fragilidade, é tomar posse de

sua vida, é voltar-se para o empreendimento coletivo, é estabelecer laços. É impossível ao ser humano viver sozinho, sem laços, em constante fluidez, transitoriedade, eliminando os companheiros de caminhada, seja familiar, profissional, etc., como se nada significassem. Esse procedimento impossibilita a construção de uma história, nega-se o passado, apenas considera-se o presente.

Para se fazer história é necessário um passado, no presente vivencia-se a soma do que se viveu, não o início de uma outra vida. Possuir uma subjetividade que sofre alterações constantemente é uma coisa, mas negar a história e a interferência das relações vividas é negar-se a si mesmo.

Os homens são essencialmente natureza e cultura, mas também são razão e emoção, objetividade e subjetividade, mente e espírito, não há como desconsiderar essa realidade. Com vistas a contribuir para um desenvolvimento pleno do ser humano bem como para o desenvolvimento de uma sociedade onde se promova a vida com equidade, faz-se premente buscar a compreensão do ser humano em sua plenitude. Indivíduo e sociedade; ser humano e mundo interagem e se alimentam reciprocamente. Essa relação é indissolúvel.

A vida humana não é apenas razão, mas é também emoção, impossível é ser humano sem considerá-la; considerar o ser humano apenas razão é negar sua vulnerabilidade e sua permeabilidade. A vida é uma incógnita, um mistério encantador, viver cada dia por si mesmo, viver um dia de cada vez é valorizar cada minuto como se fosse o último, porque de certa forma o é, não há retorno, não há como voltar para tirar a limpo.

O indivíduo quando se liberta dos pertencimentos, quando se despe das representações e dos excessos, torna-se livre para simbolizar a vida sobre outros alicerces e se autoconhecer. Apenas quando o sujeito se possui é que se encontra totalmente livre para disponibilizar-se.

Na fragilidade do ser humano pode residir a força necessária de renovação; quando se reconhece a fragilidade, encontra-se a força. Não é forte aquele que vê apenas a imagem, mas sim aquele que não necessita da imagem para enxergar; a imagem é uma representação.

Se a sociedade líquida apresenta a liquidez, a fluidez como valor de ordem, eles não necessariamente têm de produzir um único sintoma – o mal-estar -, mas pode propiciar uma forma do ser humano voltar a refletir sobre quem realmente é e o que busca. A sociedade, a cultura é exterior ao indivíduo singular, mas não ao indivíduo social; ambas determinam e são determinadas por ele. É um ciclo ininterrupto.

A cultura é regeneradora, ela altera-se à medida que as transformações sociais ocorrem e considera as relações entre os homens. Eagleton (2005, p. 143), observa [...] *A cultura é o ‘suplemento’ que tampa um buraco no cerne de nossa natureza e nossas necessidades materiais são então remodeladas em seus termos.* Em sociedade se vivencia uma cultura, assim como uma política, uma economia, e o fundamento dessas instâncias sociais deve ser a de valorização e promoção da vida humana.

Os valores relevantes na sociedade contemporânea são os valores políticos voltados para os interesses políticos. Quando a política, ao invés de legitimar os valores culturais, assume o papel de definir e impor valores, desconsidera-se a vida humana, que fica desprovida de valor porque a cultura relaciona saber e existência, ela, além de ser aquilo que se vive, é também aquilo para o que se vive.

O indivíduo precisa conhecer sua potencialidade de ser humano. Ao indivíduo cabe, enquanto processo de subjetivação, o conhecimento da potência de ser e da potência de não ser. Para a promoção de um novo paradigma faz-se necessário que se eliminem os valores de superioridade humana, o espírito de perversidade, e que ocorra o descentramento do sujeito.

Contrariamente ao ser humano solitário, o ser humano solidário transcende seus interesses próprios e volta-se para os companheiros de caminhada, ele busca viver e não apenas sobreviver, reconhece a si mesmo na existência do outro e por isso assume a responsabilidade com a vida.

O amor não é apenas romantismo, é também intencional, é compromisso, é, enfim, uma decisão racional. Decidir-se pelo amor verdadeiro é abrir-se para a vida, abrir-se para o outro, incondicional e independentemente do que ele

representa na sociedade, do que faz e de como vive. Ao amor não cabe condição, não se ama apenas se, mas se ama e ponto final.

Religar os diversos saberes para refletir a subjetividade na sociedade contemporânea como forma de indagar a humanidade do ser humano é o caminho proposto neste momento como contribuição para reduzir o mal-estar da atualidade. Se não há como se prevenir dos acontecimentos, não há como considerar um dado conhecimento como intransponível, acabado; ele está sujeito a inovações, a novos olhares.

O destino do ser humano, assim como o cinema é uma obra-aberta, inacabada, cria brechas e dissipações, para o sujeito se colocar. Nos filmes apresentados ao longo da tese – **O Corte**, **Clube da Luta**, **Uma Vida sem limites** e **Tudo sobre minha mãe** – tornar-se possível assumir como enfatiza Carvalho (2008, p. 35), em relação ao cinema, [...] *de vez que nossa dimensão existencial é simultaneamente rubricada pelo tempo e pelo espaço reais e imaginários, locais e universais.*

Riviera (2008), ao divergir sobre as imagens que o filme viabiliza diz que viver um acontecimento em imagem é colocar-se fora de si, ou seja, é olhar para um outro e poder se reconhecer no que se mostra ou no que está oculto. Só se é humano na dinâmica social, o outro é importante, necessário para a existência do eu, a totalidade da vida é inalcançável, sempre no caminho se está a encontrar.

Quatro vidas, Bruno Davert, Jack, Bobby Darin, Manuela, quatro histórias, cada uma nos mais diferentes momentos, nas diferentes buscas e nos sonhos mais diversos, mas cada uma em sua singularidade individual na busca de encontrar-se ou de descobrir quem se é. Todos os indivíduos apoiaram sua vida em um tipo de pertencimento: trabalho, consumo, sucesso, filho; ambos passaram por momento de perda desses pertencimentos, porém o modo que encontraram de refundar o seu ser foram os mais divergentes. Ao manter o ser no pertencimento não se está pronto para as contingências da vida humana e social, ao contrário, está-se frágil por demasia.

Aceitar que a vida não se justifica por uma concepção é aceitar a plenitude da vida; os meios podem ser limitados, mas os fins não se esgotam, a humanidade os produz, constantemente, de formas surpreendentes. A chave

mestra da vida reside no viver pelo prazer de viver, pelo prazer de poder fazer as próprias escolhas e, consciente de seu potencial, decidir livremente qual será a sua verdade.

Cada vida é única, e só se vive uma vez, não há como passá-la a limpo, voltar atrás, tirar os borrões, arrancar páginas sem deixar um espaço vazio em sua subjetividade. Se é hoje a somatória dos momentos felizes, das conquistas..., mas é também, das perdas, dos erros...; justamente por se ter um passado, pode-se viver e ser cada dia um pouco melhor ou um pouco pior. Definitivamente não se pode viver de lembranças, é preciso ser forte, lembrar e reelaborar para nascer de novo. O ciclo morte <--> vida é ininterrupto e repleto de surpresas.

He ain't heavy, he is my brother (1969) "The Hollies"

A Estrada é longa... e são tantas tribulações,
Aonde isto nos levará?
Quem poderá dizer?
Quem saberá...
Mas, eu me sinto forte...
Forte o bastante para carregá-lo.
Ele não pesa... ele é meu irmão!
E caminharemos juntos
O bem-estar dele é que é importante para mim.
Ele não é nenhum fardo a me atrasar,
E nós chegaremos lá
Porque eu sei... ele não me atrasaria a viagem... nunca
Ele não pesa... ele é meu irmão.
Se eu estou carregando
Tanta coisa pela vida
Eu estou carregando com toda tristeza
Pois, os corações das pessoas não estão cheios de alegria
Do amor de um para com o próximo
E acreditem... a vida é uma longa estrada, da qual não há volta,
Aliás, porque não compartilharmos o amor, enquanto caminhamos?
E a carga... não me pesa em nada, acredite!

Pois, ele não é nenhum peso.
Ele é meu irmão
Ele é meu irmão.
Ele não é nenhum peso, para mim
Ele é meu irmão!

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

_____. O país dos brinquedos: reflexões sobre a história e sobre o jogo. In: AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 79-107.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. de José Rubens Siqueira, São Paulo, Companhia das Letras, 1999

BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005a.

_____. *Vidas desperdiçadas*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005b.

BIRMAN, Joel. *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BOHM, David. *O Pensamento como sistema*. Trad. Teodoro Lorent. São Paulo: Madras, 2007.

CAMUS, Albert. *O Mito de Sísifo*. Trad. Ari Roitman; Paulina Watch. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CARVALHO, Edgard de Assis. Cinema, Educação e Cidadania. *Cultura crítica – Revista Cultural da APROPUC – SP*, n.4, jul./dez., 2008. p. 31-36.

_____. *Enigmas da cultura*. São Paulo: Cortez, 2003.

CYRULNIK, Boris. *De corpo e alma: a conquista do bem-estar*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo, UNESP, 2005.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: _____. *Em defesa da sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 285-315.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *O futuro de uma Ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Trad. do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. p. 67-148.

_____. O futuro de uma ilusão. In: _____. *O futuro de uma Ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos (1927-1931)*. Trad. do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. p. 13-63.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. v. 4.

LELOUP, Jean-Yves. *Deus não existe: eu rezo para Ele todos os dias*. Trad. Karin Andréa de Guise. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LÉVINAS, Emmanuel. *De Deus que vem à idéia*. Trad. Marcelo Fabri; Marcelo Luis Pelizzoli; Evaldo Antonio Kuiava. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

_____. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto (Coord.); Evaldo Antonio Kuiava; José Nedel; Luiz Pedro Wagner; Marcelo Luis Pelizzoli. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MACHADO, Roberto. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2007. p. VII-XXIII.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. Trad. Humberto Mariotti; Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORIN, Edgar. *O método 2: a vida da vida*. Trad. Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana*. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. Da culturálise à política cultural. *Consciências do mundo: Revista Margem da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP*. Trad. Edgard de Assis Carvalho, n. 16, jul./dez., 2002. p. 183-221.

_____. *O cinema ou o homem imaginário*. Trad. António-Pedro Vasconcelos. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

_____. *A noção de sujeito*. In: SCHNITMANN, Dora Fried (Org.). Trad. Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. p. 45-58.

PRIGOGINE, Ilya. O futuro está dado? _____. *Ciência, razão e paixão*. 2. ed. rev. e ampl. Trad. Edgard de Assis Carvalho e outros. São Paulo: Livraria da Física, 2009. p. 101-112.

RIVERA, Tania. *Cinema, imagem e psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2008.

SENNETT, Richard. *A cultura do novo capitalismo*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2006.

_____. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERRES, Michel. *Ramos*. Trad. Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perossi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

_____. *O incandescente*. Trad. Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perossi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

STRAUSS, Frédéric. *Conversas com Almodóvar*. Trad. Sandra Monteiro; João de Freire. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

TODOROV, Tzvetan. *O jardim imperfeito*. Trad. Mary Amazonas Leite de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real: estado de sítio*. Trad. Paulo César Castanheira. São Paulo: Boitempo, 2003.

_____.; DALY, Glyn. *Arriscar o impossível: conversas com Zizek*. Trad. Vera Ribeiro, São Paulo, Martins Fontes, 2006.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CARVALHO, Edgard de Assis. *A Paixão pelo entendimento: Claude Lévi-Strauss e a universalidade da cultura*. *Cronos*, Natal-RN, v. 9, n. 2, p. 301-314, jul./dez. 2008.

MORIN, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008a.

_____. Cinema, educação e cidadania. *Cultura crítica: Revista Cultural da APROPUC – SP*, n. 4; jul./dez., 2008b.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

WALLACE, David Foster. Liberdade de ver os outros. *Revista Piauí*, n. 29, p. 105-106, out. 2008.

ANEXO

“O CORTE”

FICHA TÉCNICA

Título Original: Le Couperet

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 122 minutos

Ano de Lançamento (França / Bélgica / Espanha): 2005

Estúdio: Studio Canal / Canal+ / Eurimages / Wallimage / Les Films du Fleuve / RTBF / K.G. Productions / France 2 Cinéma / SCOPE Invest / Wanda Visión S.A.

Distribuição: Mars Distribution / Pandora Filmes

Direção: Costa-Gavras

Roteiro: Costa-Gavras e Jean-Claude Grumberg, bas. em livro de Donald E. Westlake

Produção: Michèle Ray-Gavras

Música: Armand Amar

Fotografia: Patrick Blossier

Desenho de Produção: Laurent Deroo

Figurino: Laurence Maréchal

Edição: Yannick Kergoat

Efeitos Especiais: L'Etude et la Supervision des Trucages

ELENCO

José GARCIA	Bruno Davert
Karin VIARD	Marlène Davert
Geordy MONFILS	Maxime Davert
Christa THERET	Betty Davert
Ulrich TUKUR	Gerard Hutchinson
Olivier GOURMET	Raymond Mâchefer
Yvon BACK	Etienne Barnet
Thierry HANCISSE	Inspetor Kesler
Olga GRUMBERG	Iris Thompson
Dieudonné KABONGO	Quinlan Longus
Serge LARIVIÈRE	Inspetor de polícia

“CLUBE DA LUTA”

FICHA TÉCNICA

Título Original: Fight Club

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 140 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1999

Estúdio: Fox 2000 Pictures / Regency Enterprises

Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation

Direção: David Fincher

Roteiro: Jim Uhls, baseado em livro de Chuck Palahniuk

Produção: Ross Bell, Cean Chaffin e Art Linson

Música: The Dust Brothers

Direção de Fotografia: Jeff Cronenweth

Desenho de Produção: Alex McDowell

Direção de Arte: Chris Gorak

Figurino: Michael Kaplan

Edição: Jim Haygood

Efeitos Especiais: Digital Domain

Elenco

Edward NORTONNarrador / Jack

Brad PITTTyler Durden

Helena Borham CARTERMarla Singer

Meat LOAFRobert Paulson

Jared LETOAngel Face

Zach GRENIERChefe

Richmond ARQUETTEMédico

“UMA VIDA SEM LIMITES”

FICHA TÉCNICA

Título Original: Beyond the Sea

Direção: Kevin Spacey

Gêneros: Musical, Drama

Ano de Lançamento: 2006

Distribuidora: Focus Filmes

Duração: 118 minutos

País/Ano de Produção: EUA/2004

Áudio: Inglês Dolby Digital 2.0, Inglês Dolby Digital 5.1, Português Dolby Digital 2.0

Idioma: Português, Inglês

Legenda: Espanhol, Português, Inglês

ELENCO

Kevin SPACEY Bobby Darin
Michael BYRNE..... Dr. Andretti
Peter CINCOTTI Dick Behrke
Caroline AARON Nina Cassotto Maffia
Greta SCACCHI Mary Duvan
Brenda BLETHYN Polly Cassotto
Bob HOSKINS Charlie Cassotto
John GOODMAN Steve Blauner
Kate BOSWORTH Sandra Dee
Matt RIPPY David Gershenson

“TUDO SOBRE MINHA MÃE”

FICHA TÉCNICA

Título Original: Todo sobre mi madre

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 101 minutos

Ano de Lançamento (Espanha): 1999

Site Oficial: www.spe.sony.com/allaboutmymother

Estúdio: El Deseo S.A. / France 2 Cinéma / Via Digital / Renn Productions

Distribuição: Sony Pictures Classics / 20th Century Fox Film Distributing

Direção: Pedro Almodóvar

Roteiro: Pedro Almodóvar

Produção: Agustín Almodóvar

Música: Alberto Iglesias

Direção de Fotografia: Affonso Beato

Desenho de Produção: Antxón Gómez

Direção de Arte: Antxón Gómez

Figurino: Sabine Daigeler e José María De Cossio

Edição: José Salcedo

ELENCO

Cecilia ROTH	Manuela
Marisa PAREDES	Huma Rojo
Candela PEÑA	Nina
Antonia SAN JUAN	Agrado
Penélope CRUZ	Hermana Rosa
Rosa María SARDÀ	Mãe de Rosa
Fernando Fernán GOMÉZ	Pai de Rosa
Toni CANTÓ	Lola
Eloy AZORÍN	Esteban
Fito PÁEZ	Expectador

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)